E. THENN DE BARROS

A Juventude e a Vida Sexual

613

5ª Edição

A JUVENTUDE
E A
VIDA SEXUAL

- Procura encarar objetivamente, sem preconceitos, os fatos relativos ao sexo.

- Analisa o funcionamento do impulso sexual, tanto no seu aspecto fisiológico como no psíquico.

- Trata de ensinar sem excitar

E.A.A. ADVENTISTA
BIBLIOTECA
Nº Registro 1510

410.00

A JUVENTUDE
E A VIDA SEXUAL

ESCOLA ADVENTISTA
BIBLIOTECA
UNIÃO DA VITÓRIA

ERNESTO THENN DE BARROS

A JUVENTUDE E A VIDA SEXUAL

Livro destinado aos rapazes do curso colegial e aos universitários, bem como aos pais e educadores.

5.ª EDIÇÃO, ATUALIZADA

LIVRARIA LIBERDADE
Avenida da Liberdade, 655
Caixa postal, 8051 - Tel.: 278-6356
SÃO PAULO

ÍNDICE

Bibliografia 9
Apresentação da 1.ª edição 11
Prefácio da 2.ª edição 13
Explicação ortográfica 17

I PARTE — A FUNÇÃO SEXUAL

Capítulo I — A sexualidade normal 19
Capítulo II — A sexualidade transviada 41
Capítulo III — A moral sexual 59
Capítulo IV — A prostituição 85
Capítulo V — O casamento 101

II PARTE — A ABSTENÇÃO SEXUAL

Capítulo I — A continência 121
Capítulo II — O auto-erotismo 153
Capítulo III — Conflitos de consciência 169
Capítulo IV — A educação sexual 191

III PARTE — PASSADO E ATUALIDADE

Estudo das relações sexuais no terreno bíblico e na época atual 213
Citações 237

BIBLIOGRAFIA

Prof. Augusto Forel: "A Questão Sexual".

Prof. Dr. Giovanni Franceschini: "La Vita Sessuale".

Dr. Pierre Vachet: "A Inquietação Sexual".

Prof. Dr. A. Austregésilo: "Conduta Sexual".

Dr. Mario Alcântara de Vilhena: "Da Continência e seu Fator Eugênico".

Dr. Pedro de Alcântara: "Um Ensaio de Moral Sexual" (Tese apresentada à Faculdade de Medicina de São Paulo).

Havelock Ellis: "Etudes de Psychologie Sexuelle".

Sigmund Freud: "Introduction à la Psychanalyse".

L. D. Weatherhead: "La Maitrise Sexuelle" (Psychanalyse et Religion).

Prof. Dr. Berardinelli: "Noções de Biotipologia".

"Onanie", fascículo da revista: "Zeitschrift für Psychoanalytische Pedagogik", Januar-Marz, 1928.

Ralph W. Sockman: "Morals of Tomorrow".

Julio Navarro Monzó: "Princípios básicos de la Civilización Moderna".

A. Herbert Gray: "Men, Women and God".

Hans Wegener: "Nous les Jeunes!"

"O Problema Sexual", Rio de Janeiro, 1913, com Prefácio de Ruy Barbosa.

Dr. Lyman B. Sperry: "Palestras Confidenciais com os Moços".

Gina Lombroso: "L'âme de la femme".

Decano W. R. Inge: "La Etica Cristiana y los Problemas Modernos".

Walter Lippman: "A Preface to Morals".

Dr. Egas Moniz: "A Vida Sexual".

Dr. Oskar Pfister: "The Psychoanalytic Method".

Marie Bonaparte: "De la Prophylaxie Infantile des Névroses".
B. B. Lindsey: "Companionate Marriage".
Dr. Wilhelm Stekel: "A Educação dos Pais".
" " " "Auto-Erotism" (trad. americ. 1949 da obra "Onanismo e Homossexualidade").
" " " "La Impotencia en el Hombre".
Dr. Théodore Bovet: "Le Mariage, ce Grand Mystère".
Prof. Henry Leenhardt: "Le Mariage Chrétien".
A. C. Kinsey: "Sexual Behavior in the Human Male".

APRESENTAÇÃO DA 1.ª EDIÇÃO

pelo Prof. Dr. J. Barbosa Corrêa

Catedrático de Clínica Médica da Escola Paulista de Medicina

De grande responsabilidade é a tarefa de escrever livros sôbre educação sexual. É empresa que deve caber apenas a quem possua os necessários conhecimentos biológicos e psicológicos, assim como base moral muito sólida.

O Professor Ernesto Thenn de Barros satisfaz plenamente os requisitos exigíveis. Tem sólidos conhecimentos da matéria, orientação moral que eu não saberia criticar e, acima de tudo, ama sinceramente a juventude, com a qual tem convivido longos anos como acatado professor.

O livro que ele agora oferece aos jovens é escrito com louvável simplicidade, porém as noções de Anatomia e Fisiologia dos órgãos reprodutores que expõe são as que a ciência atualmente aceita como exatas. Na explanação dos respectivos capítulos o autor sabe evitar escolhos em que muitos tropeçaram. Conserva-se ele na justa medida, nem profundo a ponto de ficarem ininteligíveis as explicações ao comum dos moços, nem tão sucinto que se tornasse desinteressante a leitura. Contudo, o que mais notável é, em todo o seu livro conseguiu explicar e ensinar sem excitar.

Os médicos são, no campo clínico, observadores diários das lamentáveis conseqüências da educação sexual má ou nula. Neste último caso, são os erros cometidos na mocidade, e alcançando mesmo a família. São, principalmente, as doenças venéreas, que ainda infelizmente muitos ignorantes chegam a acreditar serem acidentes normais e inevitáveis... A propaganda médica, que vulgariza noções de higiene sexual, vai obtendo êxito, não há dúvida, mas a garantia absoluta contra estas afecções é ainda a praxe aconselhada pelo autor, a continência até o casamento.

Mas é também no campo psicológico que uma boa educação sexual se torna vantajosa. Errôneas idéias acêrca da sexualidade trazem aos consultórios médicos muitos "nervosos", "psicastênicos", "tímidos", que são apenas vítimas de infundados sentimentos de culpa, causadores de conflitos íntimos assaz deletérios para o equilíbrio psíquico. A orientação do autor, que não cria falsos preconceitos, nem atemoriza com imaginárias conseqüências, é, na minha opinião, muito louvável.

A meu ver, pois, o livro do Professor Ernesto Thenn de Barros deve ser recomendado aos jovens, aos pais e aos professores.

J. Barbosa Corrêa

Janeiro de 1945.

PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO

Ao lançar à publicidade este manual, fomos levado ùnicamente pelo desejo de auxiliar os jovens a resolverem honestamente os árduos problemas do sexo. A matéria tem sido amplamente ventilada por diversos autores, inclinando-se uns a constatar meramente os fatos e as exigências da natureza, outros apresentando idealmente os princípios morais que devem orientar a conduta, mas deixando de relacioná-los com as possibilidades humanas. Pareceu-nos conveniente rasgar, em meio deste enredado cipoal, formado pelos fatos da Fisiologia, da Psicologia e da aspiração moral, uma vereda que conduzisse a bom termo o jovem, trilhando sempre o inevitável terreno da realidade humana e suas possibilidades.

Os problemas aqui tratados pressupõem um certo desenvolvimento intelectual; a obra se destina aos rapazes do curso colegial e aos universitários, bem como aos pais e educadores. Se descemos a certas explanações rudimentares do funcionamento sexual, foi por questão de método: lògicamente deve-se partir dos fatos simples para depois analisar os mais complexos.

A educação consiste em orientar o educando para o desenvolvimento de suas melhores faculdades e sentimentos, a fim de adquirir ele uma personalidade equilibrada, livre e digna. Este processo não se realiza por meio de imposições autoritárias, mas sim no terreno da confiança. E uma das condições para criar a confiança é nunca falsear a verdade. Os pais e educadores só conseguirão

manter a confiança do menor enquanto mantiverem absoluta sinceridade e franqueza, revelando-lhe toda a verdade compatível com sua compreensão e apontando-lhe o procedimento recomendável.

Este é o critério que seguimos no presente livro. Julgamos prejudicial encobrir parte da verdade, ocultar dificuldades, com o intuito de incitar o jovem a um mais intenso esforço moral. As meias verdades são também meias falsidades e nada de duradouro se constroi nesse terreno. Apraz-nos comparar o problema da continência a uma ponte, vacilante e esburacada, suspensa sobre rio caudaloso. É o único meio de atravessá-lo e é necessário fazê-lo. Erraria quem descrevesse a ponte como sólida, seria loucura um cavaleiro atravessá-la a galope, como se fosse terra firme. Mas passo a passo, cauteloso, ele a pode transpor. E trate de não ficar parado no meio!

O problema da castidade se apresenta com maior acuidade para os jovens que alimentam convicções religiosas e procuram cingir-se à moral cristã. Os outros encontram, por vários meios, um desafogo à premência do sexo, mas, ao mesmo tempo, privam-se da fôrça moral que a religião oferece à construção de um caráter nobre. Esta obra destina-se, pois, particularmente, àqueles sue ambicionam pautar sua vida por princípios morais e que se encontram perplexos diante das dificuldades que seu nobre propósito acarreta. Esperamos que este modesto esforço contribua para atenuar o conflito entre as exigências da moral e as possibilidades da natureza humana, condicionada pela sociedade, de modo a desobstruir o caminho para a prática da vida cristã.

* * *

Cumpre-nos prestar aqui uma homenagem de profunda gratidão e saudade ao nosso distinto amigo e eminente clínico, prof. José Barbosa Corrêa, cuja orientação bondosa nos auxiliou na elaboração desta obra em sua 1.ª edição. Na parte referente à fisiologia sexual, nada alteramos agora do que foi publicado então.

Recentemente tivemos em mãos a obra importantissima "Sexual Behavior in the Human Male", publicada em 1948 sob os auspícios dos profs. A. C. Kinsey, W. B. Pomeroy e C. E. Martin, baseada em investigações realizadas por membros do corpo docente da Universidade de Indiana (Estados Unidos), sob a orientação do National Research Council e financiada pela Fundação Rockefeller. Os fatos da vida sexual, apresentados na referida obra, são o resultado de pesquisas científicas baseadas em cêrca de 12.000 entrevistas confidenciais com indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais e em todos os períodos da vida. Esta ampla investigação, a maior realizada até o presente, procurou pesquisar todas as manifestações da sexualidade, do ponto de vista científico, sem quaisquer preconceitos ou orientação moral a priori. *Se bem que a obra declare repetidamente que se mantém ùnicamente no terreno da observação científica, deixando aberta a outros a discussão dos problemas morais, seus resultados são valiosíssimos para se estabelecerem os fatos da natureza sexual com os quais devem contar os que se propõem orientar a educação moral da mocidade.*

As conclusões obtidas por essa investigação comprovam que, em linhas gerais, estava certa a orientação que adotáramos na 1.ª edição deste livrinho, baseando-nos

em publicações e informações pessoais de diversas procedências, num esforço para nos libertar de certas idéias tradicionais, inaceitáveis à luz dos fatos. É certo que discordamos do relatório Kinsey em importantes questões de moral, pois aquela obra considera o sexo ùnicamente do ponto de vista biológico, ao passo que para nós o problema precisa levar em conta também o fator espiritual. Entretanto, reconhecemos que a questão sexual descansa em cheio no terreno da Biologia. É sobre esta base que havemos de edificar uma concepção moral da sociedade.

Numa obra como esta, de orientação para a juventude, pareceu-nos mais conveniente não nos ocupar demasiadamente com teorias de determinada escola, mas cingir-nos aos fatos e tirar deles as lições práticas aconselháveis. Conservamos um mínimo de conceitos da escola psicanalítica, que servirão para mostrar quanto a vida sexual está entrelaçada com processos psíquicos que a moral cristã precisa levar em conta.

* * *

Em novo capítulo, acrescentado à 4.ª edição, apresentamos um "Estudo das relações sexuais, no terreno bíblico e na época atual". Este estudo interessa mais aos adultos que se preocupam com a chamada nova moralidade, do que aos jovens, que poderão deixar sua leitura para época ulterior.

O AUTOR

EXPLICAÇÃO ORTOGRÁFICA

O leitor notará que omitimos o acento chamado diferencial ou diacrítico, nos casos em que ele é perfeitamente inútil e se torna embaraçoso, pois sua aplicação nas palavras homônimas dá motivo a dúvidas. Escrevemos, pois (sem acento): portuguesa, francesa, selo, selos, eu selo, o emprego, eu emprego, ele, este, esse, aquele, etc.

O fato é que nem a grande imprensa observa convenientemente a acentuação oficial (por exemplo, não acentua os proparoxítonos — o que seria fácil e vantajoso fazer) e geralmente não emprega o diacrítico. Por que deveriam usá-lo os autores de livros? Os próprios escritores se vêem na contingência de entregar seus originais a "técnicos", versados nos meandros da acentuação acadêmica. É absurdo que uma pessoa medianamente culta não possa escrever a língua nacional, sem estar freqüentemente consultando o dicionário, por causa dos bizantinismos da acentuação.

Não pretendemos legitimar preferências pessoais. Apenas estamos aguardando que as academias e autoridades se dignem solucionar o problema, dando-nos normas ortográficas menos rebuscadas, que permitam ao homem da rua escrever corretamente, sem embaraço. Já passou a época de uma escrita própria para mandarins. Até lá, procuraremos empregar o sistema ortográfico oficial (de 1943), dispensando-nos dos exageros do acento diferencial. Sentimo-nos amparados pela opinião do Professor Th. H. Maurer Jor, da Universidade de S. Paulo, o qual escreveu:

"De fato, o acento diferencial não tem nenhuma função real nessas palavras (as homógrafas)... Há, porém, algumas regras de acentuacão que nasceram de uma preocupação de perfeição científica inatingível e pouco racional. É preciso simplificar o sistema nestes pontos, se quisermos uma ortografia que realmente possa ser aprendida e usada, ao menos pelas pessoas cultas do país." ("Folha de S. Paulo" - 21-6-57)

I PARTE

A FUNÇÃO SEXUAL

CAPÍTULO I

A SEXUALIDADE NORMAL

O impulso sexual, cujas raízes penetram no mais profundo de todos os seres vivos, adquire na espécie humana uma grande amplitude em conseqüência do desenvolvimento mental do homem. Acresce que a civilização estabeleceu condições de vida que exercem influência importantíssima sôbre o instinto da reprodução, restringindo e dirigindo suas manifestações, em benefício da sociedade. O ideal não seria abolirmos tôdas as limitações que a vida civilizada impõe, em todos os seus aspectos, e voltarmos à selvajaria primitiva, pois, se isto fizéssemos, perderíamos os imensos benefícios da cultura, que busca proporcionar ao homem maior bem-estar físico e moral, isto é, maiores elementos de felicidade. Concluímos que a sexualidade merece ser cuidadosamente estudada para que se lhe dê uma orientação sábia, pois esta fôrça extraordinária, se for mal compreendida e mal dirigida, pode ser causa de grandes desgraças.

Trataremos, pois, de compreender a energia sexual, sua natureza e manifestações, afim de utilizarmos essa força para o bem do indivíduo e da sociedade.

Origem do desejo sexual e seu mecanismo — Vejamos primeiro em que consiste o desejo sexual, qual a sua

origem. Esta questão nos levará a um estudo um tanto aprofundado da vida na natureza, mas vale a pena fazê-lo.

Tudo o que vive obedece à tendência a aumentar, a crescer sem limites. Observamos, entretanto, que os seres individuais encontram barreiras a um crescimento sem fim, já porque o espaço de que dispõem é limitado, como sucede com os vegetais, por exemplo, já porque sua existência tem um têrmo. A tendência ao crescimento impele, pois, os seres a perpetuar a vida e a aumentá-la por meio da reprodução. Assim é que as células nutrem-se, crescem e se dividem, para formar novas unidades, e os seres superiores multiplicam-se pela reprodução sexuada. A natureza dotou os seres com uma poderosa atração, com o fim de se reproduzirem e de perpetuar a vida. Entre os seres unicelulares, muitos há em que uma célula penetra a outra no ato da união; combinando-se ìntimamente suas substâncias, dissolvendo-se uma na outra, tendo como resultado darem ao novo ser uma maior energia de crescimento. Entre as plantas e os animais inferiores a vida se propaga, já por meio de brotos alimentados à custa dos velhos troncos, já pelas células masculinas ou pólen a fecundarem as células femininas, dando origem a germes que se desenvolverão em novos indivíduos. O mesmo processo de reprodução se observa entre as madréporas e outros animais aglomerados, nos quais ainda não se desenvolveu um único sistema nervoso central que pudesse coordenar num só organismo os primitivos seres aglutinados. Subindo na escala animal, encontraremos os seres superiores, nos quais a primitiva aglomeração de vários indivíduos se unificou numa só entidade, pelo aparecimento de um grande aparelho vital, o sistema nervoso, que se torna o diretor mental do organismo, dando-lhe o caráter individual e a faculdade de se mover. Nesta unidade superior, proveniente do aparelho nervoso, manifesta-se cada vez mais a vida psíquica, nos seus aspectos de inteligência, sentimento e vontade.

O sistema nervoso passará a desempenhar função importantíssima no processo da reprodução.

Ao se desenvolver e se tornar mais diferenciada a vida animal, desde que cada ser é portador de apenas uma das células sexuais (a masculina ou a feminina), a espécie havia de desaparecer se as masculinas não pudessem alcançar as femininas, por um diligente esforço de todo o indivíduo. "Assim se produz," diz Forel, "o fenômeno maravilhoso que faz com que o desejo de crescer e propagar-se, originàriamente próprio da célula masculina, venha a impregnar o sistema nervoso, ou melhor, a vida da alma no seu íntimo, a vida da unidade superior, o indivíduo. Um desejo ardente, um impulso poderoso desencadeia-se no sistema nervoso do ser púbere, arrastando-o para o outro sexo. O cuidado e o prazer da conservação do eu, que até então preocupavam exclusivamente, apaga-se diante do novo impulso. O desejo de procriar predomina. Um único prazer, um só desejo, uma só paixão se apodera do indivíduo, impelindo-o para um indivíduo do outro sexo: abraçar-se com êste, fazer um só corpo de dois, pelo contacto íntimo, pela penetração. É como se o sistema nervoso ou o ser inteiro se sentisse momentâneamente tornado em célula germinativa, tão forte se manifesta o desejo voluptuoso da fusão sexual' [1].

Em tôdas as espécies do reino animal podemos observar o mesmo anseio pela união dos indivíduos de sexos diferentes, com que a natureza zela pela perpetuação da vida. Em sua linguagem própria, com zumbidos ou urros, com pios ou gritos, com ostentação de plumagem ou melodiosos trinados, o macho de cada espécie procura atrair a companheira, ou persegue-a fogosamente a fim de dominá-la, ou desenvolve astúcia para conseguir a almejada união. Muita vez a fêmea finge esquivar-se, fugindo, porém é apenas um simulacro de oposição, destinado a mais avivar o ardor do companheiro. Entre as borboletas e os pássaros vemos que só ao cabo de fatigante esvoaçar, que lhe põe à prova a tenacidade, consegue o

macho o objetivo de seus esforços. Porém, em outras espécies em que o macho é menos lesto, acontece vir a fêmea ao encontro deste ou não opor resistência, por exemplo entre certas formigas em que a fêmea tem asas e o macho é desprovido delas. Em tôdas estas manifestações ressalta o cuidado da natureza em favorecer a aproximação dos sexos, com o fito da procriação.

A natureza tem caprichos extraordinários para assegurar a reprodução de certas espécies. Conhece-se o caso das borboletas Saturnias, que vivem durante meses em estado de largata, alimentando-se de folhas, e que passam muito mais tempo, às vêzes até dois anos, encerradas em casulos, na aparente paralisação da vida. Passado este longo letargo, a borboleta rompe a estreita prisão e desdobra possantes asas artìsticamente coloridas. Particularidade notável, o seu tubo intestinal é apenas rudímentar, pois ela não precisará alimentar-se em sua curta vida sob a forma alada; toda a sua energia será dedicada à reprodução. A fêmea deixa-se ficar tranqüila, à espera do macho, que é provido de grandes antenas, lindamente ramificadas e que lhe servem para perceber o odor da companheira, à incrível distância de vários quilômetros. Saído do casulo e logo que suas asas se enrijam, atira-se ele através dos bosques num esforço ardoroso para alcançar o objeto de seus desejos, antes de seus competidores. Aquele que primeiro chega, atira-se sobre a fêmea e a sua felicidade se resume em curtas horas de sacudidelas e bater de asas. Havendo cumprido a sua finalidade procriadora, êle expira logo depois, esgotado por seu esforço. Seus rivais também morrem, perdidas as forças pelo longo vôo e a falta de alimento, sem terem mesmo podido saciar o seu desejo. Após a cópula, a fêmea procura plantas verdes para garantirem a alimentação da futura prole e aí põe os ovos fecundados. Findo o objetivo da sua curta vida, morre também.

Nos seres inferiores o instinto sexual se resume todo na satisfação do desejo momentâneo. Cumprida a função

reprodutora, desaparece a atração sexual e às vezes se extingue a própria vida. Nos animais superiores, entretanto, já se desenvolve uma simpatia mais ou menos permanente entre os sexos, que vivem acasalados, como por exemplo os leões. O homem, como os outros seres, não escapa à embriaguez dos sentidos produzida pela paixão sexual, porém nele a atração do instinto, colorida por todas as faculdades da alma e entretecida com os laços duradouros do afeto, assume a dignidade de um sentimento moral a que chamamos amor.

Façamos, agora, com Forel, uma pequena análise do mecanismo íntimo que faz surgir o desejo sexual. Este desejo é um instinto profundamente enraizado no ser, herança remotíssima de antepassados animais. Assim como o estímulo da fome serve para a conservação do indivíduo, assim o apetite sexual garante a perpetuação da espécie, promovendo a reprodução. Todos os desejos são o resultado de um impulso à ação, o indivíduo se sente ìntimamente arrastado a praticar um ato, embora este nem sempre possa realizar-se, devido a impedimentos de toda sorte. Este impulso interior que leva o indivíduo a agir é proveniente de uma ou mais sensações ou estímulos nervosos. Forel prova que o instinto da postura dos ovos só é despertado na mosca dos cadáveres quando esta sente o cheiro da putrefação. Quando se lhe suprimem as antenas, onde se acham os órgãos que lhe permitem a percepção do odor, ela cessa de pôr. Por aí se vê como o instinto da reprodução é posto em ação por certas sensações que atuam mecânicamente sôbre o indivíduo.

"O mecanismo dos desejos é, pois, um mecanismo inferior, e tem sede nos centros nervosos primordiais" (2). Isto se comprova ainda pela experiência feita com grilos. Este inseto é capaz de praticar a união sexual mesmo privado de cérebro, contanto que as sensações associadas ao ato atinjam os centros nervosos sexuais.

O mecanismo dos desejos, segundo afirma Forel, é um processo herdado desde tempos imemoriais, dos seres que precederam o homem sobre a terra. Este aparelho, composto de movimentos reflexos coordenados que se seguem em sucessão determinada, funciona automàticamente sob o impulso das sensações. "O amor, como tudo quanto o acompanha, pertence à nossa alma, ou melhor, à atividade de nosso grande cérebro, mas é produzido por uma irradiação secundária do desejo sexual."

Após irromperem no grande cérebro as idéias sexuais provenientes do instinto subconsciente, são desenvolvidas pela imaginação e associadas a outras idéias; estas, por sua vez, atuam fortemente sobre o desejo sexual, intensificando-o, contrariando-o ou transformando sua natureza e finalidade.

Transformações da puberdade — A vida humana percorre quatro períodos característicos: a meninice, a juventude, a madureza e a velhice, todos eles relacionados com a função sexual. Assim é que a infância e a meninice se distinguem pela falta de desenvolvimento dos órgãos reprodutores, a puberdade e a juventude marcam a entrada em atividade das glândulas sexuais, a idade adulta corresponde à madureza da função reprodutora e a velhice ao declínio do vigor genital. Cada um desses períodos da vida sexual tem sua fisionomia morfológica particular, segundo a qual o indivíduo apresenta formas corporais que são características de sua idade.

Entre os diversos períodos da vida humana, a transição que apresenta mais notáveis mudanças é a da puberdade, com que se inicia a adolescência ou juventude, aos doze anos de idade aproximadamente. O aspecto do rapaz se modifica, seu corpo apresenta-se mais ereto, o peito se alarga, dando lugar a maior desenvolvimento dos pulmões, os músculos se desenvolvem e se enrijam, o lábio superior se cobre de um fino buço que se transformará em bigode, os pelos rebentam gradualmente

sobre todo o corpo e vão-se tornando mais espessos na face, no peito, nas axilas e no púbis, que é a parte do ventre situada logo acima do membro viril. Do crescimento de cabelos no corpo (do latim **pubes**, pelo) origina-se a designação desta idade como sendo a **puberdade.** A laringe apresenta então transformações típicas, as cordas vocais se alongam e o timbre da voz altera-se. O menino que tinha, como a menina, uma voz de soprano, passa a emitir os sons cheios e profundos de baixo ou adquire a voz argentina do tenor. No período de transição aparece às vezes uma voz de falsete, de efeito bastante cômico, em que os rapaz ora emite sons agudos, ora graves, numa vacilação involuntária, até que se firme a tonalidade própria da voz. Às vezes se manifesta nesta idade um certo desajustamento nas atitudes, um constrangimento nas maneiras que revela as mutações íntimas por que está passando o jovem. Os gostos se alteram, ele perde o interesse pelos brinquedos infantis e sente uma tal ou qual insegurança no afirmar as inclinações e interesses viris que lhe despontam na alma.

Estas alterações do caráter criam, às vezes, uma situação difícil para o adolescente, com relação aos seus educadores. As novas energias que lhe fervem na alma tornam o rapaz rebelde à disciplina, insubmisso. Ele pretende reivindicar para si todos os privilégios de homem, mas não tem ainda o critério e a necessária madureza para o uso pleno da liberdade. A efervescência dos novos impulsos que o dominam pode até provocar penosos atritos com os pais e levá-lo a abandonar a casa. Conhecendo-se, entretanto, que estas perturbações têm uma causa natural e passageira, deverão os pais e os jovens procurar meios conciliatórios para resolver as dificuldades que surgirem.

Nada contribuirá mais para auxiliar o rapaz a formar uma personalidade equilibrada e senhora de si que ter diante dos olhos um alto ideal que o impulsione para as grandes realizações humanas. A leitura de biografias de

homens ilustres, que se tornaram os benfeitores da humanidade por sua coragem, sua abnegação, pela tenacidade e espírito de sacrifício que lhes asseguraram as vitórias da ciência, as grandes invenções, as obras de altruísmo e de aperfeiçoamento social, tudo isso incentivará no peito juvenil as energias latentes para o bem e lhe proporá um nobre objetivo à vida. Este idealismo entusiasta se torna necessário para sobrepujar a ação deletéria das paixões egoístas e do cepticismo ambiente, a fim de fazer da geração que surge os cavaleiros andantes de uma pátria grande, no seio de uma nova humanidade solidária.

Aparelho genital e processo da reprodução — Estas transformações tão profundas, no físico e no caráter do rapaz, devem-se exclusivamente à função fisiológica dos órgãos reprodutores, isto é, à absorção, pelo organismo, de alguns sucos produzidos pelas glândulas genitais. Isto nos leva ao estudo do aparelho da geração. Nenhuma razão existe para que deixemos de tratar do assunto com clareza e simplicidade. Os órgãos reprodutores não são menos dignos que qualquer outro do nosso corpo, e a função sexual é das mais nobres que se possa imaginar, pois ela serve para unir os esposos pelos fortes laços do amor e os habilita a chamar à vida novos seres. Os preconceitos de um falso pudor estão desaparecendo, para dar lugar à singeleza e seriedade com que este assunto deve ser esclarecido. O mistério com que se pretenda envolver os fatos sexuais é que desperta uma curiosidade malsã e preocupa a mente de um modo prejudical.

Os órgãos reprodutores do homem compreendem duas glândulas, chamadas **testículos**, que se acham encerradas na bolsa pendente entre as coxas, denominada **escroto**; e o **pênis** (pop. **vêrga**) ou membro viril, destinado a introduzir os germes fecundantes no órgão feminino. Os testículos produzem o **sêmen**, também chamado **esperma**, líquido que contém os **espermatozóides** ou germes masculinos. O líquido seminal, produzido constantemente pelos testículos, não fica depositado no escroto,

porém se escoa por dois **canais deferentes**, indo ajuntar-se em duas bolsas situadas no abdômem, entre a bexiga e o reto, e que se denominam **versículas seminais**. No testículo também se encontram as chamadas células intersticiais, que são as produtoras do **hormônio**, substância reguladora dos caracteres secundários e de todo a virilidade. No fim do coito (relação sexual), bem como na polução, o líquido seminal é expulso pelos **canais espermáticos** indo ter ao canal da bexiga (uretra) que percorre o pênis. A natureza patenteia aqui a tendência à economia da estrutura, utilizando o mesmo canal para a descarga da urina e a expulsão do sêmen. Aliás, não há qualquer dependência entre o aparelho urinário e o sexual, apenas a comum utilização da uretra. Ejaculação é a expulsão do esperma. Na extremidade do pênis se encontra a **glande**, que é provida de grande sensibilidade e se acha coberta por uma pele denominada **prepúcio**, que convém afastar por ocasião do banho, a fim de proceder ao necessário asseio. Em alguns indivíduos o prepúcio é muito apertado e, pela fricção sobre a glande, produz excitação sexual, além de dificultar a limpeza e causar irritações locais. Pode-se remediar este pequeno defeito por meio de uma simples operação cirúrgica, a circuncisão, que consiste em suprimir o prepúcio, deixando descoberta a glande.

No pênis estão os corpos cavernosos, constituídos de um tecido esponjoso; pela grande afluência de sangue durante a excitação sexual, estes tornam-se rígidos, dando ao pênis dureza e aumento de volume, constituindo enfim o que se chama ereção. O ideal seria que tal ereção do membro só se produzisse por ocasião das relações sexuais. Entretanto, ela é também a conseqüêucia natural de sonhos sensuais ou eróticos que sobrevên a todo indivíduo após a puberdade. Igualmente no estado de vigília pode dar-se a ereção, provocada por leituras ou cenas de natureza sexual, ou ainda por conversa libidinosas. A ereção pode também ser causada mecânicamente, por exercícios como o cavalgar ou por subir num tronco ou,

ainda, pelo contacto da mão. O jovem zeloso da sua integridade moral procurará inteligentemente afastar quaisquer causas de ereção. Não deverá, entretanto, impressionar-se quando ela ocorrer, o que sucede freqüentemente na época agitada da puberdade. O melhor processo para afastar a excitação sexual é fixar a atenção sobre qualquer outro assunto de interesse, como, por exemplo, uma leitura ou uma conversa com pessoa amiga ou uma leve atividade física. Distraída a atenção, o afluxo sanguíneo nos órgãos sexuais diminuirá gradualmente, não havendo necessidade de ejaculação para produzir alívio da incômoda tensão do membro.

O processo da reprodução efetua-se do seguinte modo: Após a época da puberdade, marcada na mulher pelo aparecimento mensal de um fluxo sanguíneo (menstruação ou regras), os ovários desprendem periòdicamente uma célula feminina ou **óvulo**, de tamanho microscópico. O encontro do espermatozóide com o óvulo se dá geralmente na trompa, tubo que conduz este ao **útero**; fecundado o ovo, ele se fixa na parede interna do útero, que é um órgão muscular oco, onde se desenvolverá. Se não se der o encontro entre um espermatozóide e o óvulo, este será expulso ao cabo de algum tempo através da **vagina**, canal externo do aparelho feminino.

Em se tratando de uma virgem, a vagina se encontra parcialmente fechada por uma tênue membrana, o **hímen**. Chama-se desvirginamento a ruptura do hímem em conseqüência da união sexual.

Ao alto dos pequenos lábios, que se encontram na entrada da vagina, aparece um órgão denominado **clitóris** que, de alguma forma, se assemelha ao pênis, porém é de pequeninas proporções. Ele é susceptível de ereções e tem por função proporcionar à mulher sensações voluptuosas por ocasião da união sexual. Em conseqüência dos movimentos de fricção na vagina, o órgão masculino descarrega aí uma pequena quantidade de líquido

seminal, contendo cada ejaculação milhões de espermatozóides (segundo alguns autores, o número deles orça por 200 milhões, segundo outros, vai até 500 milhões). Desses milhões de espermatozóides emitidos numa união sexual, apenas **um** poderá ser aproveitado na fecundação do óvulo, todos os demais estão destinados a perecer.

A união sexual denomina-se cópula ou coito. Ela exprime e consagra o máximo grau de exaltação amorosa entre um homem e uma mulher.

Os espermatozóides são dotados de rápidos movimentos que lhes permitem penetrar através do colo uterino. Aquele que primeiro consegue alcançar o óvulo depositado na trompa, penetra nele e, fundindo-se ambos, dão origem ao germe que crescerá gradualmente, transformando-se no embrião que virá a ser a criança. Ao cabo de nove meses esta, chegada ao seu termo, é expulsa da matriz através da vagina: nasce.

Aspecto biológico da sexualidade. Os hormônios — Recentes pesquisas biológicas vieram derramar muita luz sobre o funcionamento do impulso sexual. Estas experiências revelaram que o instinto de reprodução é estimulado pela secreção das glândulas sexuais, a saber: os testículos no macho e os ovários na fêmea. Estas glândulas que produzem, como dissemos, uma o esperma ou semente masculina, a outra o óvulo destinado a ser fertilizado pelo espermatozóide, segregam também certas substâncias reguladoras, denominadas **hormônios**. Estas substâncias, levadas pelo sangue, difundem-se por todo o corpo, exercendo notável influência sobre diversos órgãos. São os hormônios que produzem as modificações típicas da puberdade, caracterizadas pelas transformações do aspecto físico e dos sentimentos e inclinações dos jovens nessa idade. Entre os animais irracionais, diversas espécies apresentam notáveis transformações provocadas pela ação dos hormônios, tais como a juba dos leões, os grandes galhos dos cervos, a crista dos galos.

A influência das glândulas sexuais não se limita ao campo físico, manifesta-se também na índole e hábitos dos seres submetidos à ação dos hormônios.

Fizeram-se experiências para se investigar a influência dos hormônios na produção dos caracteres sexuais, suprimindo-se as glândulas genitais, no macho e na fêmea, a fim de se estudarem os resultados da castração; completaram-se as experiências com a transplantação do tecido glandular em animais que haviam sido castrados, ou com a injeção de suco glandular. As interessantes pesquisas realizadas pelo prof. Pézard permitiram estabelecer claramente a dependência que existe entre os caracteres sexuais secundários e a ação dos hormônios. Para objeto da experimentação foram escolhidos galináceos, espécie que apresenta grande diferenciação entre o macho e a fêmea. No galo, os caracteres sexuais secundários são fàcilmente reconhecíveis: compõem-se de órgãos eréteis, como a crista, barbelas e brincos, plumagem vistosa no pescoço e na cauda; esporas, canto típico e instinto cambativo.

Fazendo a castração num galo antes de se manifestarem os caracteres sexuais, resulta surgirem no tempo próprio as esporas e a bela plumagem do galo comum. Porém a crista, as barbelas e os brincos não se desenvolvem, permanecendo de pequenas proporções, como na galinha. Também o canto, o ardor combativo, o instinto sexual não se manifestam no capão. O galo castrado, como o frango que ainda não é apto para a função reprodutora, é tímido diante das galinhas, cujos maus tratos receia.

Se a castração for praticada num galo adulto, vê-lo-emos perder pouco a pouco certos caracteres sexuais e assemelhar-se, finalmente, ao aspecto do capão acima descrito.

Se, numa terceira experimentação, forem enxertados em galos castrados os testículos tirados do galo adulto,

reaparecem o canto com o ardor sexual e o instinto combativo; também os órgãos eréteis se desenvolvem novamente. Consegue-se o mesmo resultado fazendo injeções de suco testicular.

Fica assim provado, que, no galo, a secreção interna da glândula genital produz o crescimento dos órgãos eréteis (crista, barbela e brincos) e condiciona o aparecimento do canto, do impulso sexual e do ardor combativo.

Vejamos agora o resultado de experiências semelhantes na galinha. A castração, isto é, a eliminação dos ovários, faz crescer nas galinhas as esporas e a plumagem própria do galo, porém a crista, barbelas e brincos se conservam do tamanho comum nas fêmeas. O canto masculino e a inclinação pela luta também não aparecem. Porém a galinha castrada toma atitudes de galo, perde o instinto maternal, próprio da fêmea, e não manifesta tendência para chocar, nem para criar.

Finalmente, em outra série de experiências, foram enxertados testículos de galo em galinhas, e ovários delas nos machos. Na galinha que recebeu enxerto de testículo produz-se o desenvolvimento da crista, barbelas e brincos. No galo enxertado com a glândula feminina observa-se diminuição das esporas e da bela plumagem, como resultado da secreção ovariana.

Destas experiências se conclui que, na galinha, a secreção dos ovários é que regula a inclinação sexual feminina e o instinto maternal. Quanto às esporas e à plumagem, são caracteres neutros, próprios da espécie em ambos os sexos, porém condicionados pela secreção ovariana que impede a manifestação destes caracteres na galinha adulta.

As experiências de castração e enxerto de glândulas genitais, praticadas nos animais, demonstram, pois, que as características de cada sexo surgem sob a ação das substâncias que essas glândulas segregam e que são

absorvidas pelo organismo. Mas, poder-se-ia indagar: na espécie humana dar-se-á o mesmo? As manifestações da sexualidade no homem serão também dependentes da influência dos hormônios? Não seria possível praticar em indivíduos humanos, a título de experimentação, as operações feitas nos galináceos. Porém a vida nos apresenta inúmeros casos que provam ser o instinto sexual, com seus caracteres secundários, condicionado pelo funcionamento das glânduas da reprodução. Não só vítimas de acidentes e de moléstia têm sido privadas desses importantes órgãos, como também persistiu durante muitos séculos o costume bárbaro da castração de rapazes para empregá-los em certas atividades especiais. Antigamente submetiam-se à castração os cantores da Capela Sixtina, em Roma, a fim de conservarem a voz aguda da infância. Também essa operação era praticada em indivíduos destinados à guarda de mulheres, em diversos países onde a poligamia era uma instituição legal. As esposas, encerradas no harém, eram confiadas aos cuidados de homens castrados, denominados eunucos.

Averiguou-se que a extirpação dos testículos em rapazes impúberes, privando o seu organismo dos hormônios no tempo próprio, impede que surjam as características da sexualidade masculina: os pelos não se desenvolvem, a pele conserva-se fina e lisa como na mulher, as cordas vocais não se alongam e a voz permanece fina como a da criança. No eunuco não se manifesta plenamente o impulso sexual. Ele é impotente, de índole dócil, vontade fraca e opiniões volúveis. É um homem desvirilizado.

No sexo feminino contatam-se transformações análogas, provenientes da falta da função ovariana. Entre muitos exemplos se conhece o mencionado na antiguidade por Hipócrates, que cita o caso de uma mulher cujas regras haviam cessado. Em seguida seu corpo tomou aspecto masculino, ela se tornou peluda e barbada, a voz se fez rude. Chama-se virilismo essa transformação pela

qual a mulher perde as características próprias do seu sexo, que são substituídas pelas masculinas. Este fenômeno não só afeta o aspecto físico da mulher, como também atinge o seu caráter, que passa a revelar pendores masculinos. Tumores de outras glândulas internas, como a supra-renal, também podem causar o virilismo.

Diferenças da tendência sexual entre os animais e o homem — Vimos, portanto, que o impulso sexual na espécie humana, como nos animais, depende da ação dos hormônios segregados pelas glândulas genitais. Não quer isto dizer que o amor do homem e o do bruto sejam idênticos; bem longe disto. Uma primeira diferença que encontramos entre um e outro é que o amor humano encerra um elemento de escolha quanto ao objeto do seu afeto, e de fixação nesse ser amado, ao passo que a atração sexual nos demais seres manifesta-se segundo o acaso dos encontros e as épocas naturais do acasalamento. Nestes períodos, fenômenos fisiológicos excitam nas fêmeas o instinto reprodutor, provocando o estado de cio. Entretanto, a verdade de que 'a natureza não dá saltos', mas os processos naturais vão-se diversificando gradativamente nas diferentes espécies, vemo-la exemplificada no acasalamento dos animais superiores, entre os quais já se estabelece a fixação do impulso sexual num casal determinado, em que o macho e a fêmea passam, por assim dizer, a constituir 'família'. Isto é comum entre as aves que, após constituirem o seu "lar", desvelam-se pela criação da ninhada. A escolha dos pares como se observa entre os pombos, que selam o seu "noivado" com longos e apertados "beijos", tornou-se nas artes o símbolo do amor ardente e fiel.

Entre os selvagens, a atividade sexual se manifesta de maneira bem próxima à que se observa na natureza animal. O homem que vive completamente afastado da civilização desconhece o sentimento de pudor e não tem noção do obsceno. O ato sexual para êle é apenas uma função fisiológica, que não se associa à idéia de imorali-

dade ou pecado. É certo que também o selvagem tem suas praxes e convenções que regulam a função sexual; eles acreditam em terríveis tabus cuja violação acarreta imensas desgraças. Porém a vida selvagem se processa, toda ela, mais no terreno físico do que no mental e, portanto, a sexualidade não se acha tão peada e dominada por princípios morais, como entre os civilizados. Não queremos dizer com isto que a condição do selvagem deva ser preferida à do civilizado. Salientamos a situação do não civilizado para melhor compreendermos os fatores que determinam nossa vida atual.

O processo educativo que formou a mentalidade do homem civilizado atuou profundamente na esfera sexual. O impulso genésico, submetido a múltiplas restrições, necessárias à vida em sociedade e à cultura do espírito, já não pode exprimir-se com a naturalidade primitiva do não civilizado. Entre outros fatores, a impossibilidade de realizar a vida conjugal, durante longos anos após a madureza sexual, fez com que as manifestações do instinto, impedida a sua expressão fisiológica, fossem alojar-se na mente, criando aí um estado de ansiosa preocupação. O impulso sexual, que assim passa a agitar-se no terreno mental e imaginativo, produz no homem civilizado "aquelas paixões violentas e brutais, os temores exagerados ou excessivos pudores'. A educação hodierna, entretanto, busca remediar este estado de coisas, promovendo pelo exercício físico uma compensação à atividade mental, espalhando singelamente conhecimentos que venham afugentar os mistérios da sexualidade e assim atenuar a sua força de fascinação, recolocando toda a vida sexual, o quanto possível, dentro das normas naturais, sem sacrificar os princípios morais que constituem o patrimônio da civilização.

A diferença entre o amor humano e o impulso de reprodução que se observa nos brutos, frisa-a bem o dr. G. Franceschini, nos seguintes termos: "No homem, ao contrário, o instinto sexual penetra profundamente na

psique e no intelecto, e esta íntima penetração das forças materiais no elemento moral faz com que a vida sexual do homem seja alguma coisa mais que o reflexo de uma função fisiológica, e se eleve à altura de um fenômeno individual e social, e de um estado moral importantíssimo da coletividade. A vida sexual do homem não é sòmente instinto, porém sentimento e pensamento, não é só sensação física, mas vontade, não é só função orgânica, mas ação e propósito; é portanto destinada a transformar-se em bem ou em mal, em amor puro ou em paixão brutal, em virtude ou em vício, em uma grande poesia ou numa grande baixeza" (3).

O impulso sexual, que assim penetra todas as fibras da individualidade humana, é que reveste a vida de beleza e de graça, dota a pessoa com todas as potencialidades para amar, para sentir as harmonias da natureza e da arte. Com efeito, o impulso sexual constitui a força oculta que impulsiona as mais nobres atividades e mais intensas emoções e mais profundos pensamentos. Sem ele o homem não seria mais que um tubo digestivo, entregue a uma vida apática e vegetativa. Daria prova de grande incompreensão quem avaliasse essa tendência apenas por suas manifestações na esfera reprodutora. Na realidade, toda a vida da alma é entrelaçada e impulsionada pela força sexual. Ela é que inspira as criações das belas-artes e da música, ela é que promove os grandes rasgos de generosidade e de heroísmo, ela é que reveste a alma dos santos, dos profetas e dos reformadores sociais. Desta força é que brota o amor dos esposos, capaz de dotar com perene alegria a vida das criaturas mais humildes e desfavorecidas da sorte; ela é que proporciona os sagrados laços que unem pais e filhos para formar esse asilo de serena alegria e de mútua ajuda que é a família, símbolo da humanidade do porvir.

Disciplina do impulso sexual — As considerações acima aplicam-se ao impulso sexual quando alcançou seu pleno florescimento, em vidas harmônicas e comple-

tas. Mas o desabrochar do impulso erótico, nos primeiros anos da juventude, vem freqüentemente acompanhado de agitações e lutas. É a época das transformações físicas e morais. Esta nova energia que vai fortalecendo os músculos do jovem e desenvolvendo todo o seu corpo também aguça seu olhar para perscrutar aspectos da vida que até então não o interessavam, dá maior intensidade ao seu pensamento, faz-lhe arder o coração com sentimentos generosos e povoa-lhe a imaginação com sonhos de heroísmo, de bondade e de grandes realizações na vida. Sua alma é presa de um desejo vago, de alguma coisa que ele próprio não sabe bem o que seja e que às vezes o enche de apreensões. Nele vão-se afirmando as inclinações naturais que o impelem a procurar as pessoas do outro sexo, cuja companhia se reveste de novos atrativos.

Após alguns anos, alcançada a plena virilidade, o impulso sexual se afirmará em toda a sua pujança, como um fogoso corcel que exige, para governá-lo, um destro cavaleiro. De fato, quando o indivíduo atinge o completo desenvolvimento viril, o impulso sexual é o mais forte de todos. Ele empolga a pessoa toda, parecendo às vezes que as demais tendencias deixaram de existir ou que se juntaram a ele para torná-lo mais violento e dominador. A força sexual, que é essencialmente uma plenitude de vida, pode tornar-se então uma causa de sofrimento. É como um ciclone que derriba as habitações, desarraíga as árvores seculares, revolve com fúria os vagalhões do mar. A sexualidade pode então destruir o equilíbrio íntimo e transtornar o caráter, arrastando o indivíduo às tentações do erotismo; pode levá-lo a cometer baixezas que mais tarde lhe pesarão na consciência; pode desalentar a alma que não teve força para resistir ao embate das paixões, semeando os germes de cepticismo, a descrença no valor da vida e nos deveres morais.

Mas, o fato de a sexualidade poder extravasar de seus limites naturais e causar ruínas não nos deve levar a considerá-la como uma força inimiga, um impulso perverso. Ao contrário, como dissemos acima, a força sexual é a fonte donde promana tudo que há de mais belo e nobre no mundo. Trata-se então de saber dirigir essa energia para que produza os seus frutos mais excelentes.

A educação tem assumido, muitas vezes, uma atitude errada com relação ao impulso sexual. O adulto ora fingia ignorar a existência desse impulso e abstinha-se de fornecer à juventude os necessários esclarecimentos e uma orientação sadia a respeito desse importante problema; ora pintava a energia erótica com as mais sombrias cores, produzindo no educando uma aversão por tudo que se relaciona ao sexo, quando deveria ensiná-lo a saudar com alegria a irrupção, no seu organismo, dessa nova força enobrecedora; ora se divertia em transtornar com calculadas malícias o espírito juvenil, naturalmente despido de preconceitos e pervesões.

Numa bela página o dr. G. Franceschini apresenta uma sadia compreensão da função sexual, nos seguintes termos: "Os jovens não devem ver no exercício do amor nem um delito, nem uma culpa, porém com o pensamento fixo na querida imagem que é a mais perfeita encarnação do amor humano — a mãe — e com a mente voltado para aquele que vigorosamente formou a existência deles — o pai — devem considerar a função da vida sexual como se considera o sol da existência humana, a mais maravilhosa das funções orgânicas, a função que maior elemento possui de sentimento e de beleza espiritual, pois é dela que se origina o amor, e com o amor a vida, e, com a vida do indivíduo, o suceder-se das gerações. E sem pejo e sem hipócritas restrições mentais, jovens e adultos aprendam a estimar este tão desprezado e por longos séculos tão vilipendiado instinto sexual, com que a natureza dadivosa quis dotar o homem. É do instinto sexual que floresce o amor, que é o sorriso da vida e com o amor a família, com suas alegrias e seus grandes afetos" (4).

O impulso sexual na sua expressão máxima, que é o amor conjugal, impele duas criaturas de sexo diferente a constituirem uma nova unidade mais ampla, que aspira realizar não só a união física, mas a unidade moral, a interpenetração dos caracteres para o enriquecimento mútuo. Esta experiência afetiva, em que cada cônjuge torna o outro como que participante de sua pessoa, é a fonte de novas energias para ambos.

"Considerando-se assim o sexo como algo que integra a unidade da vida", diz Sockman, "tornam-se evidentes as razões para a sua disciplina. Dar expressão prematuramente à atividade sexual afasta as últimas e mais sublimes aquisições do desenvolvimento individual. A observação atesta que isto produz uma mentalidade medíocre e convencional. Sòmente o retardamento da função sexual e a sublimação do impulso genésico pode levar o indivíduo à realização de sua própria personalidade" (5).

O impulso sexual do homem, embora tenha as mesmas raiízes que o dos animais, distancia-se grandemente destes, devido principalmente ao desenvolvimento mental na espécie humana. A imaginação, faculdade importantíssima da vida cerebral, torna-se o teatro de intensa atividade do impulso sexual. Anteriormente mencionamos o fato que as limitações impostas pela vida social ao impulso genésico faz com que este se expanda nos domínios da imaginação. Os animais não manifestam preocupação sexual durante largos períodos do ano; a tendencia reprodutora só aparece, como conseqüência de uma excitação fisiológica, durante as épocas do cio. No homem adulto, entretanto, esse impulso se conserva constantemente vivaz, prestes a irromper no campo da imaginação à menor instigação dos sentidos ou em conseqüência de ocasional associação de idéias. É portanto no campo da imaginação que se torna necessário exercer a disciplina do impulso sexual. Não quer isto dizer que as idéias eróticas sejam em si mesmas ruins ou indignas, nem que

o seu simples aparecimento na mente seja indício de um caráter indigno. O fato de surgirem idéias ou representações sensuais é natural no indivíduo normal; porém a sua permanência, ou seu cultivo e desenvolvimento no espírito é inconveniente. É natural que um caso obsceno que ouvimos, mau grado nosso, ou um quadro erótico que encontramos descrito em nossas leituras, volvam ao nosso espírito inesperadamente. Porém aquele que quer ter uma vida íntegra fará bem em não permitir que o impulso sexual se assenhoreie de sua imaginação, desenrolando aí quadros que fatalmente instigarão desejos, pois estes possìvelmente conduzirão à quebra do padrão de conduta que o indivíduo se havia traçado.

Não só para ser eficiente deve a disciplina sexual começar pela mente, mas também para ser saudável. Refrear a expressão exterior da sexualidade, mas dar-lhe largas na imaginação, é francamente prejudicial ao sistema nervoso. A castidade, para ser realizável, tem de ser voluntária, tem de ser fruto de uma determinação pessoal e livre. Querer manter honestidade na conduta, mas abrir as janelas da alma às solicitações eróticas, seria uma insensatez.

A sexualidade, cujo aparecimento na época da puberdade dissemos ser motivo de regozijo, vem dotar o indivíduo com uma nova energia; esta enriquecerá a sua personalidade, fará do menino um homem, trará para ele grande responsabilidade, como depositário dessa nova força. Da maneira como ele a empregar dependerá que essa virilidade se torne uma fonte de benefícios ou a origem de desgraças.

CAPÍTULO II

A SEXUALIDADE TRANSVIADA

A força sexual mal dirigida é seguramente um dos fatores que maior dano causam à felicidade humana. Inúmeras são as pessoas cuja vida sexual se encontra desequilibrada, o que concorre, em maior ou menor grau, para a desarmonia íntima, para um estado inquieto de insatisfação, para a falta de idealismo e a carência de fé na vida, com seus sublimes valores que devemos cultivar. Quando a sexualidade se manifesta de um modo anormal, contrário à natureza, entra no capítulo das perversões sexuais. Passaremos a estudar as mais comuns, cujo conhecimento é necessário a quem procura uma orientação sadia do impulso genésio.

A masturbação — Dissemos anteriormente que certos exercícios, como o andar a cavalo ou subir num tronco, podem, pela fricção, excitar a sensibilidade do pênis, provocando sensações agradáveis. O mesmo pode suceder pelo contacto da mão ou de algum objeto mole. A continuação do ato produzirá a ereção do membro viril, acompanhada de sensações de prazer que terminarão com uma ejaculação de sêmen, se o indivíduo for púbere. Naqueles cuja natureza haja atingido certo desenvolvimento sexual, esta prática será geralmente acompanhada de idéias sensuais. Dá-se a este ato o nome de masturbação ou onanismo. É a mais comum das perversões.

A masturbação se encontra desde a primeira infância, quando meninos e meninas têm prazer em tocar as partes genitais. Pode-se originar mesmo nos cuidados

higiênicos que as amas dispensam aos petizes, fazendo-lhes o asseio dessas partes. Geralmente na infância essa prática, que contraria o conceito tradicional de decência, pode ser prudentemente afastada sem se lhe dar muita importância, chamando-se a atenção da criança para outros assuntos de interesse, que prendam sua atenção. Nunca se deve tentar suprimir tal ato por meio de castigos ou ameaças, pois estes poderiam acarretar conseqüências muito prejudiciais para o futuro desenvolvimento da sexualidade.

Na época da puberdade, em que o impulso sexual vai empolgando a natureza inteira do rapaz, é quando irrompe novamente a inclinação ao onanismo. Acontece também ser esta prática ensinada por companheiros mais velhos ou por adultos sem consciência.

Outrora os educadores impressionavam a juventude, declarando ser a masturbação um horrendo vício, de terríveis conseqüências, tanto para a saúde como para o caráter. Hoje se reconhece que tal atitude, por parte dos adultos, é errada e sem fundamento. Hodiernamente se procura dar uma educação sexual bem orientada, baseada nos fatos que a Psicologia revela. Como as águas de um riacho após fortes chuvas apresentam-se crescidas e espumejantes, não encontrando escoamento fácil no acanhado leito habitual, semelhantemente a força sexual irrompe com violência no organismo do adolescente, numa inquieta efervescência, até que consiga canalizar-se dentro das normas mais amplas de uma personalidade disciplinada e enriquecida.

O homossexualismo — Outra perversão do impulso sexual é a denominada homossexualidade, termo em que entra o vocábulo grego "homos" que significa "semelhante". Nesta anomalia, também chamada inversão sexual, em vez de ser atraído o indivíduo por pessoa de sexo oposto, a tendência impele-o a buscar outro do mesmo sexo. O impulso erótico age sobre os invertidos, tanto homens como mulheres, aproximando-os de seus "semelhantes" sexuais. Os que sofrem desta perversão chegam mesmo a imaginar que podem ligar-se ao objeto de seu amor homossexual por uma espécie de "casamento", no qual praticam também as carícias próprias da união conjugal.

A inversão pode originar-se na infância, devido à influência de um lar desajustado, onde o pai e a mãe não apresentam os caracteres próprios do seu sexo.

A ação das glândulas sexuais é uma causa de inversão inata. Diz o dr. Vachet: "É provável que, entre os invertidos congênitos, as glândulas de secreção interna, próprias de seu sexo, estejam lesadas ou atrofiadas e, mesmo, que alguns tenham elementos glandulares do sexo oposto" (6).

O homossexualismo inato pode também ser proveniente de graves pertubações nervosas que igualmente produzem a epilepsia, a demência, a idiotia. "Alguns consideram que a inversão é devida a causas remotas, anteriores ao nascimento" (7). Quando esta perversão é congênita, parece não haver cura. Por meio do hipnotismo, suas conseqüências podem ser atenuadas, se bem que não se possa conseguir a cura absoluta. O tratamento procura desviar as energias sexuais, evitar toda excitação e afastar o sentimento de depressão moral de que sofrem as vítimas desta perversão. Tratando-se de uma deformação congênita, é claro que não se pode taxá-la de vício.

Além da tragédia da homossexualidade proveniente de uma tara de nascimento, esta perversão pode também ser adquirida. Certas emoções ou choques nervosos, produzidos na infância pela vista de violências sexuais, do onanismo ou do coito normal, podem produzir mais tarde anomalias e causar o desenvolvimento da homossexualidade, afirma Forel. E Weatherhead declara: "No sexo masculino esta perversão provém freqüentemente de desejos sexuais e manipulações culposas, sofridos na infân-

cia" (8). A sexualidade precocemente despertada e excitada por práticas homossexuais pode causar uma fixação dessa anomalia, que aparecerá mais tarde na vida do adulto. Há ainda o caso dos viciados que começam essa prática após a puberdade, movidos por uma curiosidade malsã, e nos quais pela repetição se estabelece o hábito. Em muitos casos pode haver uma latente predisposição hereditária que ficaria adormecida se não fosse excitada e desenvolvida pela prática da homossexualidade. Entre colegiais, nos internatos, há o perigo de se estabelecer este vício, fruto de incontidas excitações de rapazes corrompidos e sem brio.

Alguns autores, entretanto, não reconhecem a existência da homossexualidade congênita. Declara W. Stekel: "Quanto mais estudo os casos de homossexualidade, tanto mais se firma minha convicção de que não há nenhum caso de homossexualidade congênita. (...) A homossexualidade é uma perversão grave, representa uma fuga diante da mulher e se pode atribuir à disposição bissexual do ser humano" (9). Isto significa que todo indivíduo tem no seu íntimo a capacidade de ser atraído por pessoa tanto do sexo oposto como do próprio sexo. Geralmente desenvolve-se a atração pelo sexo oposto (são os hèterossexuais), mas as circunstâncias da vida podem favorecer o desenvolvimento de sentimento homossexuais. Em certos casos existe uma homossexualidade latente, ignorada pelo próprio paciente e que impede o funcionamento normal da relação hèterossexual.

A homossexualidade se manifesta também no sexo feminino, sob a forma de atração erótica entre mulheres.

Um sentimento viril de dignidade se levantará sempre no peito dos jovens idealistas, contra esta prática aviltante. Por ser contrária à natureza, deixa no íntimo dos que lhe caem vítimas um sentimento de humilhação e vergonha. O invertido é um infeliz, pois se sente repelido com asco pelos indivíduos normais. A prática do

contacto carnal com jovens, denominado pederastia ou sodomia, é crime punido pelo Código Penal. As vítimas desta perversão estão sempre expostas não só a ser apontadas ao desprezo da sociedade, como até à repressão da lei. Finalmente, todo aquele que persiste na prática de uma perversão, torna cada vez mais difícil, senão impossível, a re-educação do instinto para os fins biológicos normais.

O homossexualismo não deve ser considerado como vício abominável, merecedor dos castigos mais severos, porém como um lamentável desequilíbrio psíquico, cujas causas devem ser pesquisadas a fim de se proceder ao tratamento desta anomalia. Os conselhos de uma orientação sadia da sexualidade aplicam-se também à inversão sexual. O homossexualismo trata-se vantajosamente pela Psicanálise.

Sadismo e masoquismo — Sadista é a pessoa que sente prazer sexual em infligir sofrimento a outrem ou em presenciar dores alheias, associando-se ao causador dessas dores. Masoquista, inversamente, é aquele cujo prazer erótico é provocado ao ser maltratado, ou ao ver sofrimento de outrem, com quem ele se identifique mentalmente. A origem desta perversão está profundamente enraizada na natureza humana. Ela provém da hereditariedade primitiva, quando a união sexual era precedida de uma luta em que o macho tinha que dominar a fêmea, como ainda sucede em muitas espécies animais. Nas sociedades primitivas, o casamento é precedido de lutas rituais, mais ou menos violentas, entre o rapaz e a sua pretendida, nas quais a noiva resiste o mais que pode. Entre os selvagens da Nova Zelândia, por exemplo, havendo obtido o consentimento do pai do moça, o noivo tinha de carregá-la à força por algumas centenas de metros. Se ela conseguisse fugir para a casa dos pais, não se realizava o casamento. Esta luta pré-nupcial, semelhante ao arrulho dos pássaros ou certas danças por eles executadas, tem o fito de excitar o instinto para o

melhor exercício da função reprodutora. Tal é a origem biológica da violência, da cólera e do sofrimento associados ao impulso sexual e servindo-lhe muitas vezes de estimulante. Vestígios de crueldade e do prazer de causar sofrimento, associado ao amor, se encontram ainda normalmente nas relações entre os sexos, em casos estranhos em que mulheres maltratadas pelos maridos mostram-se satisfeitas, considerando as pancadas como "prova de amor". Outro vestígio é o prazer que os amantes encontram no ato de mordiscar. Este primitivo elemento de crueldade, quando se manifesta com maior ênfase, constitui uma perversão sexual. O sadismo tem sido causa de horríveis crimes em que o pervertido tortura e mata sua vítima, pelo prazer erótico de ver sofrer. Também os animais são vítimas da perversidade do sadista, que encontra prazer em presenciar espetáculos cruéis, combates e sofrimentos de animais.

Como exemplo de sadismo, o dr. Vachet cita o caso de um rapaz de 17 anos que, sem apresentar qualquer indício de alienação mental, muniu-se de uma faca antes de procurar uma prostituta e, no auge da excitação sexual, vibrou-lhe três facadas. Uma amostra de masoquismo se encontra no caso referido por Forel, daquele marido exemplar e homem de costumes austeros que, semanalmente, sofria acessos desta perversão. Dirigia-se então a um bordel, desnudava a parte superior do corpo, deitava-se no chão e, fechando os olhos, mandava que duas ou três mulheres lhe pisassem com fôrça no peito, pescoço e rosto, com os saltos dos sapatos. Ao cabo de um par de horas retirava-se satisfeito.

O sadismo tem grande importância em sua relação com os castigos físicos. Inúmeros exemplos demonstram que pais e professores, de um e de outro sexo, têm-se prevalecido da possibilidade de bater em menores a fim de satisfazer seu próprio erotismo pervertido. O brilho dos olhos, o tremor dos lábios, a excitação de todo o corpo, o visível gozo ao aplicar pancadas violentas, são indícios

reveladores do prazer sádico que a ação de punir lhes proporciona. Mais ainda, a aplicação de castigos corporais pode despertar, em quem os executa, uma latente predisposição ao sadismo e, em quem os sofre, uma inclinação masoquista que mais tarde se afirmará no adulto. Também os menores que assistem ao castigo de outrem estão exposto a receber igual dano, que virá mais tarde transtornar o equilíbrio da sua sexualidade.

Em caso de necessidade de castigos físicos (este conselho se aplica aos pais), recomenda-se que nunca sejam infligidos por pessoa de sexo diferente da que é castigada (salvo em se tratando de crianças menores de cinco anos) e que nunca sejam presenciados por outros.

O grande pensador Rousseau, vítima de uma perversão masoquista, declara que essa anomalia foi provocada por um castigo recebido aos oito anos, das mãos de uma mulher de trinta. A emoção decorrente dessa punição teve uma influência determinante em seus gostos, desejos e paixões durante todo a sua vida.

A mesma tendência da alma humana, tanto no terreno normal como no mórbido, pode apresentar-se sob duas modalidades, uma ativa, outra passiva. Assim é que o sadismo (tendência a produzir sofrimento em outrem) é o inverso do masoquismo (tendência a receber sofrimento em si próprio). Numa e noutra destas perversões o prazer sexual é produzido pelo sofrimento.

Outras perversões — A maior vantagem de indicarmos aqui, sumariàmente, as diversas formas de perversões sexuais é a de tranqüilizar os indivíduos levemente afetados por alguma delas, mostrando que sua anomalia não é algo desconhecido e monstruoso, porém apenas uma falta de equilíbrio no psiquismo sexual. Os casos mórbidos revelam mais ao vivo certos aspectos comuns da natureza humana.

O **feiticismo** é a perversão que faz com que o indivíduo receba excitações eróticas de determinados objetos,

os quais em si mesmos não têm a qualidade de excitantes sexuais, tais como sapatos de mulher, o pé, a mão, as luvas, lenços, madeixas de cabelos, etc. Cita-se o caso de um eclesiástico que sentia irresistíveis desejos sexuais se uma senhora lhe estendia a mão não calçada com luva. Este homem era feiticista da mão. Outro exemplo típico é o de um indivíduo que sentia forte excitação sensual à vista de um bonito sapato de mulher. O sapato em si, independente do corpo feminino, tinha para ele a fascinação de um feitiço. Esta perversão desapareceu após um demorado tratamento psicanalítico que trouxe para o domínio do consciente uma recordação da infância, recalcada no subconsciente. Fôra o caso que a criada que dele cuidava em pequeno tinha o costume de despí-lo, deitá-lo num tapete diante da lareira e fazer-lhe cócegas nos órgãos genitais com a ponta de seu sapato, até que êle ficasse sexualmente excitado. Esta mulher possuía pés pequenos, elegantemente calçados. A iniciação sexual do rapaz provinha de um sapato e, mais tarde, ao desabrochar a sua natureza após a puberdade, esse objeto tornou-se o mais forte excitante.

Um par de tendências mórbidas e opostas é constituído pela scoptofilia e o exibicionismo. A **scoptofilia** consiste num desejo anormal de ver os órgãos genitais de pessoas do outro sexo, o **exibicionismo** é a perversão que impele a ser visto, é a mania de mostrar-se. Nas grandes cidades a polícia tem precisado agir contra indivíduos atacados de exibicionismo, cujo prazer doentio consiste em dirigir-se a um parque público e espreitar, em lugar isolado, a passagem de senhoras. Quando estas se aproximam, o indivíduo saca fora os órgãos sexuais ùnicamente para ostentá-los, causando confusão e pânico no elemento feminino.

O desejo de ver o corpo de pessoas do outro sexo, e também o de mostrar o seu, é uma tendência natural e própria da sexualidade normal, desde que não assuma proporções de mania ou uma intensidade excessiva. O

instinto feminino pende naturalmente para mostrar os encantos do corpo, que é um vestígio do primitivo desejo de seduzir o homem. A sociedade procura restringir este pendor natural, receando que prejudique os bons costumes e arraste o homem a praticar desatinos. Aliás a curiosidade de contemplar o corpo humano tende a se atenuar, mediante as facilidades que para isso proporcionam as praias de banho e os jogos atléticos.

A anestesia e a hiperestesia sexuais são anomalias que marcam os dois extremos do impulso erótico. A **anestesia** ou friesa sexual, raríssima no homem e mais comum no sexo feminino, é a ausência de sensações e desejos relacionados com o sexo. A **hiperestesia** é caracterizada pela excessiva intensidade do impulso sexual. Quando não é hereditária, pode ser desenvolvida e entretida, até certo ponto, por excitações artificiais do instinto. Quando este desequilíbrio sexual atinge o seu grau mais intenso, denomina-se **satiríase**, no homem, e **ninfomania**, na mulher. As pessoas afetadas por essa anomalia não conseguem senão momentâneamente aplacar o desejo sexual. O apetite erótico, exacerbado, leva-as aos maiores desatinos. A História conhece personagens que se tornaram célebres por seus desejos insaciáveis, como Messalina, esposa de Cláudio na Roma dos Césares.

Para terminar esta triste nomenclatura, mencionaremos de passagem uma perversão que impele os indivíduos a satisfazer seu apetite sexual com animais. Felizmente não é freqüente e se encontra sobretudo entre os idiotas e imbecis. Sem ser de origem patológica, este ato pode ser praticado por desregramento vicioso.

Há indivíduos a tal ponto desprovidos de senso moral que chegam a praticar a união sexual entre pai e filha ou entre irmã e irmão. A este crime chama-se incesto; ocorre raramente.

Relações ilícitas — Na espécie humana o impulso sexual desabrocha muito antes de o indivíduo poder

dar-lhe satisfação, pela união conjugal. Isto sucede principalmente nas sociedades civilizadas, em que são necessários muitos anos de preparação para a vida, antes de um rapaz fundar o seu lar, muito embora já tenha atingido a virilidade. Isto traz consigo um problema, que não deixa de preocupar a juventude já sexualmente desenvolvida, a saber: O apetite sexual no rapaz solteiro pode ser satisfeito? — É conveniente que o moço vá formando desde cedo um juizo acerca deste problema, tanto mais que ele vê seus colegas e amigos mais velhos recorrerem a este ou àquele expediente.

Fazendo abstração, por um momento, dos preceitos de origem religiosa, queremos encarar agora a questão sòmente no terreno rasteiro da praticabilidade do ato e sua oportunidade. Indagaremos se a satisfação do desejo erótico por meio de relações ilícitas oferece uma solução satisfatória. O normal funcionamento do impulso sexual exige um parceiro. Devemos, portanto, indagar que conseqüências advirão para um rapaz e uma moça solteira, ao darem livre curso ao impulso erótico. As relações sexuais entre ambos poderão classificar-se em três categorias diversas, a saber: relações ocasionais, ligações temporárias, prostituição.

Fazem parte do primeiro tipo as relações de uma hora, proporcionadas por ocasião favorável, que se apresenta hoje e não se repetirá amanhã. O rapaz que não quiser submeter à disciplina da continência o seu impulso sexual, canalizando suas energias para outros objetivos dignos, mas que procurar um desafogo para seu impulso erótico nas relações ocasionais, condena-se a estar sempre à caça de uma presa, pois o apetite sexual ordena imperiosamente que o satisfaçam com freqüência. O interesse sexual torna-se então a preocupação absorvente do jovem, em prejuizo do trabalho fecundo. Entretanto a empresa de satisfazer o apetite sexual à custa de engodos e seduções nem sempre alcança bom êxito.

O jovem indisciplinado, que tenta satisfazer a ardência do desejo por meio de encontros ocasionais e espaçados, não consegue por esse meio o apaziguamento do impulso erótico. E por não saber dominá-lo será arrastado também à masturbação. Hodiernamente, com as facilidades para aventuras, proporcionadas pelo automóvel, os prédios de apartamentos e a emancipação da mulher, os rapazes nem sempre precisam recorrer a enganosos processos de sedução para conseguirem seus objetivos. Porém persistem os inconvenientes que estamos apontando.

As conseqüências de tais aventuras para a moça que nelas é envolvida são sabidamente funestas. Um rapaz de brio e cavalheirismo não quererá ser o causador de tais desgraças. A companheira que ele escolhesse para uma hora de prazer teria a reputação comprometida e a sua futura felicidade prejudicada, pois tais coisas não se conservam ocultas por muito tempo e a moça que se deixa arrastar por esse declive não pára a meio caminho. Os primeiros contactos sexuais despertam freqüentemente na donzela emoções desconhecidas e desejos que, de então por diante, reclamam satisfação. Há ainda o perigo da concepção, acidente que representa para a mulher uma carga pesadíssima e uma fonte de sofrimento que ela só deve suportar amparada pelo esposo, na sua nobre missão de mãe de família.

Finalmente, os jovens de um e de outro sexo que se permitem entrar no caminho da libertinagem concorrem para deturpar as relações de amizade franca e jovial que devem existir entre rapazes e moças. À medida que se alastram as atitudes e práticas de devassidão, diminuem as possibilidades de uma camaradagem singela entre sexos. Rebaixa-se o amor a simples contacto carnal, prejudicando-se o desenvolvimento das relações de caráter afetivo ou espiritual.

Um ou outro rapaz solteiro procura resolver o seu problema sexual estabelecendo relações amorosas com

uma moça que passa a viver por conta dele. Estas ligações temporárias têm uma certa estabilidade, enquanto duram. Não têm o caráter da promiscuidade que se observa nas relações ocasionais. Podem até inspirar-se em certa afeição mútua. Contudo, esta maneira de satisfazer o impulso sexual, fora do casamento, não só é impraticável para o maior número de rapazes, devido à falta de recursos pecuniários, como é moralmente condenável. Ela reduz a moça à posição de um joguete para as necessidades sexuais masculinas, coloca-a numa posição humilhante perante a sociedade, priva-a da possibilidade de realizar as aspirações naturais da mulher, que é a de constituir família, e prepara-lhe um futuro sombrio. Estas ligações são temporárias e a moça se vê obrigada, dentro em pouco, a procurar amparo em outros braços. Passando de mão em mão, vai acabar como prostituta. O rapaz é o menos prejudicado nesta combinação, porém o seu cavalheirismo não deixa de ficar arranhado. Um caráter nobre não consente em fruir prazeres à custa de humilhação e sofrimento de outrem, mesmo que essa pessoa estouvadamente o consinta. Depois, há sempre a possibilidade do aparecimento indesejado de um filho. Neste caso o pai não pode, moralmente, abandoná-lo, e fica com a embaraçosa responsabilidade de cuidar da educação da criança.

A maneira mais comum pela qual, infelizmente, muitos rapazes procuram satisfazer suas necessidades sexuais é recorrendo à prostituição. No bordel, também chamado casa de tolerância, alugam-se mulheres ao primeiro que aparece, ficando elas reduzidas à condição abjeta de excitar e satisfazer a sensualidade masculina, sem o mais leve vislumbre de amor. A natureza afetiva da mulher é esmagada nessa humilhante escravidão que a coloca à margem da sociedade. Tratada como escória social, ela sofre os maiores ultrajes infligidos à dignidade humana.

Para funcionar, a prostituição necessita de uma trama cruel de intermediários cínicos, os caftens, que vivem da exploração mercantil de mulheres. A caftinagem constitui uma organização internacional da qual fazem parte mulheres e homens que se ocupam de seduzir mocinhas incautas, a fim de atirá-las aos bordéis.

Um rapaz idealista não pode pactuar com essa nefanda instituição, dando o seu concurso moral e financeiro para que ela se mantenha. Por certo não é desculpa a alegação de que já estão corrompidas as mulheres que se dedicam ao mister de meretriz. É a procura da mercadoria humana, por parte dos clientes dos bordéis, o que incentiva o fornecimento dela.

Moléstias venéreas — Em todas as relações sexuais irregulares e principalmente na prostituição é grande o perigo de contrair moléstias venéreas, tão espalhadas em todas as classes e de tão funestas conseqüências. Passaremos a descrever sumàriamente três espécies de moléstias venéreas, a saber: a gonorréia, a sífilis e o cancro mole. Estas moléstias são contraídas geralmente pelo contacto sexual com pessoa contaminada.

A gonorréia ou **blenorragia** (popularmente chamada "esquentamento") é uma inflamação purulenta da uretra (canal da bexiga) provocada por um micróbio denomi- Este líquido, se por descuido atingir os olhos, pelo contágio, vai de dois a oito dias; quando tratada com êxito, pode curar-se em quinze dias. A moléstia provoca dores, inchação do pênis e um escorrimento de muco e pus. Este líquido, se por descuido atingir os olhos, pelo contacto da mão ou de uma toalha contaminada, determina uma infecção que, não sendo convenientemente tratada, pode causar a cegueira. A moléstia pode estender-se à próstata, ao epidídimo e à vesícula seminal, provocando complicações ulteriores. Se a gonorréia não for tratada, torna-se crônica e pode ter conseqüências graves.

A **sífilis**, também microbiana, é causada pelo espiroqueta denominado "Treponema palidum". Seu período de incubação é de duas a seis semanas. A moléstia tem um aspecto crônico e, se não for atalhada, desenvolve-se em quatro períodos bem conhecidos. Começa por uma pequena úlcera, geralmente localizada nos órgãos genitais, denominada cancro duro. Esta pequena lesão é indolor e passa freqüentemente despercebida, porém os espiroquetas não ficam localizados aí, mas infiltram-se por todo o organismo, levados pelo sangue. Nesta fase, denominada sífilis primária, a moléstia é susceptível de cura quase certa.

Se o doente não é tratado, ao cabo de algumas semanas aparecem erupções características na pele, infecção da garganta e outras mucosas, inflamação dos gânglios linfáticos. É a segunda fase da moléstia.

Esta afecção pode conserva-se latente durante meses e anos, vindo a provocar mais tarde graves lesões em certos órgãos. É a sífilis terciária e quaternária, que determina a destruição de tecidos, lembrando um abcesso (goma), ataca os ossos, causa a atrofia de órgãos internos como o fígado e os pulmões, dá origem a afecções dos vasos sanguíneos, doenças dos olhos, tumores no cérebro, terríveis paralisias e loucura.

A sífilis é causa de esterilidade nos casamentos e de abortos freqüentes.

Esta moléstia pode ser transmitida à descendência do enfermo, produzindo a sífilis congênita que é extremamente disseminada. Por isso os clínicos freqüentemente prescrevem um tratamento específico do sangue, mesmo quando nem o paciente nem seus pais tenham sofrido de afecção sifilítica.

A cura desta moléstia deve ser feita cuidadosamente e durante anos, sob a direção médica. Tratada com descaso, pode ocasionar cruéis sofrimentos e morte.

O **cancro mole** é a menos grave e menos freqüente das três moléstias venéreas. É uma úlcera localizada nos órgãos genitais, que corrói os tecidos. As feridas aparecem usualmente dentro de uma semana após o contacto sexual. Algumas vezes o pênis fica quase totalmente destruído, mas a chaga se cicatriza e sara.

Todas as relações sexuais fora do matrimônio são moralmente condenáveis; portanto o jovem deve abster-se delas, sendo este também o melhor meio de evitar o freqüente contágio das moléstias venéreas. Entretanto, para os que não se submetem à disciplina sexual, a Higiene tem aconselhado, visando resguardar a saúde pública, o uso de preservativos de borracha que recobrem completamente o pênis, protegendo-o do contacto perigoso. Nenhum rapaz deveria expor-se ao contágio venéreo, de tão funestas e cruéis conseqüências, desprezando este recurso higiênico. Há também preservativos medicamentosos, porém são menos seguros.

O único preservativo infalível ainda é a abstinência sexual, pois os que se deixam arrastar pelo declive do vício acabam negligenciando as medidas de precaução. A isto os impele a lei do mínimo esforço, que leva os indivíduos a fazerem o que no momento apresenta menor dificuldade, sem considerarem as más conseqüências que tal procedimento acarrete. Bastará que, por incúria ou negligência, deixem de usar uma só vez o preservativo, para ficarem expostos à perigosa infecção.

O jovem que procura orientar-se, formando opinião própria acerca das diversas soluções oferecidas para os problemas da vida, fará bem em adotar desde já para si, como solução conveniente à questão sexual, o princípio da continência. Esta norma de conduta é perfeitamente realizável, desde que tenha por base a determinação do jovem, de submeter voluntária e inteligentemente ao ideal de disciplina sexual todos seus pensamentos e atos, e dar à própria vida objetivos alevantados.

Meios de atenuar as solicitações eróticas — É sem dúvida importante que o jovem tenha o firme propósito de cultivar uma manifestação equilibrada e sadia do impulso genésico. Porém o caminho que conduz a este alvo não consiste tanto na força de vontade para resistir à intempestiva solicitação erótica; ele se encontra antes em manter uma vida ocupada e higiênica, orientada pela busca de objetivos elevados.

A ociosidade é um perigo a quem quer afastar uma solicitação má. Procure, pois, o rapaz encher ùtilmente as horas do dia, consagrando-o ao estudo e ao trabalho. E empregue as horas de lazer em distrações que realmente descansem o corpo e recreiem o espírito.

A recreação não é um luxo desnecessário, como muitos imaginam, mas é uma necessidade para refazer as energias nervosas e dar saúde ao espírito. Porém a recreação saudável tem de ser cuidadosamente escolhida. O livro, essa excelente fonte de distração e cultura, não há de ser, por certo, um romance cheio de cenas sensuais e excitações ao erotismo que agrilhoem a mente com imagens sugestivas. O cinema, esse ótimo instrumento de distração, há de ser expurgado de fitas lascivas, impróprias para a juventude — e como é difícil acertar na escolha!

A recreação ideal são as atividades físicas e os esportes, principalmente na juventude. O jogo atlético, fazendo trabalhar os músculos, descarrega o cérebro da tensão nervosa acumulada. Descansa e recreia, comunicando ao indivíduo aquela sensação de bem-estar e alegria, característica de uma atividade bem dosada. Deve-se evitar, entretanto, o excesso nos esportes. A extenuação produzida por uma atividade excessiva não só é prejudicial para a saúde em geral como também diminui a resistência do indivíduo às solicitações do erotismo:

É notável a influência das bebidas alcoólicas sobre o impulso sexual. "Nos meninos, diz o dr. G. Franceschini, mesmo pequenas doses de álcool, tomadas diàriamente, exercem uma ação estimulante sobre as glândulas seminais e predispõem o menino à precocidade sexual" (10). Há toda a conveniência em se retardar o mais possível as manifestações do impulso genésico. Portanto o adolescente fará bem em abster-se do uso de bebidas alcoólicas que, por sua influência excitante sobre os órgãos reprodutores, vêm tornar mais difícil e penosa a luta pelo domínio sobre os desejos eróticos. É claro que a condenação do uso habitual de bebidas, por parte da juventude, não exclui o tomar ocasionalmente um cálice de vinho.

O jovem idealista, que procura canalizar a sua sexualidade dentro das normas de uma conduta digna, escolherá com cuidado seus companheiros e amigos. É conhecida a influência que sobre nós exercem as pessoas com quem convivemos. Aquele que freqüentar roda de rapazes que levam vida licenciosa e cuja conversação gira em torno de assuntos imorais, terá muito grande dificuldade em disciplinar o seu impulso sexual. Busque o jovem formar amizades entre os seus camaradas que como ele aspiram à disciplina sexual, e isto afastará do seu caminho muitas causas de tropeço.

Os princípios religiosos, quando inspiradores de um alto padrão moral, são um precioso elemento para se conseguir uma sexualidade sadia e equilibrada. A religião, quando não é um formalismo estéril, intensifica o afeto da alma pelos ideais alevantados, fraqueando o caminho da vitória. O papel da religião na consecução da disciplina sexual é justamente o de avivar as energias da personalidade para uma orientação harmônica e espontânea da vida, segundo o critério da verdade, da beleza e da bondade. É a personalidade integral em marcha para a realização de seu ideal. Esta orientação superior da

vida é o que realmente importa. Ela impele o jovem a cuidar do seu corpo como um instrumento do espírito. Esse cuidado abrange o campo físico como o mental. A queda moral, no terreno da sexualidade, não consiste no surgir de idéias eróticas que provêm do sub-consciente, porém em lhes dar guarida e desenvolver o seu quadro imaginativo. O pecado consiste em não cultivar habitualmente uma vida higiênica e altruística.

CAPÍTULO III

A MORAL SEXUAL

Temos considerado certas maneiras de buscar satisfação para o instinto sexual, qualificadas como relações ilícitas, de acordo com o padrão tradicional de honestidade, que é geralmente aceito em princípio, embora nem sempre seja praticado. Mas alguém poderá insurgir-se contra esses princípios que coibem a livre expansão do desejo sexual, e pôr em dúvida a legitimidade dessas proibições. O jovem que começa a encarar com espírito crítico as convenções sociais é levado a perguntar a si mesmo: Por que razão não é permitida a livre união dos sexos? A assinatura do juiz de paz que une os noivos para formarem o novo casal, ou a cerimônia religiosa que sela essa união, têm porventura o condão de transformar uma relação, que era condenável antes e se torna excelente depois?

A união sexual, em determinadas circunstâncias, é considerada legítima, em outras, condenável. Se um viuvo procura casar-se, o intento é considerado digno, porém, se não houver falecido a primeira mulher desse homem, a união será tida como desonesta. Que há na relação amorosa que a torna moralmente condenável em certos casos e louvável em outros?

A resposta a essa pergunta é encontrada na maneira como está organizada a família. A instituição da família se baseia em profundos instintos que se manifestam na natureza masculina e na feminina, os quais se completam mùtuamente.

Diferenças do instinto sexual no homem e na mulher — No homem o amor se apresenta como uma atração pelos encantos femininos, pela graça e a beleza exterior; nele não entra a razão, é um sentimento apaixonado, de curta duração, mais intenso no começo e que depois se vai esfriando. Por isso que o amor masculino é essencialmente um sentimento estético, o homem pode sentir-se atraído, ao mesmo tempo, por diversos tipos de beleza; a admiração votada a certa perfeição física não exclui o enlevo por outra, e o homem pode ser arrastado simultâneamente por diversos amores. Outra característica do instinto sexual, bem visível no mundo animal e forte também no homem, é a tendência a conquistar o objeto de seu amor. Esta conquista lhe proporciona um prazer especial e faz do homem um caçador, em matéria amorosa. O instinto no homem é principalmente sensível às atrações externas da natureza feminina, pouco o impressionando as qualidades íntimas da mulher; isto faz com que ele seja fàcilmente atraído por mulheres de moralidade medíocre. Essas características do amor masculino aplicam-se de modo geral às manifestações primitivas do impulso sexual. Entretanto, sobre esta base instintiva e original, a civilização desenvolveu no homem outras características do amor conjugal, para o qual não são indiferentes as qualidades íntimas da consorte e a mùtua compreensão moral e intelectual.

Na mulher, ao contrário, o amor não tem essencialmente por objeto a beleza física, porém apresenta principalmente um cunho moral e intelectual; ele se baseia sobre o carater, liga-se à personalidade moral do ente querido, o qual ùnicamente absorve toda a capacidade de amar do coração feminino. A mulher não pode amar alguém que não lhe inspire estima e admiração. O amor para a mulher não é um simples prazer dos sentidos, mas o meio de completar sua personalidade, de combinar suas qualidades próprias com as do homem, tão diferentes, de modo a formarem os dois indivíduos uma perfeita harmonia. Finalmente, o traço dominante no amor feminino é a dedicação, o carinho dispensado ao ente querido, esse devotamento a suavizar os sofrimentos e fadigas de outrem, que tornam o seu concurso tão precioso no lar. Em suma, como diz Gina Lombroso, a mulher é "essencialmente casta, monógama, mãe e sentimental", embora possa corromper-se e tornar-se cínica, para satisfazer à moda [11]. Em o fazendo, naturalmente, ela está contrariando a sua natureza própria e não encontrará a felicidade.

Para o homem o amor é algo "leve, móvel e caprichoso"; não absorve completamente o interesse masculino, pois que este está voltado (e é conveninte que esteja) para o mundo exterior, onde suas atividades se exercem na labuta pelo pão quotidiano, nas invenções e no progresso da civilização. Para a mulher o amor é um sentimento estável, duradouro e tenaz. Ela não compreende que o afeto do homem possa diminuir porque o rosto feminino perdeu os encantos da juventude. Ela não quer ser amada pelo brilho de seus olhos ou a cor de seu cabelo, mas por sua personalidade, pela nobreza de seus atos e pela sua dedicação — e tudo isto constitui um elemento de tragédia na alma da mulher. Porém o fato é que esta durabilidade e constância no amor feminino é um fator importantíssimo para a estabilidade da família e a criação dos filhos.

A organização tradicional da família veio proteger a mulher da inconstância e dos caprichos do amor masculino. Diz Gina Lomboso: "A concepção feminina do amor, segundo a qual êle é dedicação, estima, admiração, é a pedra angular da família, sem a qual a sociedade humana se transformaria numa ronda infernal de seres entregues a paixões desordenadas e incoerentes, a amores tão violentos quanto passageiros e, por conseguinte, incapaz de criar as gerações futuras" [12].

A honestidade da união sexual depende, então, dos objetivos que o casal tem em vista. É o propósito de constituir uma família e cultivar o mútuo afeto de modo

duradouro, o que torna moral a união. Por isso é que, em face do ideal monogâmico, é considerado imoral o casamento de alguém, quando a célula familiar ainda não foi destruída pela morte de um de seus componentes ou, em casos excepcionais, pelo divórcio.

Os vínculos eclesiásticos ou civis não podem alterar, na sua essência, as relações entre homem e mulher, porém eles são necessários para a boa ordem da família e da sociedade. Eles manifestam a resolução dos noivos, de constituirem doravante uma família; daí é que provém todo o seu valor.

A moral tradicional e seu enfraquecimento — A organização da família, como a temos em nossa sociedade civilizada, foi fruto de uma lenta evolução, condicionada pelo instinto social da raça. A tendência gregária do homem impeliu-o a estabelecer a família, que veio satisfazer às necessidades de defesa e ajuda mútua do grupo social. Mas, por outro lado, a família tende a restringir a liberdade sexual do indivíduo, peando assim a livre manifestação de um impulso fortíssimo. O dr. Pedro de Alcântara analisa nos seguintes termos o conflito entre o impulso sexual, de origem animal remotíssima, e a tendência social, mais recente, que procura afirmar-se na vida humana: "O homem tem desempenhado o penoso papel de espectador-ator neste pungente drama, a luta entre seus **instinto sexual** de um lado, selvagem e impiedoso, tirano e indisciplinado e, do outro lado, a **vida social** com suas imposições e exigências, indispensáveis porque satisfaz a tendências muito fortes do homem, comprimindo e cerceando o instinto sexual, impondo-lhe limites que cada vez mais se estreitam..." (13).

A solução do conflito deverá procurar-se por meio de uma educação inteligente que, utilizando os recursos desvendados pela Psicologia, transfira para o domínio social a força instintiva que agia excessivamente para o lado sexual.

Dezenove séculos de influência cristã têm contribuído para imprimir na mentalidade ocidental um alto conceito do ideal familiar. O cristianismo, continuando a tradição moral da religião de Israel, esforçou-se por garantir à mulher uma posição digna e honrosa ao lado do homem. A família cristã oferece terreno favorável para se cultivarem as aspirações afetivas da alma feminina, e o homem também encontra aí a possibilidade de satisfazer seu impulso sexual, convergindo a atuação de um e outro sexos na criação e educação das novas gerações.

A diferente modalidade, com que se manifesta o instinto sexual no homem e na mulher, aconselha, pois, como mais favorável às criaturas humanas, no seu conjunto, o estabelecimento da família, com suas limitações ao livre exercício do impulso erótico. Mas o espírito crítico talvez indague, com impaciência, se essas regras de conduta não são simples convenções arbitrárias, que haveria vantagem em reformar a fim de dar lugar a uma vida mais plena e mais "natural".

A isto se responde que esta convenção da organização familiar, que se poderia qualificar de oportunista, baseia-se em sentimentos arraigados no fundo da alma humana. Há certas normas, relativas à vida sexual, fortemente gravadas na consciência. Diz o decano Inge: "Não se nega que uma mulher pura sinta forte repugnância à idéia de se entregar a outro homem que não seja seu marido, e geralmente a gente sente uma profunda aversão com relação ao incesto, à sodomia e à bestialidade" (14). Os estudiosos têm relacionado com os chamados tabus sexuais esses profundos sentimentos. A noção de tabu, entre os povos primitivos, é a crença que existem pessoas ou objetos sagrados, cujo indevido uso é uma profanação que acarreta as mais terríveis calamidades. Crêem os selvagens que certos atos condenados trazem consigo maldição e morte. Assim, por exemplo, é anátema comer um alimento reservado ao chefe ou ter relações sexuais com certos indivíduos, com os quais é vedado

tal comércio. Tais objetos são tabu para determinadas pessoas. Assim se qualificam as relações amorosas entre parentes próximos (incesto), nas quais os laços de sangue não seriam respeitados. Não só o culpado de violar o tabu torna-se merecedor de gravíssimos castigos sobrenaturais, como a tribo toda é arrastada na sua maldição.

Parece-nos que o relacionar nossos princípios morais com certas práticas ou crenças dos povos primitivos não é de molde a lhes tirar o valor profundamente humano. De envolta a crendices abusivas, há muitas vezes um cabedal de experiência da raça, alcançada através de milênios e que nós devemos aproveitar. Afirma o profundo historiador H. Taine: "Quando se considera de perto o preconceito hereditário, encontra-se que tem por origem, como a ciência, uma longa acumulação de experiências. (...) Ser o único marido de uma só mulher, ter horror ao incesto e aos costumes contra a natureza (...), escutar os apelos superiores do pudor, da humanidade, da honra, da consciência, todas estas práticas, outrora desconhecidas e que se estabeleceram lentamente, compõem a civilização das almas. (...) Seguidas através da História, elas se nos revelam como a força secreta que, de uma manada de brutos, tem feito uma sociedade de homens. Em geral, quanto mais um uso é universal e antigo, tanto mais se funda ele sobre motivos profundos, motivos de Fisiologia, de Higiene, de previdência social" (15).

A evolução do pensamento moderno tem abalado profundamente os princípios tradicionais da Moral. Vários fatores vem concorrendo para isto. Já no século XVIII os Enciclopedistas franceses, com seus escritos dissolventes, desferiram fundos golpes nos princípios morais, sociais e políticos que sustentavam o arcabouço social do antigo regime, vindo este a ruir fragorosamente na grande Revolução Francesa.

No século XIX deu-se a revolução industrial, que transformou completamente os moldes da produção fabril.

Com o grande aperfeiçoamento dos maquinismos que passaram a ser movidos a vapor e a eletricidade, os artefatos deixaram de ser produzidos a domicílio pelo artezão, seus filhos e aprendizes. A fábrica arregimentou a todos numa mecanização anônima, dispersando os membros da família, que já não se congregam junto à lareira tradicional. O trabalhador de todas as categorias, tanto o operário manual como o intelectual, absorvido em longas e fastidiosas horas de trabalho, que tornam necessárias, depois, recreações mais excitantes, já não passa no lar senão as minguadas horas do sono. Forçosamente se vão enfraquecendo os laços que antigamente uniam os membros da família. A autoridade paterna e os princípios morais também se vão diluindo.

A mulher, que agora ganha o seu sustento fora de casa, nas fábricas, nos escritórios, nos laboratórios, emancipou-se da antiga tutela da família, que tinha por fim resguardá-la, como um vaso precioso, dos choques brutais da vida exterior. A emancipação feminina, com que a mulher pretendeu igualar o homem em todas as atividades deste e até nos seus desregramentos, transtornou profundamente as normas da vida moral. Os modernos processos para evitar a concepção facilitaram à mulher as relações ilícitas, diminuindo o perigo da gravidez infamante, e concorreram para derribar as barreiras que protegiam a moral tradicional.

Finalmente o cristianismo que tem constituído historicamente um baluarte da Moral, está perdendo a ascendência tradicional de que gozava em muitos países, preparando-se talvez para uma ação mais autêntica, enérgica e integral na personalidade regenerada dos verdadeiros cristãos. Esta formal descristianização dos povos explica, em boa parte, a confusão dos valores morais em que se debate a sociedade moderna.

A mocidade que vive em nossa época necessita desenvolver um redobrado heroísmo para manter a sua integridade moral, não se deixando contaminar pelos princí-

pios dissolventes que ameaçam o caráter dos indivíduos e minam o organismo social. Estes princípios nocivos que, para outras gerações, tinham o atrativo da novidade e encerravam a esperança de estabelecer entre os indivíduos relações mais felizes e situações mais folgadas, já têm sido largamente experimentados. Já se pode colher os resultados dos que pretenderam viver uma vida plena, libertando o impulso sexual das restrições impostas pela moral cristã. A completa liberdade foi pesada na balança da experiência humana e o seu resultado revelou-se negativo. Foi posta à prova e reconhecida faltosa.

Análise da moderna orientação sexual — Vejamos por que maneira a geração contemporânea, em certos países mais "evoluídos", tem procurado resolver o problema do sexo. Julgou-se encontrar a felicidade, dando à tendencia sexual completa liberdade para buscar satisfazer-se, livre das peias tradicionais. Quais os resultados obtidos?

Os partidários da moral do prazer (os antigos hedonistas) fazem do gozo o objetivo da vida; para eles é lícito e conveniente tudo o que causa prazer ao indivíduo. Partindo desta convicção, deram largas ao impulso erótico, sem qualquer restrição. A vida, como nos é descrita em certos romances modernos e em muitas fitas cinematográficas, é um campo aberto às atividades amorosas. As personagens deixam-se levar constantemente pelas solicitações do instinto. Absorvidas, porém, em buscar o prazer físico, não conseguem encontrar o amor, que era a sua máxima preocupação. Ficam, portanto, muito aquem da sua expectativa e não encontram a almejada felicidade. Na expressão de Walter Lippmann, "se a gente toma como ponto de partida a crença que o amor é apenas o prazer de um momento, acaso é realmente surpreendente que ele conceda apenas um prazer momentâneo?" (16). É é uma verdadeira aberração pretender reduzir um desejo humano de tamanha complexidade psicológica, como seja o amor, a uma mera satisfação de

funções fisiológicas. O que se consegue é uma vida frívola, vazia de sentimentos profundos, superficial e oca, sempre buscando e nunca encontrando a felicidade.

Reconhecemos no impulso erótico, ao lado da finalidade primária, que é a perpetuação da espécie, também a de proporcionar o gozo do amor, feito não só de sensação física como também de emoção afetiva. Assim, o exercício dessa função traz conseqüências benéficas ao organismo e também à personalidade moral. Este elemento de prazer, proporcionado pela união dos cônjuges tem, além do mais, o alto alcance de conservar o casal permanentemente unido, o que não sucede com os animais inferiores. Na raça humana esta relação duradoura entre os casados é uma garantia para a criação dos filhos. Porém, com reconhecer no impulso sexual estas duas finalidades, a procriação e a satisfação individual, não se deve cair no extremo de separá-las uma da outra, ao ponto de considerar boa e normal a busca do prazer, com exclusão dos encargos naturais da família. Na natureza encontram-se ambas associadas e a supressão de uma delas é grandemente prejudicial à personalidade humana.

Não se pode realizar uma vida plena e harmônica, quando fundada na idéia que os objetivos da atividade sexual — o prazer de amar e a geração de filhos — ficam situados em diferentes compartimentos da pessoa. Todas as atividades da vida individual são complexas e relacionadas umas às outras. Homem e mulher que não tenham afeição recíproca nunca quererão, por simples dever para com a sociedade, arcar com o trabalho da geração de filhos, nem poderiam criá-los satisfatòriamente. Também não basta que os amantes só se tenham um ao outro como objeto de seu amor. A emoção amorosa se esgota quando só se concentra em si mesma. Para fazê-la durar é preciso que os enamorados possam amar juntamente muitas coisas, que estendam o seu mútuo afeto a muitos objetos amáveis. O ideal do matrimônio é uma plena participação em todos os aspectos da vida; nele se acham unidos o amor como arte e a paternidade como vocação.

O moderno feminismo pretendeu promover a felicidade da mulher, libertando-a de todas as tutelas e restrições, não só conquistando para ela os direitos políticos (o que era de justiça), mas abolindo também a autoridade dos homens da família, pai, irmãos, esposo, que zelavam pela conduta e proteção da mulher. Pleiteou-se para esta o direito de se igualar ao homem nos seus vícios e indisciplina sexual, julgando assim oferecer à mulher um melhor quinhão na vida. O quanto esta orientação está errada, confirma-o o seguinte veredito sobre o amor livre, proferido por uma mulher superior, a qual aliava às experiências de mãe de família uma grande cultura. Diz Gina Lombroso: "A mulher que não alcança o casamento, ou que nele não consegue encontrar a completa satisfação à qual tinha direito, não será feliz; porém, com a completa liberdade de amar, todas as mulheres serão infelizes" (17).

O direito de ser feliz; restrições individuais aos impulsos naturais — Há uma corrente moderna que procura reivindicar para o indivíduo o direito de satisfazer livremente suas tendencias, fazendo tábua rasa de todas as limitações impostas pela moral tradicional. Entre nós também se propaga este princípio. Dizem os seus adeptos que, sendo o homem um produto da natureza, o caminho da felicidade se encontra na satisfação dos impulsos "naturais". Afirmam que as tendencias não devem ser dirigidas por apelos superficiais à razão e à virtude, nem reguladas pelas arbitrárias convenções da Moral, que contrariam o "direito de ser feliz"; mas, dizem, o homem deve regular sua conduta pelos seus sentimentos primitivos, indo até o fundo da natureza do universo.

Mesmo aceitando-se como verdadeiro este conceito, o fato é que uma vida inteiramente instintiva, que não se submete a qualquer regulação, é contrária à felicidade. Da satisfação de cada impulso resulta um sentimento de prazer, é certo, mas uma sucessão de prazeres não é o bastante para criar a felicidade. "O homem feliz é aquele

que consegue uma expressão harmônica de todos os seus desejos", diz Ssockman (18).

Suponhamos o caso de um cirurgião notável, cuja perícia é comprovada por um sem número de operações difíceis e coroadas de êxito. Desgraçadamente esse homem sucumbe ao vício da morfina, suas aptidões decaem, ele perde o conceito de que gozava. Sua carreira está arruinada. Seu grande interesse pela cirurgia, o objtivo máximo a que consagrara toda a sua vida e que procedia diretamente de suas aptidões naturais, é sacrificado pela desorientação de sua vontade, que permitiu fosse ele subjugado pelo desejo de um gozo nocivo.

Um estudante poderá afirmar que não é sua intenção sacrificar sua mocidade aos livros e ao laboratório. Ele acha que tem o direito de gozar da vida, dando a maior parte de seu tempo e energia ao atletismo e às diversões. Entretanto, recusando as limitações de uma vida disciplinada, permitindo que a maior parte de suas forças sejam absorvidas por estas atividades (legítimas em parte, pois satisfazem certas necessidades instintivas), ele está prejudicando outros desejos seus, igualmente legítimos e naturais, como sejam o de desenvolver sua mente e progredir na vida.

Devemos reconhecer, então, que existe em cada indivíduo uma limitação à irrestrita satisfação de todos os impulsos naturais. No dizer de Sockman, **"o direito de ser feliz há de ser exercido sob as leis e disposições da própria constituição individual"**. A livre satisfação das tendencias se encontra, pois, limitada por esta restrição que se funda na natureza mesma de cada pessoa.

Os impulsos sujeitos a restrições do grupo social — Além das restrições que, no campo individual, certos desejos opõem ao livre exercício de outros impulsos, existem também as limitações impostas pela vida em sociedade. É inadmissível, devido a restrições de ordem na-

tural, um indisciplinado individualismo que pretenda satisfazer todos os seus impulsos no campo sexual. Consideremos o caso de um marido afetuoso que, ao lado do sincero amor à esposa, deseja variedade em suas relações com o outro sexo. É a tendencia para a conquista aventurosa, que faz do homem um caçador no terreno sexual. Este impulso poligâmico se manifesta pelos dezesseis ou dezoito anos, idade em que o jovem se sente atraído por diversas meninas e, em rápida sucessão, se vai enamorando de umas e outras. Este impulso natural tem a finalidade de fazê-lo descobrir a verdadeira companheira de sua vida, com a qual há de fundar o seu lar. Mas se esta tendencia ao namoro se manifestar num homem de quarenta anos, as pessoas sensatas o considerarão um caso ridículo de desenvolvimento retardado. E se o homem casado soltar as rédeas ao instinto conquistador, muito embora deseje não causar o menor desgosto à esposa por quem tem afeto, sua falta de disciplina trará a infelicidade dela e ameaçará a ruptura do casal. Se o marido pretender que o seu impulso o leva à poligamia, deve pelo menos reconhecer a legitimidade do instinto feminino que, neste ponto, entra em conflito com o seu. A instituição do matrimônio está estabelecida sobre a profunda tendência monogâmica da mulher, que serve à constituição da família.

O impulso sexual, quando é seguido "naturalmente" e sem artifícios, traz consigo a responsabilidade da procriação. Um dos aspectos naturais da sexualidade é o dever dos progenitores para com a prole. Já os animais têm o instinto de sua obrigação com relação aos filhos, que os leva a protegê-los até o sacrifício da própria vida. O impulso sexual está inextricàvelmente entrelaçado à estrutura social ou altruística do homem. Quem procura satisfazê-lo só para conseguir prazer individual, renunciando às responsabilidades de fundar família, está praticando uma perversão da tendencia natural. Diz Socman: "O solteiro ou a solteira que exigem a faculdade

de satisfazer seu impulso sexual, como sendo uma parte do seu direito à felicidade, obtêm apenas alguma coisa mutilada e truncada, se está diminuida de seu complemento normal, que é o estabelecimento das relações sociais da família" (19). Com efeito, dar expressão ao impulso erótico é mais do que uma manifestação individualista. É a realização da própria personalidade no compartilhar a vida com outrem.

"O problema do amor livre e da fidelidade marital não se apresenta, portanto, como uma questão da natureza contra a convenção moral. (...) Trata-se de um conflito entre diferentes forças da natureza em nós mesmos, e somos nós que havemos de decidir em que direção está a nossa felicidade. O homem que vive poligâmicamente não está vivendo "conforme a natureza", segundo imagina. Ele apenas não conseguiu acertar o passo com a natureza. Ficou paralizado num período do seu desenvolvimento, o qual deveria ter progredido da fase poligâmica para a monogâmica, e desta para a função paternal. Se, portanto, se deve fazer um apelo à natureza, há de fazer-se para a natureza inteira, e não meramente para suas manifestações mais baixas e primitivas" (20)

Esta rebelião individualista que se alastra por toda parte e que tem por fim pisar aos pés as normas sociais do bem viver, como se o indivíduo pudesse sem prejuizo seguir os seus caprichos, libertando-se das restrições tradicionais da Moral, teve em Rousseau seu conspícuo advogado. Para o pensador genebrino, que tão grande influência exerceu na evolução das idéias, o homem é bom por natureza, a sociedade é que o corrompe. Modernamente ainda, esta concepção é esposada pelos adeptos do movimento de "retorno à natureza" como meio de alcançar a felicidade, no terreno da liberdade individualista. Todavia, se por um lado a personalidade humana é livre e representa o valor supremo, é certo que ela se desenvolve nas relações com seus semelhantes e se integra no

corpo social, com seu ideal coletivo de solidariedade. Não o reconhece o individualismo rasteiro e mesquinho que, egoìsticamente, procura libertar-se das peias da vida em sociedade. Entretanto, como diz Sockman, "a teoria evolucionista da origem do homem e do seu desenvolvimento traz dano irreparável ao mito rousseauista de que o homem primitivo foi "naturalmente bom", e a Psicologia corrobora a Biologia na refutação da tese de que o "retorno à natureza" significa uma volta ao individualismo idílico. Não há dúvida que o aproximar-se da "verdadeira natureza das coisas" deverá ser o objetivo da Moral de amanhã, porém a verdadeira natureza do homem há de ser encontrada, não no estado do qual ele se ergue, mas sim no estado para o qual apontam as suas potencialidades" (21).

A Ciência confirma o conceito exarado nas antigas palavras do Gênesis, de que "não é bom que o homem esteja só". O homem é um animal social e a sua própria natureza o impele a se agrupar com seus semelhantes, formando associações, quer domésticas, quer religiosas, quer políticas, quer artísticas. Ressalvados os direitos imprescritíveis da personalidade para a realização de si mesma no seio da sociedade, o individualismo egoísta e estéril deve ser rejeitado, pois é uma mutilação da pessoa. Assim sendo, **o direito do homem a buscar a própria felicidade deve ser exercido sob as limitações dos grupos sociais nos quais ele está integrado**. Aquele que pretender, em nome do seu direito de ser feliz, libertar-se das restrições impostas pela moral familiar ou pelo grupo religioso a que pertence, quebra a sua solidariedade com esse agrupamento social. Buscando erradamente a sua felicidade pela completa rejeição das peias estabelecidas pelo padrão moral, ele se exclui do seu grupo e prejudica a própria felicidade. O homem tem necessidade da convivência com seus semelhantes, para ser feliz.

É claro que esta necessidade psicológica, de o indivíduo aceitar as limitações impostas pelo seu grupo social,

é apresentada como um princípio geral da constituição humana. Há sempre uma margem dentro da qual se pode exercer a liberdade individual de diferenciação, aliás necessária para que o grupo não se estiole dentro de uma uniformidade imutável.

Aspecto psicológico do pecado — A felicidade, feita de harmonia íntima, paz e gozo, é fortemente ameaçada pelos conflitos que se desenrolam na alma, provenientes da discordância dos impulsos e aspirações. Já o poeta latino disse: **"Video meliora proboque, deteriora sequor!"** (Vejo e aprovo as melhores coisas, porém sigo as piores!) O apóstolo Paulo afirma o mesmo fato, nas seguintes palavras: "O querer o bem está comigo, mas o efetuá-lo não está; porque não faço o bem que quero; mas o mal que não quero, essa pratico". Diante dessa experiência profunda e dolorosa do pecado que introduz a desordem no espírito humano, dominado por desejos contraditórios, o apóstolo tem aquela exclamação desesperada: "Infeliz homem eu! quem me livrará deste corpo de morte?" porém conclui num grito de fé: "Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!" (22).

Consideremos ràpidamente a natureza íntima das falhas morais, aquilo que o cristianismo denomina pecado. Encontramos na linguagem pitoresca do Evangelho este conceito profundo: "De dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus designios, as fornicações, os furtos, os homicídios, os adultérios, as avarezas, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba e a loucura: todas estas más coisas procedem de dentro e contaminam o homem" (23). E Santiago, no seu simbolismo oriental, assim pinta a origem do pecado: "Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz; então a cobiça, havendo concebido, dá à luz o pecado" (24).

Estudando este assunto, F. W. Foerster chama a atenção para a fraqueza da vontade, incapaz muitas vezes de fazer prevalecer na conduta os princípios supe-

riores, de acordo com o padrão moral que o indivíduo escolhera. Diz ele: "O dogma do pecado original tem de essencial que penetra até a causa profunda da fragilidade do querer humano; esta causa não reside ùnicamente nos objetos exteriores, isto é, nas seduções terrestres, porém no sujeito, isto é, na tendência da alma humana a sucumbir à atração que ela sofre em face dos objetos sensíveis. A razão profunda da queda não está nos instintos naturais em si mesmos, mas na aliança misteriosa de nossa alma com esses instintos, aos quais ela se escraviza em vez de lhes impor a lei do espírito [25].

Do ponto de vista íntimo, o pecado é a quebra de certas normas morais que fazem parte do ser humano. À vontade compete determinar nossos atos, portanto ela representa papel importante na conduta. No homem moral, a vontade procura sempre orientar os sentimentos e atitudes de acordo com os princípios aceitos pelo indivíduo. Mas na decisão intervêm, como elemento perturbador, as inclinações, os desejos inferiores, os instintos que, embora legítimos na sua esfera, devem ficar sujeitos à finalidade superior do homem. Intervêm também, nefastamente, os traços congênitos do caráter, as taras, os vícios adquiridos. Perfeito em santidade seria o homem cuja vontade, orientada para o bem, prevalecesse sempre no conflito dos sentimentos. Essa santidade não seria uma perfeição insípida, feita de privações, de ascético desprendimento dos desejos terrenos, porém seria uma perfeita harmonia em que os impulsos naturais se subordinassem, sem discordância, aos propósitos superiores da personalidade. A experiência da humanidade só conhece um que haja plenamente realizado este ideal: foi o Cristo. Para o comum dos homens, entretanto, está aberto o caminho do aperfeiçoamento moral, a estrada que conduz à felicidade.

A restauração moral da personalidade — Na cura do pecado, no estabelecimento da harmonia íntima entre os diversos impulsos naturais, não é suficiente esclarecer a

inteligência e apelar para a força de vontade. A vontade muitas vezes fraqueja no embate com sentimentos indomáveis. A construção da personalidade, em harmonia consigo mesma e com o ambiente social, necessita lançar mão da imaginação que, com vivacidade, traz à mente o ideal, e também precisa recorrer ao sentimento, que desperta as energias adormecidas na alma.

É mister que o **elemento afetivo** da personalidade lance o seu peso sobre o prato da balança, que a vontade sòzinha não consegue fazer pender. É aqui que a religião cristã oferece uma forte alavanca à fraca vontade humana. A fé em Cristo é uma comunhão espiritual com a personalidade viva do Salvador, à qual o fiel se sente preso pelos mais fortes laços do amor. O profeta de Nazaré não só realizou na sua vida terrena a personalidade humana ideal, em que os impulsos se harmonizavam numa hierarquia perfeita, subordinando-se serenamente ao escopo supremo, que era o de viver entre os homens o amor divino; mas também a sua personalidade, reveladora do caráter de Deus, persiste imorredoura e é o polo afetivo que atrai constantemente os corações crentes. Exalçado por este afeto, que atrai e inspira, é que o cristão vai pouco a pouco edificando sua personalidade na imitação do glorioso Modelo, não por certo uma imitação servil, material e mecânica, porém assimilando o espírito do Mestre. Assim é o Espírito divino que vai plasmando a personalidade humana para que esta consiga aquela "expressão artística de si mesma, a graça fácil do atleta do Bem", a qual não é fruto do ascetismo [26]. Por isso é que Santo Agostinho disse: "Ama, e faze o que quiseres". O amor a Deus, personificação de todo o bem, impossibilita a prática de atos vis. É a essa lei divina, gravada nos corações regenerados, que Santiago chama "a lei da liberdade", já não uma lei imposta de fora e que contraria os desejos "naturais", porém uma lei moral que se tornou a expressão da vontade do próprio indivíduo.

O dinamismo da fé em Cristo oferece também um meio de superar o antagonismo entre as aspirações egoís-

ticas e as tendências sociais. O conceito cristão da família universal, da qual fazem parte todos os filhos de Deus, proporciona o objeto que desperta um sentimento afetivo, de modo a se estabelecer a supremacia dos impulsos altruístas sobre as tendencias egoístas. Entre os impulsos individuais e o desejo de realizar a solidariedade humana, o conflito deve atenuar-se pouco a pouco, efetuando-se uma transferência de interesse; o centro de interesse será, já não o indivíduo, mas o grupo social. Ainda aqui a razão lógica não consegue vencer o egoísmo individual. É preciso que a **imaginação** agite o ideal social do reino de Deus na terra, apresentado por Cristo, e desperte o sentimento afetivo do ser humano pelos seus semelhantes, para que este busque realizar a harmonia social. Assim o homem deixará de ser um lobo para outro homem, e os sentimentos egoístas cederão lugar ao impulso de prestar auxílio, ao desejo de solidariedade.

Longe ainda estamos desse objetivo. Mas é preciso caminhar para lá. A complexidade dos problemas econômicos atesta que é impossível solucioná-los no terreno do egoísmo individualista de outros tempos. Não se pode mais dizer como Caim: "Sou eu o guarda de meu irmão?" A vida em sociedade está de tal modo entrelaçada que, se um membro sofre, todos sofrem com ele. Os modernos inventos suprimiram as distâncias e aproximaram os povos mais remotos. É preciso aprendermos cada vez mais que a vida humana tem um sentido social e que o interesse coletivo tem primazia sobre os proveitos individuais. Neste aprendizado ainda nos servirá de Mestre aquele que se identificava a tal ponto com os humildes e desvalidos que declarava: "Todas as vezes que alimentastes os famintos, recolhestes os forasteiros, vestistes os nus, visitastes os enfermos e os presos, a mim o fizestes" (27).

Quando soubermos identificar-nos com nossos semelhantes à maneira do Filho do Homem, então não teremos dificuldade em aceitar de boamente as limitações

que a sociedade impõe ao livre exercício de nossos instintos. E poderemos, com toda a espontaneidade, dar satisfação aos nossos desejos, pois não havemos de querer nada que prejudique a nosso próximo.

Origem da moral sexual; indisciplina e decadência — Ja consideramos a conduta sexual do ponto de vista social e vimos que o padrão moral representado pela instituição da família e o casamento monogâmico é o que melhor consulta os interesses da raça. Pode ainda ocorrer ao espírito inquiridor da juventude esta pergunta: Tem a moral sexual algum fundamento de natureza pessoal? Qual a base psicológica do dever de castidade? Em que se apoiam as normas do amor honesto?

Ao indagar quais os fundamentos da ética sexual cristã, Inge afirma que a idéia de castidade não é uma superstição bárbara, fruto de tabus irracionais do homem primitivo, porém sim "o sentido do dever que nos prende a nosso corpo como sede de um princípio mais elevado" (28). Isto equivale à afirmação do apóstolo Paulo, que declara ter o homem o dever de honrar o seu corpo, considerado um templo do Espírito Santo.

Somos de opinião que a moral sexual se funda em dois elementos: a manutenção de uma certa ordem social, considerada vantajosa para a raça e, por outro lado, a existência, no indivíduo, de uma maneira de sentir que é julgada da maior importância para seu aperfeiçoamento e felicidade. Para que o homem se erguesse da inconsciência do bruto até a idéia moral, era mister que algo, dentro dele, o impelisse a essa ascenção. É a experiência da humanidade, durante milênios, que descobriu e fixou as normas do bem viver. Estes princípios se argamassaram na consciência do homem, que agora os reproduz como imperativos morais.

Esta concepção em nada diminui a natureza moral do homem. Que o Criador haja formado de barro o primeiro homem e, num hausto, soprado nele o seu espírito;

ou que o homem tenha sido criado através de milênios, recebendo pouco a pouco d'Aquele "em quem vivemos, nos movemos e existimos" os elementos que formaram a sua personalidade moral, constituida à imagem de Deus: em qualquer das duas hipóteses fica ressalvado o fato que o homem é filho de Deus e tem uma natureza moral.

Já reconhecemos que erram os que procuram a felicidade na livre satisfação do impulso erótico. Vimos que a completa liberdade sexual é nociva ao progresso da raça e da civilização. Isto posto, não convém entretanto cair no exagero dos moralistas que filiam todos os males à indisciplina dos costumes sexuais, atribuindo-lhe, principalmente, a origem da corrupção do caráter e a derrocada das antigas civilizações. Explicam que a Grécia e Roma caíram por causa das suas dissoluções. Conviria, entretanto, averiguar se a devassidão foi a **causa** máxima da degradação geral do caráter, ou se a licença sexual foi apenas uma **conseqüência** de haver sido abandonado o ideal ético e religioso de um povo. Não resta dúvida que, se a maior preocupação de uma nação for a de gozar da vida, os caracteres se corromperão pela ausência de um idealismo que dignifique a vida, dando-lhe uma finalidade superior e nobre. A causa da decadência dever-se-ia então encontrar na extinção da fé religiosa. Não bastaria que houvessem praticado a disciplina sexual aquelas nações, para se terem conservado fortes, nem mesmo poderiam manter austeridade de costumes sem um ideal religioso. O essencial então era que houvessem conservado os primitivos ideais, o amor ao que é belo, justo e bom. A fibra moral se relaxou porque esmoreceu a fé na justiça divina e no dever moral, corroída pelo ceticismo, quando os próprios sacerdotes não se podiam encontrar nas ruas sem um sarcástico sorriso de descrença. A conseqüência disso foi não só campear a devassidão como a desonestidade, a falta de caráter em todas as suas modalidades.

Numa página célebre afirma Taine (que não era um cristão convicto) o valor do elemento religioso na vida

dos povos. Ele compara o cristianismo a um grande par de asas, a erguer a humanidade acima da grosseria dos brutos. Escreveu no século passado o grande pensador: "Sempre e por toda parte, há 1800 anos, logo que suas asas desfalecem ou que alguém as parte, degradam-se os costumes públicos e privados. Na Itália durante a Renascença, na Inglaterra sob a Restauração, na França sob a Convenção e o Diretório, tem-se visto o homem tornar-se pagão, como no I século; imediatamente ele se encontrava tal como no tempo de Augusto ou de Tibério, isto é, voluptuoso e duro; ele abusava dos outros e de si mesmo; o egoísmo brutal ou calculador havia retomado a supremacia; a crueldade e a sensualidade se exibiam; a sociedade transformava-se num valhacoito de bandidos e num prostíbulo" (29). Nesta profunda análise o grande historiador evidencia que a decadência do ideal religioso acarreta a corrupção dos costumes, não só nas relações particulares, como também na vida pública. Não é principalmente a devassidão o que causa a ruína moral da sociedade, mas sim a falta de idealismo para nortear toda a vida; suprimindo-se o dinamismo que a religião cristã oferece, nada mais resta senão a crueldade e a lubricidade do gorila. Desaparece o homem, fica a besta.

O ensino de Cristo concernente às relações sexuais — Temos encarado a questão sexual em seus aspectos psicológico e social, buscando no caráter individual e no interesse da sociedade as normas que devem orientar a conduta. Consideremos, como coroamento de nossa pesquisa, o ensino de Cristo concernente ao sexo. De início impressiona-nos o fato que, entre os numerosos ensinamentos morais de Cristo que nos foram conservados, os relativos às irregularidades sexuais ocupem uma parte tão diminuta. O Senhor Jesus não dá ênfase ao aspecto sexual da vida, como se aí se encontrasse o maior inimigo da perfeição moral. É que ele possuía um caráter harmônico e equilibrado, sem nenhum estrabismo que lhe fizesse fixar a vista sobre um determinado pecado. Quando lhe perguntaram qual o maior mandamento da

lei de Deus, ele não mencionou nenhuma das proibições de atos condenáveis, nem as prescrições de ações louváveis, contidas no Decálogo, porém, deu um admirável resumo da lei, que se consubstancia na prática do amor: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e de toda a tua força. Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (30). A perfeição moral que Cristo ensina não se limita à abstenção de determinados atos, porém a virtude consiste em a gente possuir um sentimento positivo de amor, supremo para com Deus e relativo para com o próximo, que transforma a vida e faz do homem um filho de Deus.

Encontramos, entretanto, nos Evangelhos, alguns preceitos típicos sobre a castidade. Discorrendo Cristo sobre a natureza moral do pecado, que já existe perniciosamente no coração antes de se exteriorizar em atos, ele inclui, entre "as coisas que contaminam o homem": "as fornicações, os adultérios, as malícias, a lascívia". E também no Sermão do Monte, ao se referir ao adultério, declara: "Todo o que põe seus olhos em uma mulher, para a cobiçar, já no seu coração adulterou com ela" (31).

Alguém poderá perguntar: Qual a razão de se considerar pecaminoso o desejo erótico? Não é ele tão natural como o sentir fome, tendo o estômago vazio? A isso se pode responder que o apetite que se sente ao ver uma bela fruta não é pecado, mas tratar de satisfazê-lo, furtando a fruta, é condenável. A análise que Cristo faz dos desejos encerra dois ensinamentos. O primeiro é de caráter psicológico: reconhece que os atos, bons e maus, já existem potencialmente desde a sua concepção na mente. É, portanto, aí que hão de ser combatidas as más ações e fomentadas as boas. O segundo ensinamento é que é pernicioso para o indivíduo alimentar na mente desejos sensuais, voluntàriamente, porque a imaginação, desenvolvendo sem peias um quadro atraente, arrastará a vontade para o tornar uma realidade; e mesmo que não

o consiga realizar, já aderiu moralmente àquilo que a consciência reprovava. Além disso a sensualidade não deve ser a preocupação máxima da vida, como acontece a muitos, pois assim ela absorve todas as energias, tornando o indivíduo incapaz de preencher suas aspirações mais altas.

O pensamento de Jesus relativo ao sexo encontra-se principalmente na maneira como ele encara o casamento. Em Marcos 10:6-12 aparece uma condenação radical do divórcio e novo casamento. Isto significa que o matrimônio ideal não pode ser dissolvido, porque os dois esposos se tornaram "uma só carne", isto é, uma só pessoa, unidos como estão pelo afeto e pela compreensão mútua, não apenas pela união sexual. Este ideal do casamento, preconizado por Jesus, é o oposto da libertinagem. Portanto o cristão não pode ter uma vida sexual desregrada, mas procurará o amor genuino, honrando o casamento, que é a finalidade do sexo.

Na sua conversa com o moço rico que indagava sobre a maneira de herdar a vida eterna, o Senhor inclui o 7.º mandamento, "Não adulterarás", entre aqueles que se devem observar. No seu encontro com a samaritana à beira do poço de Jacó e no tocante episódio da mulher adúltera a quem Jesus perdoa, mas recomenda: "Não peques mais", ressalta a condenação lavrada pelo Mestre contra as relações sexuais irregulares (32).

Todavia não podemos considerar a condenação do divórcio, expressa por Jesus, como uma regra absoluta. Os que estudam os Evangelhos observam que Cristo não deixou a seus discípulos um código rígido de preceitos, cuja aplicação mecânica regulasse todas as relações da vida. Mesmo preceitos concretos, que ele deu, revestem-se freqüentemente de uma forma figurada ou simbólica como, por exemplo, o de oferecer a outra face a quem nos houver ferido no rosto, ato que Cristo não praticou **materialmente** quando foi esbofeteado por um oficial de justiça, na presença do sumo sacerdote (33). Esses preceitos

visavam geralmente a indicar uma orientação moral, que havia de ser aplicada conforme o exigissem os casos individuais. "A letra mata, mas o espírito vivifica". Cristo se apresentava como um profeta, isto é, pregoeiro de Deus, não como um legislador que pretendesse regular determinadas relações humanas. Seus ensinos tinham por fim inspirar o novo ideal do amor, que deve imperar no reino de Deus entre os homens.

O ensino de Cristo acerca do divórcio traça para nós o tipo ideal do casamento que, normalmente, deve ser uma união indissolúvel, de corpo e de espírito. Esse é o ideal que se há de buscar, pela educação e pelo cuidado na escolha do futuro cônjuge. E, dentro desse ideal de amor, deve-se procurar solucionar todas as divergências e incompatibilidades entre casados. "O que Deus ajuntou, não o separe o homem".

Devem excetuar-se, entretanto, os casos extraordinários, como o de um dos cônjuges abandonar o lar para viver com outrem, o de loucura incurável ou de moléstia contagiante, casos em que os laços conjugais estão irremediàvelmente rotos, da mesma forma que sucede quando morre um dos esposos. Nestas circunstâncias, não seria humano nem justo proibir ao outro cônjuge tornar a casar-se.

Conclusão — O cristianismo, portanto, considera legítima a união entre os sexos quando preenche a sua finalidade natural, determinada pelo Criador, a saber a formação da família, na qual não sòmente se perpetua a raça mas também se educam os caracteres e assim se promove o progresso espiritual da humanidade. Por isso é que pensadores cristãos, mesmo no seio do protestantismo, dão ao casamento um valor sacramental. A união sexual, no casamento, se converte na simbólica expressão do amor, e fora do amor conjugal a união amorosa se torna uma profanação. Esta concepção sacramental do amor não é alguma coisa convencional ou ritualística.

Não é apenas um resultado artificial da influência cristã, que teria alterado o conceito de casamento imprimindo-lhe um cunho religioso. Afirma Sockman: "A atitude de admiração, fé e reverência com relação à natureza sexual é mais antiga que a própria civilização, e é tão primitiva como o sexo mesmo". — "Considerando-o em sua relação integral para com a personalidade toda, tem-se consciência de que o sexo é alguma coisa sacramental. Separado do amor, éle é grosseiro e até repelente; mas aliado ao amor ele é a concitação da paixão para a unidade da vida" (34).

Quaisquer relações sexuais, estabelecidas fora dessa base ética, atentam contra o ideal do amor monogâmico. Há ainda a possibilidade de más conseqüências, a corroborar o juízo condenatório. Se vier a nascer uma criança das relações ilícitas, em que condição ficará o filho e a mãe perante a sociedade? O pai não poderá moralmente esquivar-se à obrigação de cuidar de ambos. Seria o cúmulo do egoísmo que ele deixasse à mulher todo o peso da manutenção e educação do filho. E em que situação moral fica a mulher no conceito público? Que futuro a espera, após haver sido deixada por um ou mais amantes? "Os sentimentos naturais de amor, na mulher, se embotam pouco a pouco em semelhante poliandria sucessiva", afirma Forel (35). E o amor reduzido a simples sensação física é apenas uma caricatura.

Os rapazes que procuram um desafogo à premência do sexo por meio de relações ocasionais e clandestinas, não só contribuem para rebaixar o ideal do amor como sobrecarregam sua companheira com os mais graves riscos. Não é nada cavalheiresco para um homem o comprar algumas horas de prazer à custa da infelicidade permanente de uma moça.

A integridade de caráter é inteiriça como o cristal. Não pode ser seccionada, sob pena de se desfazer em estilhaços. O cristianismo, que apela para a personalidade integral, é força que habilita o jovem a submeter à dis-

ciplina seu impulso sexual, tornando-o servo de um propósito superior. O ideal de plasmar a vida do indivíduo e da sociedade, segundo os princípios da justiça e da bondade, é capaz de submeter todos os impulsos egoístas, que tendem a arrastar o indivíduo para a animalidade. Por isso é mais fácil a luta pela castidade naqueles que são dominados por uma fé religiosa. Esta fé, que crê na vitória final do bem, impele o indivíduo a realizá-lo em todos os terrenos onde se desenvolve a sua ação, na ordem econômica, na política, na moral. Não seria lógico alguém combater o embrutecimento de criaturas humanas na esfera industrial e, ao mesmo tempo, causar o aviltamento de outras criaturas, vítimas de sua sensualidade.

Existe uma interessante estatística feita em 1929 pelo dr. C. V. Hamilton, que apresenta os resultados de um inquérito por ele realizado em Nova York, entre 100 homens e 100 mulheres do nível colegial. Sua conclusão é que "os homens se vão tornando mais virtuosos e as mulheres menos". Dentre os interrogados, 59 homens e 47 mulheres, em cada 100, tiveram relações sexuais com outras pessoas antes do casamento [36]. Para o caso dos rapazes, que nos interessa presentemente, não é porventura impressionante que, segundo essa estatística, 41% dos homens se tenham casado virgens? Esta proporção diz bem claramente da possibilidade, para os moços, de se absterem de relações sexuais até o casamento.

CAPÍTULO IV

A PROSTITUIÇÃO

Entre as relações sexuais irregulares, avultam as conhecidas pela designação de prostituição. Esta instituição antiqüíssima, existente entre todos os povos civilizados, não se encontra entre os selvagens; ela começa quando estes atingem o estado já mais adiantado da barbárie e se torna um sistema no regime da civilização. Històricamente a prostituição tende a organizar-se "nas sociedades em que os casamentos são difíceis durante a mocidade e as relações sexuais fora do matrimônio são desaprovadas", diz Havelock Ellis [37].

Pràticamente e na atualidade, podemos definir a prostituição como a ação de utilizar uma mulher, a troco de dinheiro, com o fim de satisfazer o apetite sexual.

Psicologia da prostituta — A psicologia da mulher que se prostitui tem sido objeto de estudos e sobre este ponto têm-se manifestado opiniões contraditórias. Lombroso e Ferrero afirmaram que a prostituta é uma tarada, fruto da degenerescência.

Outros autores, entretanto, não aceitam a teoria da degenerescência nem mesmo como uma das causas principais da prostituição, não consideram a prostituta uma mulher irremediàvelmente tarada. Deste parecer são A. Forel e G. Franceschini. A verdade é que as causas psíquicas e as sociais estão de tal modo entrelaçadas que poderíamos tomar errôneamente umas pelas outras, na interpretação dos fatos. Por exemplo, o fator alcoolismo nos antepassados explica por um lado a degenerescência

e as anomalias físicas observadas em grande número de prostitutas, porém o mesmo alcoolismo pode também haver atuado como fator de miséria e aviltantes condições de vida. Assim, nas mesmas pessoas se manifestariam, por um lado, os sinais de degenerescência física, causada pelo alcoolismo dos pais, e, por outro lado, a prostituição, sem que esta fosse fruto da degenerescência. A degradação de tais mulheres pode explicar-se pelas influências da infância, vivida num desgraçado lar de alcoólico, no meio da promiscuidade e da depravação.

Se não podemos considerar como fatalmente destinadas ao vício, por uma tara congênita, as mulheres que se desencaminham, devemos reconhecer em muitas delas uma predisposição hereditária que as faz cair vítimas da maldade humana. Segundo declara Forel, "devemos saber que as mulheres preguiçosas, fracas de caráter, histéricas, fàcilmente sugestionáveis, faceiras ou ninfomaníacas, constituem matéria especialmente predisposta a se deixar seduzir". E, em outro passo, diz mais: "Outras são ainda inatamente amorais, estúpidas, preguiçosas, mentirosas; outras habituaram-se ao vício desde a infância pela influência do meio; outras são de natureza absolutamente indiferente, apática; outras, ao contrário, muito sugestionáveis, cedendo a toda sedução e a todos os impulsos interiores. Estas últimas formam, talvez, o grosso contingente da prostituição, constituindo a presa mais fácil e cômoda para os caftens" (38).

Vemos, pois, que o que existe na conformação psíquica de um grande número de prostitutas é uma predisposição a se deixarem seduzir pela atração do vício, devido à debilidade mental, imbecilidade, histerismo e outras disposições que freqüentemente são fruto do alcoolismo dos pais. O álcool ainda se manifesta ativamente no processo da perdição de mulheres, já apoucando-lhes o senso moral em seus primeiros contactos com o mundo depravado, já embrutecendo-lhes a mente na embriaguez, para mais fàcilmente suportarem a vida do bordel.

Origens e causas da prostituição — Por mais estranho que nos pareça, a prostituição na antigüidade começou nos templos. Ela se associava aos atos religiosos, pretendendo-se com isso honrar as forças criadoras da vida e a fecundação; julgava-se que havia uma relação entre a fertilidade da natureza e a das criaturas humanas. Procurava-se cultuar com atos sexuais uma divindade, a fim de que esta favorecesse a produção da terra. Com o decorrer dos séculos e a par da significação religiosa do ato gerador, foram-se afirmando também as necessidades individuais, provenientes do apetite sexual. Isto se dava principalmente nos portos de mar e nas ilhas por onde passavam marinheiros cujas viagens os mantinham longamente afastados de seus lares. À medida que se manifestou na Grécia uma concepção religiosa mais espiritualista, a prostituição foi perdendo o caráter sagrado, de culto aos deuses, que a princípio tinha. Permaneceu apenas com seu caráter mercantil, até a nossa época. Constituiu durante milênios um problema social que o Estado em vão tem procurado solucionar por meio de leis, ora proibindo a prostituição, ora tentando submetê-la a uma regulamentação que lhe atenue as más conseqüências higiênicas.

Desde as idades remotas, a exploração da mulher por parte do homem resulta da fraqueza e incapacidade da mulher para se defender. Entre os povos mais atrasados, obtem-se uma esposa comprando-a da família. Ainda hoje, entre os civilizados, há pais que vendem suas filhas e parentes que traficam com a honra das mulheres de sua família. Além desses casos em que a mulher é atirada à prostituição pelos homens que a deviam defender, há aqueles em que a mulher, dotada de um senso moral enfraquecido, resolve por conta própria fazer comércio de seus atrativos, ou é vítima de enganosas seduções.

Para formarmos um justo juízo acerca do meretrício, precisamos considerá-lo, não no seu aspecto fingidamente risonho, porém na maneira real como funciona esta ins-

tituição, desde o processo de recrutamento de seus componentes.

A Comissão Copec (da Conferência Mundial de Cristianismo Prático, "Life and Work", reunida em Estocolmo em 1925), estudando esse cancro que corrói o organismo social, enumera oito fatores determinantes da prostituição feminina. Passemo-los ràpidamente em revista [39].

1.º) Lar malsão ou infeliz; é bem de ver que a vida num cortiço, onde a família dorme num só quarto, tendo os pequenos ocasião de presenciar as relações mais íntimas dos cônjuges, processadas muitas vezes num ambiente de brutalidade e cinismo, em estado de embriaguez mesmo, desenvolve na criança uma calosidade moral que lhe faz considerar o sexo como uma função da mais grosseira animalidade. Para se avaliar a influência do lar desgraçado sobre a alma juvenil, convém lembrar também o lodo das perversões sexuais e de um erotismo desenfreado, aliado à miséria e uma vida desprovida de qualquer idealismo ou sublimação artística, em que se arrastam os escombros do homem civilizado.

2.º) Juventude desprotegida; já nos referimos a pais degenerados que, a troco de dinheiro, abandonam as filhas nas garras de sedutores; e também quantas mocinhas não há, obrigadas a ganhar a vida em oficinas e lojas, na inconsideração própria da idade, expostas às ciladas de cínicos que, por uns instantes de prazer, não vacilam em arruinar a felicidade delas!

3.º) O desejo de ganhar é outro fator da prostituição; isto se explica em vista do salário ínfimo que as mulheres recebem em muitas indústrias e empregos; diz Forel que em Paris 80% das prostitutas aliam um emprego à exploração de seu corpo [40]. Entre nós também numerosas operárias procuram no meretrício um meio de aumentar seus parcos rendimentos.

4.º) Desejo de vestir-se melhor e de divertir-se; a natureza feminina é tal que a mulher tem necessidade de se sentir admirada e apreciada; ela foi feita para ser amada e tem grande desejo de causar impressão favorável, por isso dá muita importância ao vestuário; quanto ao desejo de se divertir, é uma reação naturalíssima à monotonia da vida do proletário, escravizado ao labor mecânico e insípido.

5.º) Indolência e repugnância ao trabalho; esta já é uma causa psíquica que se aproxima do terreno patológico; porém, ainda neste caso, quantas vezes a repugnância ao trabalho é conseqüência da falta de adaptação do indivíduo à atividade que é obrigado a exercer e que não consulta suas inclinações. Dê-se-lhe um trabalho adequado, ele o fará com prazer.

6.º) Sentimento de desonra, quando uma moça é seduzida e vem a ter um filho ilegítimo; a gravidez acarreta para ela a perda do seu bom nome e do emprego que ocupava; a humilhação é tão profunda que muitas, nessas circunstâncias, são levadas a deixarem a família e o seu meio social, atirando-se à prostituição, como meio de vida. Entretanto o sentimento cristão nunca repelirá para longe uma mulher, considerando-a degradada, porque se desencaminhou, mas a julgará merecedora de prudente cuidado.

7.º) Caráter tendente a procurar sempre a solução pelo lado da menor resistência; é bem de ver que numa sociedade civilizada, em que o impulso está sujeito a uma tamanha repressão involuntária, um grande número de homens estão à caça de uma presa para satisfazê-lo e se atiram sobre as mulheres desprotegidas nas quais encontram menor resistência individual.

8.º) Desejo de satisfação sexual entre aquelas de que, entretanto, não se pode dizer pròpriamente que sejam viciosas.

É digno de nota que esta comissão, formada de imparciais pesquisadores do problema, não apontasse, entre as causas determinantes desse mal, aquela depra-

vação inata que alguns grandes espíritos têm atribuído às prostitutas. O mais que se abalançam a afirmar é que há, em muitas delas, um desejo de satisfação sexual,

Organização do meretrício — Vejamos sob que forma está organizado o meretrício no mundo todo. A mulher que se prostitui fica abandonada, à margem da sociedade. Ela corre o risco de ser vítima de abusos e roubo dos próprios homens que a freqüentam e que lhe podem negar a paga do seu triste mister. Ela procura proteger-se, colocando-se na dependência de um amante ou **souteneur** ou entrando para a organização dos exploradores desse ofício infame, os caftens. **Souteneurs** e caftens são, por toda parte, os parasitas habituais do meretrício; vivem explorando as infelizes que eles mantêm sob a sua tirania.

Deve-se a Napoleão o haver organizado a prostituição sob regulamentação oficial. Nesse regime a polícia exige que as meretrizes estejam registradas e se apresentem periòdicamente à inspeção médica, a fim de serem afastadas as infectadas de moléstias contagiantes. É o sistema da prostituição regulamentada, tão combatida por certos reformadores sociais. O que parece certo é que essa inspeção médica não produz os desejados resultados higiênicos, e dá a essa chaga social o aspecto de uma instituição legal. Por força das circunstâncias, tais mulheres são confinadas em bordéis ou casas de tolerância, pensões em que o Estado "tolera" esse ofício infamante e que são dirigidas por um cáften ou uma caftina. Outras mulheres preferem viver em sua própria residência, porém estão sempre presas à trama da caftinagem que as domina na sombra. Em nosso país não estão sujeitas as prostitutas à inspeção médica, porém acham-se matriculadas na polícia onde devem comparecer regularmente a fim de manter em dia o seu registro.

Diz Algunsto Forel: "As pessoas que conhecem a prostituição confessam que ela seria impossível sem o

souteneur, que é ao mesmo tempo o amigo, o protetor e o explorador da prostituta, ao passo que o proprietário do bordel apenas se dedica à sua exploração sistemática por grosso" (41). Esta passividade com que a prostituta se deixa explorar pelo **souteneur**, libertino que vive à custa dela, explica-se pela verdadeira paixão que freqüentemente ela nutre por seu amante. Diz ainda Forel que, embora as meretrizes sejam consideradas pensionistas livres do bordel, elas são na realidade escravas. A prostituta recebe apenas uma parte do dinheiro que ali deixam os seus visitantes, a outra pertence ao cáften. A proprietária ou gerente da casa de tolerância tem meios de fazer crescer de modo extorsivo a conta da pensão ou o preço dos vestidos fornecidos à mulher, que assim fica endividada e presa ao bordel, na expectativa de poder pagar os atrasados. A sua situação de desvalimento perante a sociedade, a leviandade da vida que levam essas mulheres, que têm em geral "cabeça de passarinho", não as torna capazes de defender seus direitos perante a justiça. E se alguma mostra a veleidade de se subtrair à tutela a que está submetida, os proxenetas têm um meio de reduzi-la à obediência incondicional: são as permutas de um país para outro. Uma mulher em país estrangeiro, desconhecendo a língua, sem possibilidade de travar relações de amizade honesta, sente-se completamnte desamparada e à mercê do cáften de quem ela depende. Por meio de promessas de melhores lucros, por mentiras e ameaças de violência, os proxenetas acham meios de induzir as mulheres a se deixarem transferir de um país para outro. Possuindo eles, como é fato, uma trama internacional, com agentes em toda parte, promovem a permuta de prostitutas entre os mais afastados pontos do globo. Esta troca de pensionistas do bordel tem por fim, também, oferecer maior variedade de escolha aos freqüentadores da casa.

Assim se faz a permuta internacional da mercadoria humana, ignóbil comércio conhecido como o tráfico das

brancas. Este tráfico tem ainda um outro objetivo primordial, qual seja o de fornecer novas recrutas aos batalhões já dizimados nas lides do bordel. A arte principal do proxenetismo consiste em cativar mocinhas de doze a dezesseis anos, que é o artigo mais procurado pelo consumo mundial. Além disso, as jovens dessa idade são mais fáceis de seduzir e enganar com falsas promessas. Depois de transportadas para países distantes e atoladas no lodo da prostituição, o proxenetismo as conservará fàcilmente em suas garras. Não se deve esquecer que a sedução de menores é praticada também por mulheres, que podem viajar em companhia de suas vítimas sem levantar suspeitas do público ou da polícia. Em todos os países civilizados há leis de proteção aos menores, porém o proxenetismo tem bastantes artifícios para as burlar. O tráfico de mulheres tem sido objeto de acordos entre os diversos países, que procuram pôr um paradeiro a esse hediondo comércio, porém tem sido difícil impedir a criminosa ação dos proxenetas.

A escola do vício — A sedução de uma moça é apenas o início na arte nefanda do caftismo, segue-se então a sua educação no ofício de meretriz. Desde que um **souteneur**, a serviço de uma caftina, consegue seduzir uma moça, procura atraí-la para a vida do bordel, fazendo brilhar a seus olhos a atração do dinheiro, dos belos vestidos, da vida fácil e divertida. Serve-se também da influência do álcool, que é tão próprio para afrouxar os freios morais. Muita moça leviana assim escorrega insensìvelmente pela ladeira fatal que vai ao bordel. Quando ela já se habituou às relações sexuais, é iniciada na escola do vício onde aprende todos os recursos, naturais ou contra a natureza, para excitar os desejos masculinos. Ensinam-lhe a simular o espasmo venéreo, para fazer crer ao freguês que também ela participa do prazer, quando é sabido que, na prática do seu mister, ela se conserva geralmente insensível. Aprende a praticar o coito bucal, essa perversão bastante generalizada que, na qualidade, não se diferencia da masturbação, pela ausência de outros fatores que normalmente acompanham o amplexo. Sendo a prostituta um instrumento mecânico para produzir prazer no homem, não é estranhável que seja considerada tanto mais perfeita quanto maior for a soma de prazer que saiba provocar, podendo para isto lançar mão de todos os processos, mesmo aqueles que sejam contra a natureza e que atentem profundamente contra a dignidade humana, na sua pessoa e na do seu parceiro. Diz Forel que o bordel "se torna a alta escola de todos os requintes da perversão sexual. Não só oferece as especialidades reclamadas pelos indivíduos atacados, por hereditariedade, de tal ou tal perversão, como também desenvolve, por artifício, os hábitos perversos no homem normal. São até utilizadas as manipulações sádicas ou masoquistas para reavivar o desejo sexual, enfraquecido pelo abuso. Certos impotentes procuram excitar-se observando o coito dos outros. Numa palavra, toda uma fermentação de torpezas e ignomínias lateja no monturo da excitação venal e artificial do desejo" (42).

Conforme a opinião acima referida, a excitação do erotismo, como é praticada nos bordéis, traz o grande perigo de despertar e fixar tendências hereditárias à perversão sexual, que jaziam em estado latente em muitos indivíduos normais, pois entre as perversões hereditárias e as adquiridas existe uma série ininterrupta de disposições latentes, que podem ser desenvolvdas pelo hábito.

Mesmo que um certo número de meretrizes tragam uma hereditariedade patológica (que em circunstâncias normais de vida não teria talvez ocasião de se manifestar) o certo é que uma boa parte delas é, por dever de ofício, obrigada a submeter-se às práticas mais abjetas para satisfazer os desejos mórbidos de seus clientes pervertidos. Em capítulo anterior estudamos o que sejam as perversões sexuais. Encontramos em H. Ellis alguns casos típicos que bem mostram a que ponto de abjeção tais anomalias podem levar. Um dia, certa prostituta foi abordada na rua por um homem que lhe perguntou se

ela consentiria a acompanhá-lo e a permitir que êle lhe lambesse os sapatos; dirigiram-se a um hotel e, no quarto, o homem fê-la sentar-se e enfiou-se debaixo da mesa, depois lambeu os sapatos da mulher, que se achavam cobertos de lama; nada mais fez o homem, que ficou plenamente satisfeito. Outros casos há, bem mais sujos e inconvenientes para serem relatados, como aquele de um cliente que pediu à prostituta e a sua amiga que lhe urinassem na boca. Outro pervertido trazia sempre uma vara e exigia o prazer de surrar com ela a sua "amada" até que brotasse o sangue.

Há autores que acham necessária a prostituição para satisfazer a tipos mórbidos como esses. Agora perguntamos: Se nos dois primeiros casos o cliente tivesse trocado os papéis e fizesse a prostituta praticar o que ele próprio fez (o que não é inverossímil), ainda pareceria justificável uma instituição que impõe tal vexame a uma mulher?

Esforços para a reabilitação das decaídas — O relatório da Comissão Copec salienta que a idade em que as mulheres se arrolam na prostituição remunerada vai de 16 a 21 anos. Também G. Frasceschini cita uma observação do dr. Augagneur que, se uma mulher não se prostitui até os 21 anos, não se prostitui mais. Este fato vem mostrar o quanto a caftinagem se prevalece da inexperiência de suas vítimas, para enredá-las em seus tentáculos enquanto a personalidade não adquiriu ainda o seu pleno desenvolvimento e capacidade de resistência.

Ao lado dos elemento que trabalham para corromper a mulher em benefício deles, há outras forças, geralmente marcadas pelo espírito cristão, que se esforçam para resgatá-la de sua humilhante condição de decaída, oferecendo-lhe um asilo onde pode ser reeducada e reintegrada na sociedade.

A concepção de que a prostituta é uma degenerada, uma mulher fatalmente predestinada, por sua própria

natureza, a se tornar na vida um esgoto para a depravação masculina, essa idéia é muito cômoda é útil para remover os escrúpulos dos que buscam uma justificativa para freqüentarem os prostíbulos. Porém esta concepção não se apoia nos fatos reais. Assim é que G. Franceschini se insurge contra esta orientação que quer ver na prostituta uma criminosa nata, que merece a sorte à qual se acha votada; ao contrário, pensa ele, dever-se-ia ensinar ao povo que "a prostituição é um produto doentio da civilização e quem está por ela afetado é um verdadeiro enfermo, que ainda pode ser curado" (43). Considerando que as moças que entram para a vida do bordel são menores de 21 anos, julga o mesmo autor, secundando a opinião de Fournier, que ao Estado competia seqüestrar todas as menores apanhadas na prostituição e internálas até a sua maioridade, em casas de refúgio onde se lhes ensinasse um ofício e recebessem uma educação moral. Um instituto dessa natureza, existente na Bélgica, tem dado ótimos resultados. Em nosso país também o Estado zela pelas menores desamparadas e providencia o seu internamento em institutos reformatórios, quando foram seduzidas. "Quem jamais poderá dizer", pergunta o citado autor, "quantas mocinhas de 16 ou de 18 anos, as quais já tenham resvalado para o lodo da sargeta, ainda poderiam transformar-se em mulheres de boa conduta, ou em boas mães de família, ou em trabalhadoras honestas, se a porta se lhes abrisse de uma amável casa de beneficência, e na quietude de um instituto educativo se lhes fizesse respirar aquele ar sadio e puro que se respira em tais lugares de cura física e moral?" (44).

Por grande que seja a dificuldade para a reabilitação de uma mulher decaída, esta dificuldade não é razão para que sejam elas abandonadas à sua triste sorte, nem muito menos que os homens "normais e honrados" tripudiem sobre os corpos que jazem prostrados à beira da estrada da vida. Quem advogaria a idéia que os alcoóla-

tras e os morfinômanos devam ser abandonados ao seu vício, para o qual êles têm predisposições inatas? Não se recomenda fazer tudo que é possível para reeducá-los?

"Se nos objetarem", diz Forel, "que a maioria das prostitutas são taradas e que a sua leviandade e preguiça as levam a esse ofício, responderemos que a leviandade e o amor do prazer estão ainda longe de serem idênticos à ignóbil escravidão e à técnica do bordel" (45).

Qual é a sorte final das prostitutas? Elas só podem permanecer nos bordéis, principalmente os mais requintados, enquanto são jovens e belas. Depois vão descendo, se é possível, a escada da degradação, até os prostíbulos mais grosseiros e miseráveis, e acabam na prostituição da rua. Muitas morrem jovens, vitimadas pelo alcoolismo, a sífilis e a vida de dissipação. Numerosas meretrizes terminaram seus dias no suicídio ou no hospício. As que conseguem envelhecer, tornam-se alcoviteiras, cartomantes, arrumadeiras de quartos, vendedoras ambulantes. Algumas privilegiadas e que têm mais tino fazem-se donas de pensões duvidosas. Excepcionalmente, diz Forel, uma meretriz mais esperta e refletida que as outras consegue casar-se.

Tal é a carreira de humilhações, desprezo, moléstias, escravidão e miséria daquelas que, por cruel ironia, são chamadas mulheres da vida alegre. Sob a máscara do riso e dos cantares levianos, oculta-se uma alma à qual se negam todas as verdadeiras felicidades.

Conclusão — Há uma incoerência muito própria da fragilidade humana, que se manifesta na conivência parcial com um mal que se condena. Muita gente reconhece que o "jogo do bicho" é um vício prejudicial, que consome o ganho das classes populares e é um incitamento à desonestidade. A polícia persegue-o. Porém a sociedade reputada honesta admite e pratica este jogo, bem como o da loteria, que é a base sobre que se firma o outro. Sendo o jogo um vício prejudicial, cumpria que

se abstivessem de todas as suas formas. Só com a supressão da loteria se extirpará o "jogo do bicho". As pessoas de caráter devem assumir uma atitude radical contra o vício, onde quer que se encontre. Por igual forma, repelirão qualquer conivência com a prostituição aqueles que almejam uma sociedade baseada na justiça e na solidariedade.

Falando da introdução do meretrício na Índia, nos tempos modernos, dizia um brâmane que isto não foi culpa dos ingleses, porém é o crime da civilização ocidental. E tece os seguintes comentários: "Não tínhamos aqui prostitutas, isto é, mulheres obrigadas a esse ato medonho que consiste em entregar-se ao primeiro que chega. (...) Tínhamos "castas" de cantoras e dançarinas. (...) Elas não se recusam àqueles que as amam e que lhes agradam" (46). Esta opinião de um hindu, embora não esteja de acordo com a ética sexual do cristianismo, tem o valor de salientar o quanto aberra da psicologia humana a prostituição, na qual a união sexual é, para a mulher, uma obrigação que desconhece sentimentos e preferências pessoais.

Diz com muito acerto Rauschenbusch: "A prostituição é a pior forma de desprezo pela personalidade" (47). Viola, portanto, um dos princípios básicos do cristianismo, que afirma o imenso valor da pessoa. A mulher, que devia ser rodeada de consideração e respeito, como toda criatura humana, e possuir os afetos da família, que é para onde converge toda a sua natureza, na prostituição está privada destas coisas. A prostituta reduz o nobre ato de amar a uma função animal, suprimindo do amor o seu aspecto pessoal e espiritual, como fazia ver o brâmane citado; ela pratica no amplexo promíscuo um ato contra a natureza feminina e o ideal humano do amor duradouro, o sacramento da afeição conjugal; e, finalmente, ela adquire no vício um caráter depravado e cínico. Por outro lado, a prostituta está sujeita a uma vida anormal, leviana, passada em ostentação e orgias, em vaidade

e frivolidades. Nada para o sentimento, nada para a inteligência; as cortesãs de grande cultura e bondade, que a História registra, são casos isolados. A mulher leviana, privada do interêsse familiar, não tem nenhum objetivo digno que mereça a sua dedicação. É uma desclassificada, posta à margem da sociedade, num cruel exílio.

No seu veredito contra a prostituição, diz muito bem Godfrey: "O ato de prostituição pode ser completo fisiològicamente, porém não o é em nenhum outro sentido. Faltam-lhe todos os fatores morais e intelectuais que se combinam ao desejo sexual para constituirem a perfeita atração erótica. Todos os elementos superiores do amor, a admiração, o respeito, a honra, o sacrifício de si próprio, são tão estranhos à prostituição como ao ato egoísta da masturbação" (48).

A complexidade do problema não nos deve impedir de encarar a questão como ela realmente é. Do ponto de vista moral e social, a prostituição tem de ser julgada englobadamente, como uma instituição, como um imenso polvo cujos tentáculos circundam o globo e se agitam no lodo de todas as nações. Ela compreende necessàriamente: a sedução de menores, com todos os seus enganos, torpezas, amarguras e lágrimas; a caftinagem e o tráfico das brancas, com sua indizível crueldade, violência, exploração e terror; a promiscuidade sexual que contraria os sentimentos mais profundos da alma feminina, as perversões que obrigam a prostituta à prática dos misteres mais vis. Sem todas estas coisas, a prostituição não poderia manter-se, elas fazem parte da instituição. É esta instituição que se trata de apoiar ou não, perguntando-se aos homens em geral, aos jovens particularmente, se querem contribuir para mantê-la, assegurando a esta agência de prazeres fáceis uma clientela, que é o seu meio de subsistência. Diz Frank Duperrut: "Em presença das iniqüidades que cobrem a superfície da terra, cada homem é um cúmplice ou um adversário. Ora, a gente pode ser cúmplice, tanto pelo silêncio e apoio

à má causa quanto pelos maiores crimes" (49). Este conceito, de caráter geral, podemos aplicá-lo, de modo mais restrito, aos males da prostituição. Visitar um prostíbulo não é pôr a perder uma mulher (que já foi precipitada na vida miserável), mas é sustentar uma instituição odienta, é dar-lhe o apoio moral e financeiro, é implicitamente incumbir a caftinagem de continuar a sua nefanda tarefa de cativar novas vítimas, para preencher amanhã os claros do bordel, a fim de satisfazer os desejos dos seus freqüentadores de hoje.

CAPÍTULO V

O CASAMENTO

Já vimos como o poderosíssimo impulso sexual de que são dotados todos os seres da escala animal e particularmente o homem busca satisfazer-se, na ordem natural das coisas, desde que o indivíduo atinge seu pleno desenvolvimento. Entretanto, a Moral ergue-lhe justas barreiras, quais muralhas a protegerem o patrimônio da nossa civilização cristã. Não afirmamos que a civilização ocidental seja genuinamente cristã, pois está longe disto; contudo, ela encerra os germes, os princípios basilares que, cultivados e desenvolvidos, farão surgir uma sociedade em que impere a justiça e o amor, essência do cristianismo.

Defrontamo-nos então com a premência do impulso sexual que, entre os moços, encontra dificuldade em satisfazer-se normalmente pelo casamento, devido a impedimentos de ordem econômica, principalmente. Os paliativos que o jovem encontra no seu caminho, as relações sexuais ilegítimas de toda categoria, toleradas pela frouxidão e incoerência da moral corrente, pusemo-las decididamente à margem, como indignas do caráter cristão. Que solução haverá então para o problema do impulso sexual? Responderemos em duas palavras: o casamento precoce e, até que ele se realize, a castidade.

Precocidade no casamento — Esta solução, aconselhada por grandes conhecedores do problema, é também preconizada por A. Forel. Recomenda ele a castidade até o matrimônio, que deverá realizar-se precocemente, pelos vinte e cinco anos para os homens e dezoito ou de-

zenove para as moças [50]. Estas idades, indicadas com relação ao ambiente europeu, de desenvolvimento mais tardio, podem não parecer muito "precoces" para a sociedade brasileira. Em todo caso, acatemos a opinião de que o jovem deve procurar no matrimônio, contraído cedo, a solução natural para suas dificuldades de ordem sexual.

Também a Ch. Richet parece descabida a exigência, que as condições sociais impõem a muitos rapazes, de se privarem da satisfação sexual normal dos vinte aos vinte e sete anos aproximadamente. "Isto é absolutamente contrário à sua organização física e psíquica; tão contrário que nunca os sentimentos amorosos são tão poderosos como aos vinte e cinco anos" [51].

Igualmente o prof. A. Austregésilo acha aconselhável que a função amorosa se exerça normalmente, uma vez que o rapaz atingiu à plena madureza sexual. Diz êle: "Concluímos que, exercido o coito com os preceitos rigorosamente higiênicos e naturais, sem os excessos, sem contaminação venérea ou sifilítica, sem exagerado sacrifício, sem esfalfe das forças nervosas ou orgânicas, de acordo com os desejos, as energias e os ímpetos pessoais, respeitados os princípios do direito, da moral comum, pendemos mais para que a função seja na juventude naturalmente exercida e não coibida. A poupança do sêmen ou do esperma, que para muitos higienistas é riqueza, não é rigorosamente exata quando o homem se acha em plena maturidade viril" [52].

Nos termos acima, ficou bem claro que, ao aconselharmos o casamento precoce, não entendemos justificar o exercício da função sexual por parte dos adolescentes. "A natureza leva dez anos para fazer de um rapaz um homem", diz o dr. A. Herzen, professor da Universidade de Lausanne. "O fato de o adolescente, por volta dos dezessete anos (em alguns rapazes por volta dos quinze anos) estar apto para fecundar um óvulo humano, nem por um momento deve ser interpretado como indicação

de que em tal idade esteja pronto para assumir as responsabilidades e o pesado encargo físico de construtor dum lar. A natureza tem dado apenas um passo para a completa e formal virilidade" [53].

O casamento demasiado precoce oferece o perigo de ser o amplexo repetido com exagerada freqüência, exigindo-se das glândulas seminais uma produtividade em desproporção com o seu desenvolvimento ainda incompleto. Qual será então, no homem, o limite da idade para o matrimônio aconselhável?

Referindo-se aos perigos do casamento muito precoce, o dr. Ribbing afirma que a mortalidade entre os casados depois dos vinte anos é de 14 por cento, porém nos casados antes desta idade sobe a 60 por cento [54]. Daí se deduz que a idade de vinte anos pode ser tomada razoàvelmente como limite mínimo para o casamento de um rapaz, em regra geral.

Ouçamos ainda o que diz Mantegazza, citado por H. Wegener: "...A castidade é tanto mais útil à saúde do corpo e do espírito, quanto mais jovens formos, e economizar volúpia antes dos vinte anos é conservar-se rico de energias para toda a vida".

Além das considerações de ordem fisiológica, aconselhando que a precocidade no casamento não venha muito aquém da idade que a lei civil estabelece para a maioridade do cidadão, devem-se também tomar em conta as razõs de ordem moral e social. Seria imprudente confiar o destino de uma moça a um rapazola que ainda não teve ensejo de dar provas de si, de revelar o seu caráter e aptidões para uma atividade útil. Parecerá a alguns que, mesmo completada a maioridade, o moço freqüentemente não terminou ainda a sua formação profissional, nem firmou a sua posição social. Entretanto, já então um observador atilado poderá aquilatar as qualidades de um rapaz pelo seu esforço demonstrado até ali.

Requisitos para a verdadeira união — Um passo tão importante como o casamento, que moldará definitivamente a vida de duas criaturas, merece decidir-se com toda a ponderação. Da acertada escolha dependerá que a vida do lar transcorra em harmonia, compreensão recíproca, ajuda mútua nas agruras da vida, participação nos mesmos gozos e ideais, carinhoso entendimento entre os cônjuges para a educação dos filhos, a qual só nesse ambiente poderá produzir caracteres equilibrados. Há livros excelentes que tratam desse assunto. A dificuldade está em aplicar aos casos concretos os conselhos dos autores experimentados, pois é sabido que, ao irromper o sentimento, a razão se eclipsa. Ainda assim é útil apontar os escolhos que ameaçam de naufrágio o barco da felicidade conjugal. Os jovens de mais idade deverão ir pensando desde já na rota a seguir.

A questão de saúde, apesar de essencial, é freqüentemente tratada com descaso. Ninguém tem o direito de procriar uma descendência doentia, daí a necessidade do exame pré-nupcial e do tratamento adequado, caso o indivíduo ou sua família apresentem indícios de moléstia transmissível ao outro cônjuge ou aos filhos. Quanto sofrimento nos próprios progenitores e na prole seria evitado se houvesse uma elementar prudência antes de contrair casamento! Com os atuais recursos da Medicina, não é lícito a ninguém trazer para o leito nupcial o corpo e o sangue contaminados.

O verdadeiro amor tem como ponto de partida a atração física de dois seres de sexo oposto, mas isto por si só não basta. Este sentimento natural há de ser completado pela afinidade intelectual e moral, se é certo que os indivíduos não são apenas corpos, mas também espíritos.

Há um livro de alta inspiração cristã, publicado na Suíça em 1958, intitulado "Le mariage, ce grand mystère", o qual deveria ser lido por todo noivo, em vista da orientação sábia e prudente que dá para os mais íntimos problemas. Nele o dr. Théodore Bovet esclarece bem os elementos dessa união completa, ao apresentar o amor humano sob os três aspectos que o compõem: Primeiro, o desejo sexual que é meramente animal e egoísta; depois, o sentimento erótico que consiste na atração recíproca da feminilidade e da masculinidade, e que se expressa no olhar, no gesto, na voz, nas carícias; finalmente aquilo que (na falta de melhor termo) ele designa por "ágape", que é o profundo afeto que os amantes sentem um pelo outro, na qualidade de pessoa. Já não se trata da atração erótica que um indivíduo exerce sobre outro de sexo oposto, mas da união espiritual de dois seres. Neste terceiro aspecto, o homem ama sua mulher por ela mesma, não pela beleza de seu rosto; a esposa o ama por si mesmo, não por sua inteligência. O Eros e a Ágape são partes integrantes de uma boa união conjugal e lhe são igualmente necessários, diz Bovet, pois é preciso que o homem e a mulher não só sejam atraídos um pelo outro, mas se amem recìprocamente como pessoas [55].

A educação deve fazer com que o indivíduo se eleve do Sexo para o Eros e deste para a Ágape. A atração física de um rapaz por uma moça nada tem em si de mau ou inferior, mas é menos cativante que o encanto de sua alma feminil. Porém este não se revela senão quando o sentimento sexual está dominado por Eros. Semelhantemente a Ágape só é possível quando o Eros lhe está sujeito. De maneira que a verdadeira felicidade só se encontra quando o amor apresenta harmônicamente esses três aspectos.

A atração pessoal é elemento indispensável ao perfeito matrimônio, se bem que haja exemplos de casamentos contraídos por arranjo entre as famílias interessadas, nos quais um verdadeiro amor surge depois. Entretanto o amor conjugal não é qualquer coisa etérea, abstrata, que possa alimentar-se apenas com a comunidade de idéias, ou criar-se por simples convivência. Tem

como base concreta o encanto dos sentidos, agradàvelmente feridos por qualidades da pessoa amada. Na sua noiva o rapaz deve ver a mulher, com as atrações da feminilidade. Mas, de início, já existe uma possibilidade de engano. Há momentos em que o impulso sexual age com maior violência do que em outros, horas em que as condições fisiológicas ou psíquicas do indivíduo o tornam mais sensível à atração feminina. Num desses momentos é fácil que ele experimente um enlevo passageiro por determinada pessoa, sem que tal sentimento tenha raízes fundas na sua natureza. Para saber se esta atração é real ou é mero fruto das circunstâncias do momento, o arguto Mantegazza aconselha ao rapaz que se aproxime do objeto de seus encantos em outros dias, quando já se lhe tenha aliviado uma tal ou qual tensão orgânica e psíquica. Se então ainda sentir atração pela sua preferida de há dias, é provável que esse sentimento seja profundo e mereça confiança.

Há, pois, toda a necessidade de que o jovem perscrute seu sentimento e não se embarque levianamente numa inclinação que seja uma aventura passageira. Mesmo então, é ainda possível que aquilo que parecia atração intensa e verdadeira, venha a desaparecer após o matrimônio. E ai daquelas uniões que não têm outro laço senão a atração dos corpos! A inclinação física é legítima e natural, porém deve completar-se com os elementos da vida mental e espiritual, a semelhança nos gostos e nos objetivos. Esta condição é indispensável antes de dois jovens poderem dar-se as mãos do noivado.

Há ainda o fator do nível social que merece ser considerado, pelo muito que influi na união conjugal. Uma grande diferença na educação e no padrão social dos consortes, um desnível entre os ambientes em que suas personalidades se desenvolveram, prejudica grandemente a felicidade do lar, pois os sentimentos não serão afinados pelo mesmo diapasão, diferente será a maneira de encarar os problemas da vida. "A única base do casamento é o amor, não a atração física, o amor que implica uma harmoniosa síntese de todas as qualidades dos dois interessados" (56).

A vida conjugal não transcorre toda naquilo que se convencionou chamar "lua de mel". Mesmo a intensa paixão se transforma, em regra, num sentimento mais sereno de carinhosa camaradagem, de compreensão recíproca, de interesses comuns. As lutas da vida devem ser enfrentadas pelos cônjuges em comunhão de espírito. Se lá fora sopra o vento glacial da adversidade, da má vontade, da inveja, é no ambiente afetuoso do lar que o marido retempera as forças para os novos embates. Se ele é incompreendido no meio social em que age, se é caluniado, possa ao menos no aconchego da família encontrar quem o compreenda e lhe faça justiça, aquela mão carinhosa que saiba pensar as feridas do coração magoado, aquele tacto sutil capaz de apontar uma saída através de dificuldades intricadas.

No problema da educação dos filhos, que é uma das grandes finalidades do casamento, é indispensável a unidade de vistas entre os cônjuges. Impossível será uma educação moral eficiente se ambos não tiverem a mesma orientação quanto aos princípios, se não aplicarem à solução dos problemas que surgem diàriamente a mesma escala de valores. Trata-se, por exemplo, de evitar uma companhia julgada indesejável pelo pai ou pela mãe, ou de uma diversão que parece a um deles prejudicial, ou de hábitos inconvenientes para a disciplina doméstica ou a saúde; ou então é o problema da instrução a dar aos filhos, ou da orientação religiosa. Todas estas questões serão motivo de desinteligência se não houver entre o pai e a mãe aquela harmonia de idéias e sentimentos capaz de produzir um acordo nos propósitos.

Camaradagem entre os sexos — Do que ficou dito decorre a necessidade de haver um conhecimento bastante completo entre aqueles que pretendem unir-se em

matrimônio. Para consegui-lo faz-se mister um prolongado convívio. Felizmente os costumes da sociedade brasileira são hoje bem diferentes do que eram há algumas décadas, dando-se agora oportunidade aos jovens de ambos os sexos para se encontrarem livremente e palestrarem, nos salões, nas vias públicas, em passeios e excursões. Esta liberdade, entretanto, para ser proveitosa, deve ser mantida dentro de certas normas.

É coisa naturalíssima que moças e rapazes tenham prazer em palestrar uns com outros. A atração dos sexos manifesta-se, inconscientemente, desde a primeira infância. Ela é legítima na juventude. As qualidades diferentes de um e outro sexos são feitas para se completarem. A atração é recíproca e de conformidade com a ordem da natureza. Tratando da relação entre os sexos, a Conferência Mundial da Vida Cristã (Life and Work) reunida em Estocolmo, em 1925, assim se manifestou: "A camaradagem amistosa com mulher pode significar, para homens normais e viris, uma das coisas mais interessantes da vida, mais proveitosas também e mais geradoras de emulação; a amizade para com o homem pode ter para a mulher os mesmos méritos". Acrescenta um comentador: "Deus fêz homens e mulheres diferentes uns dos outros, não só fìsicamente, mas intelectual, moral e espiritualmente, de modo que sejamos um para o outro como a música para as palavras, formando juntamente o cântico que Deus gosta de ouvir seus filhos cantar" (57).

É perfeitamente normal e digna de ser cultivada uma amizade franca entre moços e moças. O rapaz encontrará nessa camaradagem um estímulo aos sentimentos nobres, aprenderá a prezar a atração dos sexos no terreno da dignidade em que a natureza feminina a coloca geralmente. Mas, para que tal suceda, é preciso afastar de início o jogo de namorar por passatempo. Infelizmente a nossa juventude é levada, desde a mais tenra infância, a preocupar-se com o namoro, devido às sugestões de mau gosto, feitas pelos adultos. Aos pais cumpre reeducar-se a si mesmos, a fim de poderem criar os filhos num ambiente de simplicidade. Não preconizamos uma mentalidade de asceta, nem vemos no verdadeiro namoro um mal. Ele tem seu lugar na idade própria. A devida educação do sentimento fará compreender, entretanto, que há coisas demasiado sagradas para servirem de pretexto a brincadeira; entre elas está o amor. Mesmo quando, entre adolescentes de sexos diferentes, surja um apego sincero, uma afinidade de gênio e de interesses que os atrai um para o outro, deve haver certo recato em suas relações.

Há quem pense que a mera proximidade da mulher é um estimulante sexual e, portanto, deve ser evitado pelos rapazes solteiros que zelam da sua castidade. A nós nos parece justa a opinião contrária, que reconhece no convívio com o sexo feminino, mantido num ambiente são e digno, um lenitivo para as agruras da disciplina sexual. As excursões, as atividades físicas ao ar livre, as estações nas praias, oferecem ótimos ensejos a que moças e rapazes cultivem amizades sadias. Também seria para desejar que se estabelecesse o hábito de visitas domiciliares entre a gente moça de ambos os sexos, com o objetivo de cultivar relações de amizade. Talvez suceda nascer daí alguma inclinação afetiva mais sólida, que venha dar em casamento, mas isto não deve ser a condição, nem a conseqüência esperada, de tais visitas. Os pais deveriam favorecer esses encontros, que viriam facilitar o conhecimento mútuo entre moços e moças, afastando entretanto a idéia preconcebida de que daí deva resultar necessàriamente um enlace.

A camaradagem que recomendamos, entre os jovens de ambos os sexos, deve conservar-se alheia aos namoricos, às pieguices, às afetações sentimentais, aos bilhetes amorosos e aos versinhos. Ela não procura precocemente um sentimentalismo espúrio, nem o isolamento de dois em recantos sombrios. Prefere a vida movimentada, as palestras animadas entre várias pessoas, à luz meri-

diana. É expansiva e jovial, tem um temperamento desportista.

Há várias modalidades de namoro, desde o infantil, que é inepto e ridículo, até o adulto, que tem o objetivo de encontrar correspondência de sentimento, com vistas ao casamento. A meio termo, entre um e outro desses extremos, colocamos o namoro-diversão, atividade atualmente muito espalhada. Conquanto seja uma expressão natural da atração entre os sexos, deve ser encarado com prudência. Pode talvez tornar-se um modo de cultivar inclinações espontâneas, causa de legítimo prazer, e constituir, na ordem natural, um preparo para o encontro da afeição definitiva.

Entretanto este namoro-diversão assume aspecto funesto quando abusa da liberdade, concedida hodiernamente para o convívio de jovens de sexos diferentes. Referimo-nos às carícias inconvenientes com que o rapaz se compraz, excitando em sua companheira, muitas vezes inocente, emoções de natureza erótica. Os beijos, os abraços, as pressões amorosas são atos que, na ordem natural, destinam-se a preparar os amantes para a realização normal da união conjugal. É muito prejudicial a prática lasciva desses atos, por parte de pessoas que nem sequer pretendem casar-se. Redunda em excitar diretamente o impulso sexual, ao passo que não se pode satisfazer completamente o desejo assim despertado. É deitar azeite numa fogueira que, já sem isso, dá bastante trabalho para ser contida nos necessários limites. Conhecem-se gravíssimos casos de perturbações do equilíbrio nervoso, oriundas do imprudente tactear dessas partes do corpo, conhecidas como zonas erógenas, praticado em pessoas solteiras, muitas vezes ignorantes dos fenômenos da sexualidade. O dano causado pela excitação proposital dos desejos eróticos provém de que não se lhes dá em seguida a satisfação natural.

Eis como um escritor moderno analisa as carícias entre namorados, tão vulgarizadas em nossa época e que

obedecem a um processo que ele denomina "progressão sexual". "Os fatos revelam que a expressão física da sexualidade, que satisfaz o desejo em certa fase do acariciamento, não será por muito tempo uma fonte de prazer. Em breve o indivíduo necessitará maior estímulo para sentir o mesmo grau de satisfação recebido anteriormente. O prazer que, algumas semanas antes, provinha simplesmente de apertar as mãos, já agora não se produz sem beijar, e o grau de satisfação proveniente do beijo não será experimentado em breve, a menos que se proceda ao tactear do corpo. O indivíduo é tentado a prosseguir, passando de um degrau ao outro, na escala da satisfação erótica. Chegará assim gradualmente ao ponto em que nada, a não ser o amplexo, poderá satisfazê-lo, física e psìquicamente (...) Muitos jovens estão tão convencidos de que nenhum mal há em acariciar-se um pouco, mas que, ao contrário, alguma coisa ruim lhes acontecerá se se abstiverem completamente de carícias, que só tarde demais chegam a compreender que tal prática cria seus próprios problemas. Dar alguma expressão à sexualidade não é libertar-se dela, mas sim incrementar o domínio do desejo" (58).

O fato é que, por um lado, a prática de carícias intensas, como prolongados beijos e outros contactos íntimos produz uma excitação que será prejudicial se não for seguida do relaxamento através do orgasmo; por outro lado, nos seres humanos o sexo e o amor estão inextricàvelmente entrelaçados, de modo que o amplexo promíscuo é um atentado contra o verdadeiro amor e prejudica moralmente aqueles que o praticam. Como escreve R. F. Hettlinger "freqüentemente os estudantes hoje em dia julgam que intimidades sexuais sem amor são inexpressivas e degradantes, conquanto possam ser momentâneamente objeto de prazer". Também G. Green declara: "Para a maioria das moças que estudam em colégio, o sexo sem amor é promiscuidade, e a promiscuidade é, inegàvelmente, uma palavra vil" (58 - bis).

O ideal, alimentado por todos, é chegar um dia ao verdadeiro amor, que é feito de mútua e total entrega de duas pessoas de sexo oposto que se completam num enlace duradouro.

Lar provisório sob o teto paterno — Dissemos que a solução para o problema sexual do rapaz, na sociedade contemporânea, deve ser buscada no casamento, e que convém realizá-lo logo que o moço atinja a maturidade fisiológica, bem como uma certa maturidade e o senso de responsabilidade. Para esse propósito o maior obstáculo é, provàvelmente, a questão econômica. A luta pela subsistência tem-se tornado muito intensa, a concorrência econômica é enorme, grandes são as dificuldades para se conseguir uma colocação sólida, capaz de prover à manutenção de uma família. Os rapazes que se dedicam às carreiras liberais têm diante de si longos anos de estudo e de tirocínio, até que possam pretender à remuneração de seus esforços. Reconhecemos estes óbices, mas devemos tratar de afastá-los o mais possível.

Em primeiro lugar, talvez sejam as exigências de uma vida luxuosa o que embaraça grandemente o casamento, por parte de jovens de ambos os sexos. Julga-se preciso tanta coisa dispendiosa, desde o rádio até o automóvel, trajar ao rigor da moda, sentar-se às mesas de restaurantes elegantes, freqüentar diversões caras, de modo que a vida sem essas regalias parece impossível a muitos. Esta concepção pagã está em franca oposição ao espírito do Evangelho, que ensina não consistir a vida do homem nas coisas que possui, mas naquilo que ele é. "Que aproveita a um homem se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida?" Como reza a sabedoria popular: "Um coração contente é um festim permanente". As fontes do contentamento brotam dentro da alma, elas provêm de uma vida ativa e útil, sadia e equilibrada, sem encargos de ostentação acima das posses do indivíduo. A alegria doura uma vida carinhosamente votada aos entes queridos, consagrada a servir um alto ideal e a admirar

toda a beleza que o mundo encerra. São Francisco de Assis, não possuindo nada de seu, gozava, como senhor, de todas as belezas da criação. O retorno à vida simples é o remédio de que precisa nossa civilização vertiginosa e enervante. Certamente ninguém aconselha a volta à era do carro de bois. O que se faz mister é cultivar o espírito de simplicidade, de desprendimento, que habilite o homem a servir-se da máquina sem se tornar escravo dela. Devemos revigorar nossa personalidade, de modo que saibamos moldar nossas vidas por um padrão digno de ser vivido, ao invés de nos escravizarmos à moda e à opinião corrente. Sem cair no exagero romântico dos que declaravam (em versos) contentar-se com a fórmula: "Teu amor e uma choupana", é certo que o casamento, na mocidade, será muito facilitado por um espírito de simplicidade, pelo desprendimento da toda ostentação.

O feminismo se impõe avassaladoramente em nossos dias. Por toda parte a mulher conquista posições que, até pouco, só eram ocupadas por homens. Nos escritórios, nas repartições públicas, nas carreiras liberais e até na política não se faz mais diferença de sexo. Até que ponto isto seja um bem ou um mal, não vem ao caso considerarmos aqui. O fato é que as moças da classe média, como já sucedia com as filhas dos trabalhadores manuais, não ficam em casa a esperar marido. Com exceção da pequena minoria da classe rica, a generalidade das moças procura um meio de vida que as torne independentes. Esta situação vem facilitar o problema do casamento precoce. Em geral o rapaz, após os vinte anos, tem um ganha-pão, embora modesto. Seu ordenado não será suficiente para montar casa, mas bastará para suas despesas individuais. Nestas circunstâncias e desejando ele casar-se com uma moça que também tenha sua independência financeira, seria desejável que a casa paterna de um ou de outro se abrisse para receber o jovem par, alguns anos, até melhorarem as condições financeiras do rapaz. O plano de casar-se o filho sob o teto paterno

e ali permanecer por certo tempo não é descabido, pois conhecem-se numerosos exemplos deste arranjo.

Regulação dos nascimentos — O maior inconveniente de morar mais de um casal sob o mesmo teto é a questão dos filhos. A criação e educação destes exige normalmente que cada família tenha seu lar, a isto destinado.

Outro considerável obstáculo ao casamento precoce é a crescente despesa com a criação dos filhos, o que traria encargos financeiros incompatíveis com os limitados recursos do novo casal. É possível solucionar esta dificuldade, adotando-se a procriação racional, que consiste em regular o aparecimento dos filhos de acordo com as condições econômicas, higiênicas e morais do casal. Os livros que tratam do assunto expõem as razões justificativas desta prática que, entretanto, é condenada por muitos espíritos tradicionalistas. Desejamos dar algumas razões em abono da regulação racional da procriação, que é coisa muito diversa da supressão permanente da natalidade.

O amor conjugal tem um duplo objetivo: a satisfação do impulso sexual e a procriação. É certo que a natureza dotou com este instinto os seres animados, com o fim de assegurar a perpetuação da espécie. Entretanto, na raça humana, o impulso genésico desenvolveu-se e irradiou-se tanto na personalidade, que veio a exercer influência preponderante em todos os aspectos da psique, ultrapassando muito o alcance da mera proliferação. O amor, que cobre tão vasta área da vida individual, aspira a exercer-se a fim de assegurar a harmonia e o equilíbrio psíquico. Observadas as leis da Higiene e da Moral, é perfeitamente legítimo satisfazer o impulso erótico com o único objetivo de obter a satisfação que ele proporciona. Esta afirmação, que parece ousada, é a prática corrente em todos os matrimônios, pois o casal não cessa as relações conjugais logo após certificar-se que se deu a fecundação. O que não se justifica, de modo algum, é o exercício do amor com o propósito comodista de evitar sempre a procriação. Por parte de quem o fizesse por motivo egoísta, isto redundaria em frustrar o desígnio divino da perpetuação da raça; seria, pois, imoral. Mas praticar o amplexo, adiando temporàriamente a procriação por motivos razoáveis e justos, é perfeitamente legítimo e moral.

Alegam os contrários à regulação da natalidade que os processos empregados são contra a natureza. Mas acaso é "natural" a gente usar óculos para oumentar o poder visual, ou empregar a aviação para locomover-se? Se a natureza não nos deu asas, não devemos lançar-nos através dos ares! E que diremos dos enxertos humanos? Será natural tirar um pedaço de corpo humano e articulá-lo em outro? Tirar um trecho de pele de um indivíduo para cobrir o ferimento do outro? A civilização coloca o homem num ambiente até certo ponto artificial; é lícito, portanto, usar de corretivos artificiais nas circunstâncias desfavoráveis.

O que é "natural" é nascerem muitas crianças e morrerem em grande quantidade, deixando um saldo relativamente pequeno de sobreviventes. É o que sucede entre as classes pobres, havendo um desgaste de forças maternas, em pura perda. Quanto sofrimento e trabalho para pôr no mundo uma numerosa prole, da qual só pequena parte está destinada a viver? Qual o proveito de encher fartamente os berços e os caixõezinhos mortuários? Este é, entretanto, o processo habitual da vida "natural". Porém quando a civilização se espalha e a gente emprega meios higiênicos, que são antinaturais, para combater a mortalidade infantil, é legítimo usar de métodos que regulam a procriação.

É sabido que o aumento sempre crescente da população do globo já inquieta os cientistas. Serve de exemplo o que sucedeu no Japão, onde os processos de Higiene, recebidos do Ocidente, produziram um tal aumento da população que o país não pode mais sustentar seus habi-

tantes. Já se prevê um tão grande crescimento da população terrestre que nosso planeta não a poderá alimentar, se correrem as coisas naturalmente, como até agora. Para se condenar a limitação, do ponto de vista moral, não cabe o argumento que, no Brasil e alhures, ainda há vastas zonas para povoar. Uma prática pode ser considerada vantajosa ou prejudicial, de acordo com as circunstâncias. Porém o que for moral na China não pode ser imoral no Brasil, aplicando-se o mesmo critério de moralidade.

O uso de medidas anticoncepcionais, no casamento, não é contrário às finalidades naturais do impulso sexual na espécie humana. Entre os animais, essa tendência se manifesta esporàdicamente, nas épocas do cio, justamente quando se pode dar a fecundação. No homem, ao contrário, ela é constante, faz-se sentir ininterruptamente durante os longos meses em que a gravidez da esposa a torna inútil para a fecundação. Se aceitarmos que o casamento monogâmico representa o estádio mais adiantado que, em sua evolução, o sexo alcançou entre os animais superiores, concluiremos que a natureza revestiu de um caráter permanente o impulso sexual do homem, justamente a fim de selar, de modo duradouro, a aproximação do casal. Assim o homem fica ligado à mulher, para protegê-la e para que ambos criem os filhos.

Se tal é a finalidade que a natureza visou, ao constituir o impulso erótico do varão como ela o fez, é perfeitamente legítimo e natural que ele satisfaça os reclamos desta tendência, **dentro do casamento,** usando de meios anticoncepcionais que sua inteligência lhe oferece, a fim de que, com uma razoável limitação da prole, ele possa devidamente criar e educar os filhos que resolve gerar. Assim procedendo, está utilizando o impulso sexual de modo "natural", fazendo-o servir à aproximação do casal, mesmo quando seus recursos econômicos, sua saúde ou sua capacidade educativa não lhe permitem criar convenientemente um número maior de filhos.

É preciso não esquecer que o homem moderno é parte de uma engrenagem econômica que o traz escravizado dentro dos limites de certos recursos financeiros, fora dos quais não é possível uma vida higiênica, isto é, uma vida natural. E convém lembrar também que, na intensidade da vida hodierna, tem limites a capacidade de um pai para desempenhar seu iniludível dever de educador.

Por outro lado, é condenável e contrário à natureza satisfazer o instinto sexual **fora do casamento** e usar meios para evitar as naturais conseqüências da aproximação dos sexos, em uniões que nunca pretendem ser frutíferas, limitando-se os amantes a atender a uma parte do impulso — a satisfação do desejo — e esquivando a sua finalidade fundamental — a criação e educação da prole.

A religião e a limitação da natalidade — Várias entidades religiosas têm-se pronunciado a favor do emprego de meios anticoncepcionais, quando houver motivos para o aconselhar. Eis como se manifestou a já citada Conferência Mundial de Vida e Ação Cristã, reunida em Estocolmo: "Um grande número de mulheres da classe popular encaram a limitação dos nascimentos como um meio efetivo de conservar sua própria dignidade e como uma possibilidade de realizar seu ideal materno. (...) Em conseqüência da ignorância desta matéria é que a prática do aborto se acha tão largamente espalhada" (59).

A Conferência de Lambeth, que congrega os bispos da confissão anglicana em todo o mundo, declarou em 1930 o seguinte:

"Onde houver uma obrigação moral evidente de limitar ou evitar a concepção, o método a adotar deve ser à luz dos princípios cristãos. (...) Caso uma razão plausível se opuser moralmente à abstinência total (que se define como o método elementar e mais evidente), a Conferência admite que outros processos podem ser empregados, à condição de ser à luz dos mesmos princípios.

A Conferência lembra que ela condena fortemente o emprego de todo método que tenha por fim limitar as concepções, quando este uso é fundado no egoísmo, no desejo da luxúria ou em razões de simples conveniência" (60).

O decano Inge, da catedral de S. Paulo, em Londres, e o rev. dr. H. E. Fosdick, de Nova York, pronunciaram-se decididamente a favor da regulação dos nascimentos. Eis as palavras do dr. Fosdick: "Os fatos mostram claramente que deveríamos tirar as algemas aos médicos e permitir-lhes dizer à nação que não há esperança de solução para o problema da população, exceto na regulação científica da natalidade. Não se pode confiar que Deus levará avante tudo certo, se se permitir que a população da terra duplique cada sessenta anos. Se isto semearmos, colheremos fome, desocupação e decadência física e moral" (61).

A prática de medidas tendentes a evitar a procriação é corrente em todos os matrimônios. Diz o prof. A. Austregésilo: "É quase porcentual nos centros civilizados a limitação da prole. (...) Esta medida, condenada pelos puritanos, é seguida por quase todos os matrimônios hodiernos" (62). "A maior parte dos casados praticam alguma forma desta limitação", diz Weatherhead, "já reduzindo a freqüência de suas relações, já escolhendo as épocas em que a concepção é menos para temer, já não completando o ato normalmente, e assim por diante" (63). O prof. Austregésilo informa que "na Alemanha num só ano, morreram, por abortos provocados, mais de duzentas mil mulheres" (64). Ora, se em quase todos os lares se empregam medidas com o fim de evitar a procriação, é preferível que sejam usadas aquelas mais eficazes e que não sejam prejudiciais à saúde, o que não sucede com alguns dos processos mais comumente usados.

Há diversas razões que podem legitimar a limitação da natalidade, por exemplo as condições de saúde da mãe de família, os excessivos encargos domésticos, a falta

de recursos para criar e educar um maior número de filhos. Isto sem falar em moléstias hereditárias, como a loucura e outras, casos estes em que eliminar a concepção é rigoroso dever moral.

Em conclusão, citemos a opinião abalisada de Weatherhead, conspícuo membro do clero anglicano: "Creio que não há nenhuma razão determinante, nem física, nem psicológica, nem de ordem espiritual, que possa vedar a pessoas casadas a limitação dos nascimentos. (...) Tudo que se lhes pode legìtimamente pedir é que façam o necessário esforço para examinar todo o problema sobre o plano elevado onde ùnicamente deve ser tratado" (65). Ficam excluídos, assim, todos os motivos mesquinhos e egoístas.

A própria Igreja Católica Romana reconhece a legitimidade da regulação dos nascimentos, em certos casos. Declara a encíclica "Humanae Vitae", de 25 de julho de 1968, em seu item 16: "Se, portanto, existem motivos sérios para distanciar os nascimentos, que derivem ou das condições físicas ou psicológicas dos cônjuges, ou de circunstâncias exteriores, a Igreja ensina que então é lícito ter em conta os ritmos naturais imanentes às funções geradoras, para usar do matrimônio só nos períodos infecundos e, deste modo, regular a natalidade, sem ofender os princípios morais que acabamos de recordar." Portanto, para os católicos, a regulação dos nascimentos só é lícita praticando-se a abstenção das relações conjugais durante o período em que poderia ocorrer a concepção, segundo estabelece a Medicina.

A limitação temporária dos nascimentos se aplica legìtimamente aos casamentos precoces, quando o jovem esposo não disponha ainda de recursos suficientes para estabelecer o seu lar.

II PARTE

A ABSTENÇÃO SEXUAL

CAPÍTULO I

A CONTINÊNCIA

Nas sociedades humanas o casamento é o meio normal de satisfazer os justos reclamos do impulso sexual. Seria desejável que se casassem os jovens logo que houvessem atingido a madureza sexual, por volta dos vinte anos.

Durante os anos de formação, até ser atingido o completo desenvolvimento da virilidade e da personalidade, recomenda-se a continência. Entendemos que essa abstinência sexual deve ser um estado temporário, aconselhável durante o desenvolvimento do indivíduo, e também uma disciplina à qual será preciso recorrer de tempos a tempos, no âmbito da vida conjugal; porém não será uma condição permanente. "Está demonstrado pela experiência clínica que a função regular do coito natural estabelece equilíbrio nervoso, ou melhor, psicossomático", diz o dr. A. Austregésilo. Fazemos nossas as palavras do ilustrado professor: "...Sem condenar de todo a continência, inscrevemo-nos entre os partidários da função sexual perfeitamente bem completada, vencidos naturalmente os embaraços que defluem das convenções sociais, das leis e dos costumes" (66). Acrescentaremos apenas: e respeitados os imperativos de consciência religiosa.

Base moral da continência — A continência sexual até o casamento é uma exigência imposta pela ética cristã. Já vimos como todas as outras maneiras de satisfazer o instinto fora do matrimônio contrariam princípios fundamentais da Moral, os quais coincidem com as aspirações profundas do ser humano e os reclamos da solidariedade social. Preferimos colocar a questão francamente no terreno religioso, que nos parece ser o único que oferece base sólida à Moral. De fato, enveredar pelos domínios da mera Higiene e apresentar o espantalho das moléstias venéreas não nos parece que produzirá efeitos duradouros. Há sempre as possibilidades da profilaxia. Quando bate rijo o vendaval das paixões, o medo do contágio não é âncora suficientemente forte para reter a nau desarvorada. É necessária uma força interior para impulsionar o navio ao porto de salvamento. Essa força só a fé a possui, a fé que é a firme adesão a um ideal religioso.

Ouçamos os belos conceitos emitidos por um educador argentino, Júlio Navarro Monzó: "Creio que a continência sexual, tanto no homem como na mulher, sòmente é possível quando o formidável instinto que a contraria está inibido (uso a palavra no sentido psicológico) **por um sentimento de ordem superior** como, por exemplo, quando um rapaz enamorado se sentiria envilecido ao aproximar-se de outra mulher. Portanto sou de opinião que todo o esforço que se realize para inculcar à mocidade masculina o ideal da continência resultará absolutamente esteril (...) **enquanto não se consiga fazer brotar no jovem um sentimento de dita índole**, um sentimento nobre que o iniba de cometer atos vis. Aqui, como em tudo, é o **espírito** que plasma e determina a **matéria**, e não o inverso. Aconselhar duchas frias, cama dura, pouca roupa, muito exercício, abstenção do fumo e do álcool, etc., de nada serve se o rapaz não está psicològicamente determinado a conservar a castidade.

"Um sentimento de absoluto respeito pela mulher, motivado por considerar-se a degradação que traz para o sexo feminino que o masculino o faça vítima de sua luxúria, pode muito bem operar como uma dessas forças inibitórias, pela consideração do terrível quadro de misérias que a prostituição significa, do espantoso problema que representam as crianças abandonadas, etc. Devemos, portanto, e **antes de tudo**, fomentar em nossos rapazes o sentido social, o sentido de reciprocidade, a consciência moral que os iniba de fazer às filhas e irmãs de outros o que não quereriam que se fizesse às suas próprias filhas e irmãs" (67).

Praticabilidade da abstenção sexual — Ao tratar da continência, a primeira coisa a indagar é se essa prática é possível.

São abundantes as declarações de autoridades médicas, feitas até o princípio de nosso século, favoráveis à castidade. Apresentam-na como o meio eficiente de evitar as moléstias venéreas. Por outro lado afirmavam os sexologistas não haver constatado nenhuma enfermidade produzida pela castidade.

Diz Forel: "Em condições normais e para um jovem normal, de capacidade medianas, que trabalhe tanto intelectual como fisicamente e se abstenha de toda excitação artificial, especialmente dos narcóticos tais como o álcool, que paralisam a vontade e a reflexão, a abstinência sexual não é coisa que não se possa conseguir. (...) Todavia esse estado, prolongando-se por muito tempo, não pode ser considerado como normal, especialmente no caso de não haver esperança de que ele acabe num período não muito remoto" (68). Na declaração de Forel a cláusula "para um jovem normal" é bastante restritiva, a darmos crédito à abalisada opinião de W. Stekel, conceituado psiquiatra de Viena, para o qual a metade das pessoas não se enquadra no tipo "normal". Ensina ele que todos recebem, ao nascer, igual quinhão de sexualidade, mas em alguns indivíduos ela é precocemente recalcada e os estímulos eróticos são

submergidos por repressões aplicadas na educação das crianças, ao passo que em outros as excitações se expandem livremente. Daí resulta que, ao atingirem a idade adulta, 50% dos homens são "anormais" para Stekel. Isto significa que, ao se casarem, sua vida sexual não se processa satisfatòriamente, não produz a desejada harmonia íntima; entre as mulheres, seja dito de passagem, 40 a 50% não encontram satisfação completa nas relações com o outro sexo, como deveria acontecer [69]. O prolongamento da abstenção sexual nos rapazes, por tempo dilatado, só pode dificultar o reajustamento a uma vida normal.

O desenvolvimento da Psiquiatria, nas primeiras décadas do século XX, obriga-nos a encarar o problema da abstenção sexual por um prisma diferente do passado. Constatamos, acerca do que se entende por continência, um terrível **qui pro quo** nas declarações médicas, quando afirmavam, como o fazia "sir" Lionel Beale, da Universidade de Londres, que **"a abstinência e a pureza mais absoluta** são perfeitamente compatíveis com as leis (...) da Fisiologia e da Psicologia" [70]; ou ainda, no parecer do corpo médico da Universidade de Oslo, em 1887, quando declarava: "Não temos conhecimento de moléstia ou enfermidade que se possa pretender, tenha sido causada por **uma vida perfeitamente pura e austeramente moral"** [71]. Evidentemente o que essas autoridades médicas tinham em vista, ao referirem-se a uma vida "austeramente moral" eram indivíduos que não só se privavam de relações sexuais, como também se abstinham de qualquer outra satisfação erótica (ou pretendiam fazê-lo). Ora as investigações mais recentes vieram provar que esse tipo de pessoas pràticamente não existe. Podemos afirmar com segurança, declara Steckel, que tôdas as pessoas se masturbam ou o fizeram em algum período de sua vida. Os praticantes da continência absoluta, se são encontrados, em casos excepcionais, representam justamente indivíduos que sofrem de graves

perturbações psíquicas. Ademais, uma cuidadosa análise revelou que cada um deles pratica o onanismo inconsciente, afirma aquele autor [72]. Trata-se de indivíduos cuja "pureza" é fruto de inibições inconscientes, não é o resultado de uma conduta livremente aceita por sua personalidade consciente.

A pretensa abstenção de qualquer satisfação erótica, que outrora se julgava possível e compatível com a boa saúde, cai por terra diante de pesquisas científicas absolutamente fidedignas, como a revelada pelo Relatório Kinsey, em 1948. Mostrou essa investigação que, entre os jovens solteiros, nos Estados Unidos, na idade de 16 a 20 anos, a masturbação é praticada por 88% dos rapazes. E que, considerando-se a população total do país, com inclusão dos casados, a masturbação é praticada por 92% dos homens, em algum período de sua vida [73]. Por seu lado Stekel já havia endossado os resultados alcançados por diversos investigadores europeus, chegando à conclusão que o número de pessoas que se masturbam é superior a 90%; e que todas as pessoas, em alguma época de sua vida, praticaram atos masturbatórios, incluindo-se a masturbação críptica ou inconsciente.

Dos fatos observados se conclui que a tal "pureza absoluta", que aquelas autoridades médicas afirmavam não ser prejudicial à saúde, é coisa muito rara. A verdade que se pode reconhecer nos referidos encômios à abstinência é que **a abstenção de relações sexuais não é causa de enfermidades**. Isto resulta precisamente do fato que aqueles que se acham privados de satisfazer o impulso normalmente pelo amplexo, tratam de encontrar um desafogo ao desejo por meio da masturbação. Ora, isto não é a preconizada "pureza absoluta". *

---

* NOTA — Cabe aqui uma referência ao movimento mundial que se denomina Rearmamento Moral e que se baseia no cultivo de quatro Absolutos: Pureza absoluta, Honestidade, Abnegação, Amor, tudo em grau "absoluto". Parece-nos impraticável, em

O trágico da situação é que os educadores moralistas lançam mão daquelas afirmações médicas sobre a possibilidade e a inocuidade de uma vida de continência sexual absoluta, para aconselhar (quando não impor) aos jovens uma utópica abstenção radical de qualquer satisfação erótica, tentativa que produz neles uma tensão psíquica sumamente nociva, como teremos oportunidade de mostrar. Evidentemente não pretendemos aconselhar a libertinagem como necessária à saúde. O que nos preocupa é colocar o problema em seus devidos termos, dentro das possibilidades da natureza humana.

---

toda a linha, esse absolutismo moral. Já o Evangelho ensina a amar ao próximo em grau relativo, "como a si mesmo" (não de modo absoluto, mais que a si mesmo); o ideal evangélico como ideal, é legítimo, embora inatingível neste mundo. Agora a "pureza absoluta" não é só inatingível, como também prejudicial. É inatingível porque não há homem continente que não tenha sonhos eróticos e poluções noturnas, ou que em estado consciente não sinta desejo pelo outro sexo; estas coisas destroem a pretensa castidade absoluta. É prejudicial porque o instinto erótico tem necessidade "absoluta" de se expressar de alguma maneira. Os que pretendem suprimi-lo de modo absoluto são freqüentemente vítimas de perturbações psíquicas. Quanto à honestidade, estando nós presos, quer queiramos, quer não, a uma organização social e econômica injusta (imperfeita como tudo que é humano), não a podemos praticar em grau "absoluto", mas apenas de modo relativo.

Embora reconheçamos o nobre idealismo dos que participam do Movimento de Rearmamento Moral, temos a impressão de que não pisam o terreno da realidade. Iludem-se a si mesmos com sua vã pretensão de reformar o mundo, largamente financiados pelos que se imaginam combater o comunismo por essa forma. A luta contra o comunismo deve travar-se por meio de um cristianismo autêntico e radical.

É necessário completar nosso pensamento sobre o assunto, esclarecendo que há um certo número de pessoas cuja única satisfação sexual consiste em poluções durante o sono. Isso foi constatado, segundo Kinsey, em 8% dos jovens adolescentes e em apenas 5% dos homens de mais idade [74]. Freqüentemente, entretanto, a polução noturna não passa de uma masturbação inconsciente.

A teoria freudiana e a continência — A teoria de Freud sobre o sexualismo e as moléstias nervosas, divulgada largamente, tem sido por alguns mal interpretada. Convém-nos considerar ràpidamente qual é essa doutrina, e afastar as conclusões errôneas que dela se pretende tirar.

Freud faz girar toda a vida psíquica do indivíduo em torno de um fator primordial, o erotismo ou impulso sexual, que ele designa pelo termo latino de **"libido"**. Segundo Freud a força da "libido" é o que impulsiona toda a vida afetiva, artística e religiosa do homem. É bem de ver que, ampliada a energia sexual até abranger todas as esferas da atividade humana, sem excluir as mais nobres, perde a libido qualquer laivo de indignidade. Se o termo de erotismo ou libido traz para alguns um caráter repulsivo, é porque o consideram apenas pelo lado da animalidade grosseira. Reconhecendo-se como faz Freud, que essa força vital é a mesma que chega a manifestar-se nos mais sublimes surtos da arte, nos maiores rasgos de generosidade e sacrifício, não há mais razão para se associar à libido uma idéia de vileza.

Estudando as causas das moléstias nervosas e analisando as esquisitas manias pelas quais elas se manifestam, Freud chegou à conclusão que estes sintomas são provenientes da força da libido que não teve ocasião de se expressar pelos processos naturais. A libido, recalcada, isto é, contrariada, manifesta-se sob a forma de esquisitices, manias, terrores, angústias injustificáveis. O processo para que se produza uma afecção neurótica

é o seguinte: Uma parte da personalidade manifesta certos desejos, uma outra parte opõe-se a eles e repele-os, originando o que se chama um conflito psíquico. Sem tal conflito não existe neurose, declara Freud.

Essa explicação da moléstia nervosa como sendo produzida pela privação de satisfação sexual precisa ser completada pelas seguintes observações de Freud. Diz ele que o fato de se encontrar o elemento "privação" em todos os casos de neurose examinados, não significa que todo indivíduo privado de satisfazer o impulso sexual será vítima de perturbação nervosa. Implica apenas que o fator "privação libidinosa", é uma das condições essenciais para a produção de uma neurose. Porém há outros fatores importantes que entram em jogo. "Em geral há muitos meios que permitem suportar privações de satisfação erótica, sem cair doente", declara Freud. "Conhecemos homens capazes de infligir a si mesmos esta privação, sem prejuízo; eles não são felizes, sofrem de languidez, mas não caem doentes. Além disso devemos tomar em consideração o fato que as tendências sexuais são extraordinàriamente **plásticas**, se assim me posso exprimir. Elas podem substituir-se recìprocamente, uma pode assumir a intensidade das outras; quando a realidade recusa satisfação a uma, pode-se achar uma compensação na satisfação de outras" (75). Esta "plasticidade" da libido é a base da "sublimação" do impulso erótico, teoria atualmente muito contestada e de que falaremos adiante.

Em outro passo declara o mesmo autor: "Não me tem escapado também que as causas do estado mórbido nem sempre podiam ser reduzidas à sexualidade. Se um certo enfermo foi diretamente afetado por uma perturbação da vida sexual, em outro esta perturbação não sobreveio senão em conseqüência de perdas pecuniárias importantes ou de uma grave moléstia orgânica. (...) Uma pessoa não se torna neurótica senão quando seu **eu** perdeu a aptidão para reprimir sua libido, de um

modo ou de outro. Quanto mais forte é o **eu**, tanto mais fácil lhe é desempenhar-se desta tarefa; todo enfraquecimento do **eu**, qualquer que seja a sua causa, é seguido pelo mesmo efeito que se observa na exageração das exigências da libido e, por conseguinte, abre caminho à afecção neurótica" (76).

Assim a teoria freudiana explicava a origem dos sintomas neuróticos pelo conflito psíquico entre o impulso erótico, o qual busca satisfazer-se, e as forças repressivas do indivíduo, que tratam de sofrear o impulso, expulsando-o do campo da consciência; em conseqüência disto, ele se retrai para o subconsciente e dali provoca perturbações nervosas. O remédio para este mal não se encontra na satisfação irrestrita do impulso erótico, como suporiam os espíritos ingênuos. Os conflitos da consciência não podem ser resolvidos desta maneira simplista, nem tal era recomendado pela escola freudiana. A terapêutica praticada por esse sistema consistia em descobrir quais sejam esses elementos que, recalcados no subconsciente, estão exteriorizando-se na vida diária por meio de esquisitices que, aparentemente, nada têm que ver com o impulso erótico. O paciente não suspeita, nem de leve, que esses sintomas provenham daquela fonte. É tarefa do médico analisar essas manifestações mórbidas e subir até os sentimentos recônditos que lhes dão origem. Uma vez revelada ao doente esta filiação, isto é, trazidos para a sua consciência os sentimentos recalcados que o psicanalista descobre, estes perdem a sua intensidade afetiva e se desvanecem, desaparecendo como por encanto as perturbações nervosas que eles causavam. Vê-se, portanto, que a técnica da escola psicanalítica não consistia em promover a satisfação dos sentimentos libilinosos, porém em atenuá-los por outras formas. "O neurótico é incapaz de gozar e agir", declara Freud; "de gozar, porque sua libido não está dirigida para nenhum objeto real; de agir, porque ele é obrigado a gastar muita energia para manter sua libido em estado de recalque e prevenir-se

contra os assaltos desta. Ele não se pode curar senão quando o conflito entre o seu **eu** e sua libido estiver terminado e quando o **eu** tiver reconquistado o predomínio sobre a libido. A finalidade do tratamento consiste, pois, em libertar a libido de suas ligações atuais, afastadas do **eu**, e em colocá-la novamente ao serviço dêste último" (77).

Freud repele a acusação de que a teoria psicanalítica enfraquece a Moral, dizendo: "Se a limitação moral imposta pela sociedade é responsável pela privação de que sofre o doente (pensareis vós), o tratamento poderá encorajá-lo ou excitá-lo diretamente a elevar-se acima desta limitação, a conseguir satisfação e saúde mediante a recusa a se conformar com um ideal ao qual a sociedade atribui um grande valor, mas no qual a gente se inspira tão raramente. (...) E se o tratamento analítico implicasse encorajamento desta espécie, mereceria certamente o reproche de ir ao arrepio da Moral geral, porque então ele retiraria à coletividade aquilo que concederia ao indivíduo". Tal, entretanto, não se dá. "O conselho de viver plenamente sua vida sexual nada tem que ver com a terapêutica psicanalítica. Contra esta idéia errônea bastaria mencionar-se o fato de existir no enfermo (...) um conflito tenaz entre a tendência libidinosa e o recalque sexual, entre sua face sensual e sua face ascética. Não se resolve o conflito ajudando um dos adversários a vencer o outro" (78). Ao contrário a Psicanálise trata de restabelecer o equilíbrio da personalidade, submetendo ao domínio do **eu** consciente os tumultuários afetos instintivos.

Relação da continência com as moléstias nervosas — Aspecto importante a considerar é se haveria possibilidade de a continência produzir moléstia nervosa. O dr. Mário Alcântara de Vilhena refere que nos Estados Unidos, Külmer procedeu a um inquérito entre os principais neurólogos, indagando se os modernos descobrimentos da Neurologia ainda justificam os conceitos

emitidos pelas autoridades médicas do século passado, favoráveis à continência, e se conheciam casos de enfermidades nervosas que a esta pudessem ser atribuídas. "A contestação, unânime quase, foi que não só consideravam fisiológica a continência, como sua experiência lhes tinha feito crer que nunca acarreta enfermidades nervosas". Em outro passo diz ainda o mesmo autor: "Quanto às perturbações nervosas e psíquicas, nervosismo, neurastenia, melancolia, hipocondria, excitação cerebral, loucura, neurose de angústia, histeria, epilepsia, não há observação nenhuma concludente" (79).

No mesmo sentido e com grande energia se manifesta o Dr. G. Franceschini, nos seguintes termos: "Acabe-se de uma vez por todas com a repetição de que a continência possa dar origem a neuroses, a histerismos, a loucuras, a impotência" (80).

Consideramos perigosas essas afirmações pouco claras sobre a continência, a qual nunca acarretaria moléstias nervosas. É indispensável esclarecer, neste caso, o que se entende por "continência". Se se trata da mera abstenção de relações sexuais, a afirmação de que ela não provoca enfermidades psíquicas é perfeitamente aceitável. Entretanto, se se tem em mente a abstenção de **qualquer** satisfação erótica, já aquela declaração é insustentável. Conforme esclarecemos anteriormente, esta chamada continência é incerta e intermitente, visto como os indivíduos privados do amplexo recorrem freqüentemente a alguma forma de satisfação sexual. E quando a pessoa impõe-se a si mesma a continência absoluta, refreando qualquer manifestação do erotismo, o esforço que desenvolve para consegui-la é justamente a causa de graves perturbações psíquicas, em muitos indivíduos que têm propensão para essas moléstias. Tais pessoas passam bem e gozam saúde psíquica enquanto não se impõem a obrigação de reprimir o erotismo, como veremos em alguns casos típicos, abaixo referidos.

Se o indivíduo não tem predisposição para distúrbios nervosos, é de crer que o esforço pela castidade absoluta

não produzirá enfermidade. Apenas o levará a uma vida de lutas e fracassos periódicos, com os dissabores e a humilhação provenientes de suas derrotas. Entretanto nunca se pode saber quais são os indivíduos perfeitamente equilibrados, que poderão agüentar a luta sem que se produzam sintomas neuróticos.

Stekel, baseado em sua extensa prática de Psiquiatria, afirma que o tabu geralmente aplicado contra a masturbação desempenha importantíssimo papel na origem das neuroses. Muitas neuroses graves têm como causa as ameaças paternas contra aquele hábito. Cita o caso de um pai mal-avisado que obrigou o filho a jurar por sua vida que ele "nunca mais faria aquilo". Como conseqüência o rapaz, tornando a masturbar-se, passou a sentir-se culpado do grande crime de parricídio [81]. Vemos assim que um ato masturbatório, em si mesmo inócuo, diz Stekel, pode tornar-se a causa parcial de uma neurose e desempenha um papel na dinâmica da enfermidade.

Freud considerava a masturbação como dando origem à neurastenia e afirmava que, por outro lado, quando o paciente abandonava aquela prática, produzia-se uma neurose de ansiedade. De modo que, observa Stekel com ironia, os infelizes "neurastênicos" não tinham escolha senão entre a neurastenia e a neurose de ansiedade, a menos que estabelecessem "relações sexuais normais". Esta solução, entretanto, está geralmente excluída para eles, pois estes pacientes sofrem comumente de inibições ou recalques provenientes da infância, que lhes impossibilitam relações heterossexuais satisfatórias. Tais recalques só podem ser desfeitos pela Psicanálise.

Stekel nega que exista a moléstia denominada neurastenia sexual, que ele atribui à auto-sugestão do próprio doente, impressionado pelas advertências de certos médicos contra os supostos danos causados pela masturbação. Ele lança à conta de falta de discernimento o fato de alguns confundirem os sintomas da chamada

neurastenia com outros males que realmente existem, tais como a neurose de ansiedade, a neurose compulsiva, a hipocondria, ou outras perturbações mais graves, como a demência precoce ou a ciclotemia. Na realidade, conclui Stekel, longe de ser a masturbação uma causa de moléstia, quando o indivíduo pratica o ato auto-erótico sem indevidas inibições, ele se sente bem disposto e aliviado de mórbidas ansiedades e compulsões [82].

Vejamos alguns casos típicos de perturbações psíquicas relacionadas com a repressão de satisfação auto-erótica, conforme os apresenta Stekel.

Um rapaz de 23 anos, tendo abandonado a masturbação durante dois anos, queixa-se de grave neurose, tem acessos de ansiedade e sofre de insônia. O dr. Stekel explicou ao paciente que seus males não provêm da masturbação que ele praticava antigamente, mas ao contrário, resultaram da supressão desta, e que o onanismo, em si mesmo, não é prejudicial. Por outro lado, o rapaz não está em condições de satisfazer pelo amplexo seus desejos sexuais. Como resultado desse esclarecimento e de serem afastadas as restrições à satisfação auto-erótica, o rapaz passa perfeitamente bem, tendo desaparecido todos os sintomas de neurastenia ou qualquer outra neurose. [83].

Outro caso interessante é o de um estudante de Medicina, com 26 anos. Sua sexualidade desenvolveu-se precocemente e era bastante intensa. Foi uma criança infeliz. Aos 6 anos apaixonou-se por uma menina, com a qual mantinha relações afetivas, meramente platônicas. Aos 12 anos, alguns companheiros ensinaram-lhe a masturbação, que ele passou a praticar diàriamente. Apanhado pelo pai nessa prática, aos 15 anos, ouviu severas advertências acerca dos supostos danos que esse hábito produz, com prejuízo para a saúde tanto física como mental, podendo vir a ser causa de graves enfermidades. Impressionado por esse quadro tétrico, abandonou a masturbação por seis meses. Como conseqüência da absti-

nência, adoeceu. Sobrevieram-lhe palpitações, ansiedade, irritação, insônia, dores de cabeça. Sucederam-se períodos em que praticava o auto-erotismo e sentia-se bem, e outros de abstinência, que provocavam enfermidade. No decorrer dos anos, passou por alguns períodos em que tinha relações sexuais freqüentes, as quais lhe produziam uma sensação de bem estar e ótima disposição para os estudos. Terminou brilhantemente seus exames de Medicina. Pensou em casar-se e, nessa expectativa, resolveu abster-se de qualquer satisfação erótica, inclusive a masturbação. De novo adoeceu gravemente, com manifestações hipocondríacas, e julgou que estava pagando por seus desvios masturbatórios de outrora Os sintomas mórbidos desapareceram após o paciente ser esclarecido por Stekel de que a masturbação não podia absolutamente ter produzido os danos que se lhe atribuíam. Passou a ter relações sexuais com regularidade e sente-se mais eficiente do que nunca [84].

A propósito do caso supra, Stekel faz as seguintes observações: O rapaz conseguia sempre passar ràpidamente da masturbação às relações sexuais, o que prova que aquela prática lhe era necessária e em nada prejudicou a sua potência. E, por outro lado, sintomas neuróticos graves sempre se manifestaram durante os períodos de abstinência, e ùnicamente nessas ocasiões.

Vamos ainda narrar, resumidamente, um caso relatado por Stekel, tendo em vista a muita luz que lança sobre o problema do sexo [85]. Trata-se de um comerciário, com 26 anos, que se achava em perigo de perder seu emprego devido a um sentimento de incerteza que o acometia. Era impelido a verificar contìnuamente a contagem de tudo que fazia, a recontar as cartas e pacotes que lhe eram entregues, e estava sempre receando haver cometido um engano. Tais manifestações de aritmomania, diz Stekel, são muito comuns entre masturbadores que lutam contra esse hábito. Começam por contar os dias, as semanas e os meses em que conseguem

resistir à tentação. As esquisitices daquele rapaz, combinadas com vários sintomas hipocondríacos, como o sentimento de que ele era criminoso de morte, tinham-se agravado sumamente durante os últimos dois anos, depois que ele abandonou a masturbação.

O referido jovem era filho de um pastor e, como tal, teve que submeter-se estritamente às regras da Igreja e a viver uma vida casta. Masturbava-se quase diàriamente, sem ligar importância ao ato. Às vezes isto lhe parecia mal, porém, como não conseguia abandonar a prática, afastava aquele pensamento. Mais tarde, quando lhe sobrevieram poluções noturnas, julgou que fosse conseqüência de algum dano causado a si mesmo, devido à masturbação. Aos 19 anos foi acometido de idéias compulsivas, ao fazer a oração da noite. Enquanto orava, seu pensamento se voltou para a masturbação; ele sentiu grande excitação sexual, mas tratou de reprimir tal sentimento. Presa de confusão de idéias, passou a repetir várias vezes as mesmas palavras da oração. Por essa época começou seu sentimento de incerteza no trabalho. Certo dia lhe falaram acerca de terríveis conseqüências que a masturbação acarreta. Depois disso, censurou-se grandemente por ter pecado e haver prejudicado seu corpo. Passou a combater o hábito e a contar os dias, as semanas, os meses e os anos em que conseguiu dominar seu auto-erotismo, esperando ver restaurada a sua saúde. Mas sua experiência foi exatamente o contrário. Tornou-se gradualmente mais perturbado e incerto no seu trabalho, especialmente na contagem das mercadorias. Sentia-se criminoso de morte, mas não podia lembrar-se de ter morto alguém. Tornou-se cada vez mais apático, sem sono e nervoso.

Submeteu-se ao tratamento psicanalítico. Antes de mais nada, reconheceu que precisava regularizar sua vida erótica, seja por meio de relações sexuais, seja pela masturbação. Suas convicções religiosas impediam-no de ter relações extramatrimoniais, por isso recorreu pro-

visòriamente à masturbação. Pela análise aprendeu a conhecer sua vida íntima e seus impulsos primitivos. Toda sorte de experiências traumáticas da infância passaram para a sua consciência clara. Pensamentos reprimidos foram trazidos à superfície.

Após a psicanálise e após ter reiniciado a masturbação, o paciente ficou livre de todos os sentimentos de incerteza, já não vivia recontando os objetos, sentia-se bem disposto, apresentava um aspecto florescente e durante os primeiros meses do tratamento aumentou três quilos. Passou a dormir profunda e tranqüilamente. Mais tarde casou-se e é extraordinàriamente potente. Após o tratamento, readquiriu prazer na vida e confiança em si mesmo.

Tais casos, afirma Stekel, estão longe de ser raros. Muitas pessoas trazem consigo uma neurose latente, a qual se manifesta sòmente quando as circunstâncias privam tais indivíduos de sua satisfação erótica habitual. Quando abandonam a masturbação, perdem sua normal alegria de viver. Pessoas sexualmente insatisfeitas são sempre infelizes [86].

Em outro passo afirma a mesma idéia, declarando ser a masturbação o único meio que existe — nas atuais condições sociais — para a satisfação sexual de inúmeros homens e mulheres, solteiros ou viuvos [87].

Os exemplos acima servem para ilustrar o fato, reconhecido pela Psiquiatria, que a abstinência absoluta de **qualquer** satisfação do impulso sexual pode provocar perturbações nervosas.

Outro psiquiatra de valor, Otto Fenichel, sustenta a mesma tese relativamente à masturbação, declarando que essa prática "é um fato normal na infância e, nas atuais condições culturais, é normal também na adolescência e até na idade adulta, como um substituto, quando a pessoa não tem à sua disposição um objeto sexual para satisfazer seu desejo" [88].

Benefícios e inconvenientes da castidade — Indagaremos agora se a abstinência sexual da juventude produz benefícios.

Na já citada obra do prof. G. Franceschini, encontramos declarações muito positivas em favor da continência. Afirma ele: "Esclarecidas assim as mentes dos profanos quanto ao preconceito dos fantásticos males provenientes da continência, será um ótimo meio de educação sexual o difundir entre os jovens a noção que a continência é não só sinônimo de força orgânica e de energias nervosas, como é também o único meio de se garantir a si e à própria descendência contra os desastres de infecções que envenenam" [89].

Citaremos ainda uma opinião que aponta, como benefício da continência, o preservar o indivíduo de moléstias venéreas: "Os preservativos físicos e medicamentosos podem, em tese, evitar o contágio; mas considerando-se "cada caso isoladamente" vê-se que assim não é, pois o uso de tais preservativos não impediu que a sífilis e a blenorragia se tornassem as moléstias mais comuns. Preservativo realmente infalível, só conhecemos um, a abstinência sexual" [90]. Apesar das campanhas alertando contra os perigos do contágio a juventude que não se submete à disciplina sexual, os resultados não são satisfatórios. Se o rapaz não estiver provido do necessário para imunizar-se e quando premido pelo desejo, é mais provável ele abandonar toda a precaução do que se privar da satisfação ambicionada. Muitas vezes bastará uma única negligência para acarretar um contágio fatal. Por outro lado, o beijo mercenário pode tornar-se uma fonte de infecção. Vê-se, pois, que a profilaxia mais segura é aquela que afasta toda promiscuidade sexual. É esta, no terreno da Higiene, a grande vantagem da continência.

Do ponto de vista social, a privação sexual é o preço que o jovem consente em pagar ao princípio da solidariedade humana. Nas relações ilícitas entre os sexos é

sempre a mulher que arca com as piores conseqüências. Um verdadeiro cavalheiro não aceita satisfazer exigências, quiçá imperiosas, de sua natureza sexual a troco de humilhação e sofrimentos que alcançarão a mulher que lhe servir de companheira; ele não quer infligir vexames às famílias que seriam atingidas por seu desregramento, nem eventualmente chamar à vida criaturas inocentes, às quais ele não está pronto a oferecer o amparo paternal. Mantendo a sua integridade sexual, o rapaz adquire o direito de se alistar entre os paladinos de uma humanidade renovada, que visa restaurar à dignidade moral todos os seus membros.

Moralmente considerada, a continência é o tributo que se paga ao verdadeiro amor. A prostituição é o rebaixamento da energia sexual do homem ao nível da mera animalidade. A promiscuidade, exercida apenas no terreno da função fisiológica, é um escárneo à união amorosa, é um insulto à mulher, o qual recai, de alguma forma, sobre todo o elemento feminino, reduzido à condição de simples instrumento para a satisfação da sensualidade dos homens. A continência do jovem, ao contrário, enaltece a posição de todas as mulheres. Nas sociedades onde a castidade masculina é prezada, as mulheres atingem um alto conceito, como ocorria nos tempos da cavalaria andante, na Idade Média.

Nos "Elementos de Higiene" escreve Mantegazza: "Na idade juvenil, nada eleva mais alto o pensamento do que a renúncia aos prazeres do amor. Em muitas obras de arte e de literatura, onde o gênio irradia de toda parte, sente-se o calor concentrado da mais fogosa das paixões, oferecida em holocausto ao cérebro que pensa. Na "Fisiologia do Amor", diz o mesmo escritor: "A castidade é sábia e poderosa criação de novas energias e de infinita poesia" (91).

Considerando-se a questão em seu aspecto fisiológico, é comum encontrar-se entre pessoas mal informadas a

crença que é necessário o exercício da função sexual para fortalecer o órgão. Se isto fosse verdadeiro, aqueles que praticassem a continência seriam vítimas de impotência ou de atrofia dos órgãos genitais, por falta de uso.

O dr. Franceschini, professor da Universidade de Roma, assim se pronuncia sobre o assunto: "No que concerne à impotência proveniente da castidade, direi que também essa estúpida lenda está para sempre destruída no campo científico. Eis o que escreve Féré na sua obra sobre o instinto sexual: "Os órgãos sexuais são tanto órgãos da espécie quanto o são do indivíduo; eles conservam sua potencialidade independentemente de exercício, e ninguém jamais observou a atrofia dos testículos entre os indivíduos que praticam a continência" (92).

O problema da castidade é um dos mais complexos e intricados que se possa imaginar. Os autores que têm estudado o assunto apresentam opiniões as mais contraditórias. Alguns frisam os extraordinários benefícios da continência para o bem-estar e eficiência do indivíduo em todos os ramos da atividade, outros só enxergam transtornos e danos na abstenção sexual. A estes se afigura até impossível a completa castidade, enquanto que aqueles não vacilam em declarar "fácil" a abstinência. A título de curiosidade, apontamos as seguintes opiniões médicas, citadas pelo dr. M. Alcântara de Vilhena, que afirmam ser fácil a continência. "Le Viziel, professor da Faculdade de Medicina de Caen, acha fácil para o homem são, bem equilibrado, trabalhador, praticar a castidade. — Hécourt julga que é um preconceito achar a castidade difícil. — Para Surbled não é o celibato nem difícil, nem perigoso" (93). Julgamos que não se deve dar ênfase às opiniões emitidas pelos defensores dos pontos de vista extremados, quer favoráveis, quer contrários à continência, porque provàvelmente não representam a generalidade das constituições individuais. Referem-se aos casos especiais.

Para completar o quadro da realidade humana, como no-lo pintam as autoridades da Ciência em sua diversidade, citaremos a opinião de um adversário da continência, o dr. Pierre Vachet, professor da Escola de Altos Estudos Sociais em Paris. Falando das perturbações que alguns médicos têm atribuído à continência, diz êle: "Há exageros em todas as teorias. Ficou demonstrado, porém, que a castidade, quando imposta a um corpo cheio de força e de desejo, acarreta muitas vezes dores de cabeça, perturbações digestivas, mal-estar, palpitações, insônias, pesadelos e, sobretudo, obcecações sexuais terríveis. Os menos resistentes se abismam em manias e delírios" (94). Queremos salientar o fato de um adversário declarado da abstenção sexual, como o dr. Vachet, não atribuir a essa prática senão males, por assim dizer, acidentais e passageiros, embora possam causar bastante sofrimento. Depois, conviria esclarecer o que é que ele entende por "castidade imposta". Se é imposição de uma autoridade exterior ao indivíduo, contra a qual este se rebela no fôro íntimo, ou ainda se a imposição provém de circunstâncias materiais que ele não pode afastar, certamente essa castidade não é recomendável e pode ser nociva à saúde. A continência precisa subordinar-se à higiene mental que lhe é própria e que a favorece, ela depende da adesão moral do indivíduo a essa disciplina.

Nesta mesma ordem de idéias, ouçamos ainda a opinião abalisada de uma autoridade médica. Diz o dr. Pedro de Alcântara: "Os males apontados como provenientes da continência, isto é, sensação de peso na cabeça, mal-estar, dores testiculares, fadiga e energia diminuída, etc., e isto mesmo em casos que não nos informavam o grau de abstinência psíquica praticada pelo indivíduo, não se comparam, nem por sombra, aos males causados pela incontinência. Quem quer que tenha freqüentado um serviço hospitalar conhece a soma de sofrimentos, tanto psíquicos como físicos, causados pela incontinência; e se ninguém morreu por causa da continência, a incontinência causa, pelo contrário, devastações sem nome, e ninguém pensará em contestar a importância da sífilis como fator etiológico nas estatísticas obituárias" (95).

Constituição individual e conduta sexual — A diversidade que apresentam os caracteres humanos decorre de dois fatores principais, a constituição, que encerra todas as potencialidades congênitas, e a educação, que tentou moldar o indivíduo segundo determinado padrão. O erro de certos moralistas consiste em apresentar os princípios de conduta como formando um sistema de rigidez absoluta e de lógica incontrastável, ao qual todos os indivíduos se poderiam submeter com igual facilidade. Eles ignoram as diversidades individuais. Por outro lado, a variedade dos temperamentos é o que explica, provàvelmente, que os pensadores encarem o impulso sexual, colocando-se em pontos de vista tão contraditórios, conforme temos visto. Os estudos de Biotipologia mostram que em toda a escala dos seres vivos reina a diversidade individual. Esta obriga a considerar cada espécime como um ser que possui seu equilíbrio próprio e é regido por leis particulares. O prof. Berardinelli, da Universidade do Rio de Janeiro, emite os seguintes conceitos que elucidam a questão: "Já nos seres unicelulares, pois, se justifica a afirmação de Gley, ainda mais cabível nos animais superiores: "Não há uma fisiologia de espécie, de raça, de família; não há senão uma fisiologia individual". Na fisiologia humana também se evidenciam fatos com a mesma significação geral. Os miogramas de Mosso mostram que não há dois bíceps funcionalmente iguais" (96).

A fim de chegar à compreensão das constituições individuais, a Biotipologia classifica as criaturas em vários tipos, conforme certos característicos constantes, como a predominância de uma das glândulas endócrimas, etc. Depois, dentro de uma mesma classe, reconhece as variedades e, além disso, os temperamentos mistos. Para dar uma idéia do que seja tal classificação,

mencionaremos os dois ectipos fundamentais de Viola, nos quais o dr. Berardinelli salienta, entre outros, os seguintes característicos que têm relação com a matéria do nosso estudo: "Nas manifestações da vida física, os **braquitipos** demonstram força e resistência; prestam-se bem ao serviço militar, suportando com facilidade as fadigas da caserna; na vida privada, fazem trabalhos fatigantes, sem acusar cansaço ou sensação de enfraquecimento. As funções e o instinto sexuais se iniciam tardiamente, mas a intensidade da vida sexual é notável". — "Os **longitipos** (...) apresentam fácil exauribilidade, sentem-se débeis e freqüentemente não se prestam ao serviço militar. (...) O instinto e as funções sexuais são precoces; entretanto a intensidade da vida sexual é antes medíocre" (97).

Apontamos esquemàticamente esta classificação para frisar que o impulso sexual se apresenta com intensidade vária, conforme o "tipo" a que pertence o indivíduo.

A interessantíssima investigação realizada nos Estados Unidos e cujos resultados aparecem no Relatório Kinsey (1948), torna patente a enorme diferença que se observa na freqüência de atividades sexuais entre os indivíduos. Assim é que, em 3.905 indivíduos brancos observados desde a adolescência até 30 anos de idade, a freqüência média da atividade sexual (de qualquer natureza) era de 3 vezes por semana. Em contraste com essa freqüência média que é uma porcentagem, isto é, um número um tanto abstrato, é instrutivo considerarem-se os extremos da curva da freqüência. Há alguns homens que passaram longos períodos, anos até, sem ejacular. Outros há que realizaram atividade sexual 10, 20 ou mais vezes por semana, durante longos períodos de tempo. Um houve, erudito e hábil advogado, cujas ejaculações orçaram por mais de 30 por semana, durante trinta anos.

Essa notável diversidade na natureza sexual dos indivíduos leva Kinsey a fazer a seguinte observação: "As pessoas interessadas na educação sexual procuram estabelecer uma norma que possa convir aos menores de idade — isto é, a todos os menores — com determinado nível de educação, desconhecendo o fato que um indivíduo pode adaptar-se a um certo tipo de ajustamento sexual, relativamente inativo talvez, ao passo que outro jovem que lhe está próximo acharia pràticamente impossível limitar-se a um tão baixo nível de atividade sexual".

Eis mais alguns dados observados: "Ao passo que a curva esquemática revela, para três quartos da população masculina (77,7%) uma variação de freqüência na atividade sexual de 1 a 6,5 vezes por semana, resta ainda quase um quarto (22,3%) cuja freqüência se situa nos extremos. Há, por exemplo, 7,6% de todos os indivíduos, cuja atividade sexual orçou por sete ou mais vezes por semana, durante um período de pelo menos cinco anos, em alguma época de sua vida. Isto significa que, entre alguns dos amigos e conhecidos que toda gente tem, deve ocorrer uma atividade sexual, até o ponto de orgasmo, com freqüência de uma ou mais vezes por dia" (98).

Esta diversidade na freqüência com que os indivíduos são impelidos a exercer a função sexual explicaria a divergência de opiniões sobre o problema, quando se trata de estabelecer princípios aplicáveis a outrem. Cada qual julga os outros por si mesmo, quer achando possível reduzir a atividade sexual de todos ao baixo nível de sua experiência pessoal, quer sendo muito tolerante com os excessos neste terreno. Estas divergências de atitude se observam entre aqueles que têm a responsabilidade de dirigir educandários, penitenciárias e outros institutos de internamento coletivo.

Entretanto, o reconhecimento da grande diversidade existente na natureza dos indivíduos, que apresenta uns com capacidade sexual muito maior que outros, não nos deve levar a generalizações apressadas e sem fundamento. A. H. Gray cita o seguinte exemplo, típico de apreciação errônea acerca de um temperamento individual. Diz êle: "Informaram-me recentemente de um homem que era

assaltado tão a miudo por desejos sexuais e estava tão convencido que nele o impulso erótico apresentava uma intensidade anormal, que foi consultar um psiquiatra. Após um acurado exame, constatou-se que nele os desejos sexuais eram, em realidade, bem mais fracos do que no homem comum, porém que na sua vida íntima eles não tinham rivais, de modo que lhe pareciam ser quase todo-poderosos" (99).

"O temperamento hipergenital, de Pende, correspondente ao sanguíneo de outros autores, de fato traz sérios embaraços à prática da continência; mas, mesmo neste caso, o psiquismo influi enormemente e chega a dominar o desejo sexual que, nestes indivíduos, é mais intenso. Assim é que conhecemos indivíduos dotados deste temperamento e que são virgens, por influência de motivos superiores", diz o dr. M. Alcântara de Vilhena. E continua: "Nestes, mais do que em quaisquer outros, deve haver a vontade dominadora; estes, se quiserem ser continentes, têm que se ocupar sèriamente com a higiene da continência" (100).

Em conclusão, reconhecemos que os princípios da Biotipologia têm a sua aplicação própria no campo da Medicina, que se propõe tratar os **indivíduos**. Se esta concepção individualista fosse transplantada do terreno clínico para o ético e aplicada às relações entre os homens, não haveria mais princípios morais. O usurário seria justificado ao extorquir dinheiro, para satisfazer sua sêde de ouro, sentimento que lhe é "natural"; o temperamento sádico teria carta branca para praticar todas as violências, e assim por diante. A Biotipologia é útil para a compreensão dos diversos temperamentos e traz atenuantes aos casos delituosos, mas não pode servir de fundamento à Moral. As relações **entre** indivíduos devem basear-se sobre um princípio ideal que sirva de instrumento ao aperfeiçoamento dos valores morais na sociedade humana.

Influência da educação — Ao temperamento, conjunto de qualidades inatas, vem sobrepor-se a influência

da educação, elemento que é seguramente bem menos poderoso que o primeiro. Entretanto, agindo desde a infância, por meio do ambiente familiar, do exemplo, de um são conhecimento da matéria referente ao sexo e pelo cultivo de um ideal religioso, consegue a educação exercer ação potente na orientação da conduta do jovem. A verdadeira educação buscará passar, o mais cedo que for possível, de um padrão de vida imposto pelos pais, a um ideal moral abraçado livremente pelo educando. No campo sexual a norma de conduta transformar-se-á, após a puberdade, em disciplina própria, a única que tornará possível resolver sem abalos os árduos problemas da sexualidade.

O que dissemos acerca da diversidade das constituições individuais não nos permitirá apresentar, para esses problemas, soluções simplistas e uniformes. Não existe uma receita única e que seja universalmente aplicável, para obviar a premência do impulso erótico. Só os charlatões sabem dizer: Tome esta mèzinha e ficará curado. Os que estudam o problema sem idéias preconcebidas e sem dogmatismo rígido, procurando compreender a questão sem mutilar a natureza do jovem, quer pelo lado psíquico e espiritual, quer pelo social, reconhecem que o o problema é complexo. A sua solução tem de ser encontrada no espírito de tolerância e de compreensão das dificuldades que ele encerra. Procurar-se-á proporcionar ao jovem a atividade física, o ambiente são, os estímulos intelectuais e morais que lhe tonificarão as energias e orientarão o espírito. Assim se libertará ele do império do erotismo que ameaça absorver todo o interesse e a energia da juventude.

De início recomenda-se não despertar prematuramente a sexualidade do jovem. "A precocidade sexual, à qual se associa uma precoce satisfação dos instintos, não é a voz natural de uma necessidade fisiológica, mas sim a provocação voluntária do instinto e a execução forçada de um ato para o qual os órgãos não estão ainda

suficientemente preparados. O orgasmo genésico é fictício e o desejo é todo de origem cerebral. (...) O cérebro exerce uma influência poderosíssima sobre as atividades funcionais dos órgãos da geração". A precocidade genésica é geralmente artificial "e quase sempre deriva de uma educação mal dirigida", diz o prof. Franceschini [101]. Se bem que haja casos de precocidade fisiológica, pelo precoce desenvolvimento das glândulas da geração, esses indivíduos devem ser considerados como enfermos, na opinião do citado professor. Os portadores dessa anomalia constituiem verdadeiro perigo social, pois são os que instigam os companheiros menos desenvolvidos à prática da excitação sexual precoce. Esta constitui um obstáculo à evolução normal do organismo, influindo não só sobre o seu crescimento, como também sobre os órgãos e as funções genésicas e, finalmente, sobre a mentalidade e o caráter.

É notável a ação da mente, disciplinando os impulsos instintivos. Temos disso uma imagem vívida naquele solilóquio de um general de Napoleão que, antes da batalha, dirigia para si mesmo estas palavras: "Tremes, velha carcassa? E mais ainda tremerias, se soubesses em que inferno te vou lançar!" Aí se vê como uma vontade resoluta mantém seu império sobre o corpo e domina a ação desordenada dos instintos.

Poluções seminais — Do fato de o organismo produzir natural e regularmente o sêmen, não decorre a necessidade de ser este expelido por meio da função sexual. Uma parte do líquido seminal é reabsorvida pelo próprio corpo e gasto em atividades mentais e físicas. Além disso, a natureza providenciou uma válvula de escapamento para o excesso da produção seminal. São as poluções noturnas.

As perdas seminais, fenômeno natural entre os que praticam a abstenção sexual, geralmente ocorrem após os vinte anos; merecem que as consideremos detidamente,

a fim de afastar prevenções infundadas. Eis como o prof. dr. Wyss, de Zurique, expõe o fenômeno:

"Por **poluções** entendem-se involuntárias emissões do sêmen que ocorrem durante o sono ou durante a sonolência, e por ocasião das quais o paciente quase sempre se acorda. Estas emissões se dão de quando em quando e não têm, entenda-se bem, nenhuma conseqüência má. São, o mais das vezes, acompanhadas de sensações desagradáveis; no caso de se tornarem freqüentes demais e se o paciente é de natural excitável ou fraco, podem causar cansaço, abatimento, dores lombares, falta de vontade para o trabalho, peso na cabeça; todos esses fenômenos desaparecem, porém, em poucas horas. **Outras conseqüências nunca foram constatadas**, embora muitos moços tenham grande receio delas" [102].

Diz Trousseau: "Seguramente as poluções que, em indivíduos muito continentes, sobrevêm durante o sono sob a influência de sonhos lascivos, acompanhados de ereção e de um alto grau de orgasmo venéreo (...) estas poluções são acidentes dos quais o médico ordinàriamente não se tem que ocupar, pois elas indicariam antes um excesso de saúde e de potência, que um estado de fraqueza e de moléstia. Os indivíduos que as têm sentem um bem-estar gral ao acordar, que sucede às inquietações pelas quais eram antes atormentados; eles se sentem mais leves, mais bem dispostos e, segundo sua expressão, mais desimpedidos: estão na situação dum homem que satisfez uma necessidade física" [103].

Para patentear mais uma vez o quanto variam as manifestações de um mesmo fenômeno segundo os temperamentos individuais, mencionaremos a opinião de E. Ziegler, de Basiléia, para o qual as poluções nem sempre produzem alívio da tensão sexual. Diz ele: "Minhas próprias observações, bem como as de outros, demonstram que a concepção da polução como "válvula de segurança" não nos leva muito longe, porque freqüen-

temente após a emissão noturna não se manifesta nenhum alívio, pelo contrário perdura um desagradável estado de excitação" (104).

Esta mesma idéia aparece no seguinte passo de Havelock Ellis: "Nos homens como nas mulheres, a excitação sexual fatiga muito mais durante o sono que durante a vigília; porém isto não é regra absoluta, e para alguns essa ação é benfazeja. Cabe aqui a afirmação de Eulenbourg, de que as emissões noturnas não podem ser consideradas mais normais que a tosse ou o vômito.

"As emissões noturnas são geralmente acompanhadas de sonhos voluptuosos. Em geral parece que, quanto mais o sonho é intenso e voluptuoso, mais a excitação física é violenta e maior é o alívio que se sente ao despertar. Às vezes o sonho erótico não se acompanha de emissão, e freqüentemente a emissão produz-se após o despertar" (105).

No homem, diz ainda Ellis, o fenômeno é dos mais simples. Produz-se durante os períodos de castidade. É um fenômeno bem definido e regular que, ao desprtar, não deixa comumente outro vestígio senão uma leve sensação de fadiga e, às vezes, dores de cabeça.

Stekel dá a seguinte explicação para a dor de cabeça conseqüente à emissão noturna: "Muitas pessoas têm receio das poluções e dos sonhos eróticos que as acompanham. Por isso fazem grandes esforços por esquecer ditos sonhos, que a consciência condena como imorais. A repressão forçada dos sonhos libidinosos é que produz a sensação de peso na cabeça, ao despertar" (106).

Como se vê, a polução noturna não é um sereno escoamento do esperma produzido naturalmente pelo organismo, mas uma expulsão violenta do líquido seminal acumulado, acompanhada de uma forte emoção relacionada com o erotismo insatisfeito.

A emissão é freqüentemente o resultado de um ato masturbatório inconsciente, praticado durante o sono.

Esta constatação leva Stekel a afirmar que, no caso de indivíduos castos, "todos se masturbam. As pessoas "abstinentes" nem sequer suspeitam disso; este fato revela a profundeza de sua repressão, a larga brecha entre seu estado consciente e o seu inconsciente". Contata-se que muitas vezes o indivíduo manipula o órgão sexual durante o sono (107).

Cita-se o interessante caso de um estudante, indivíduo normal e gozando boa saúde. Sonhava que podia masturbar-se sem perigo para a saúde, o que ele praticava dormindo e acordava após a ejaculação. Esta situação lhe causava perda de confiança em si e provocava o temor de vir a sofrer de transtorno mental em conseqüência da masturbação. Resolveu proteger-se, usando luvas de couro, fechadas com cadeado nos pulsos. A chave ficava numa gaveta, no próprio quarto. O extraordinário é que ele se levantava dormindo, ia buscar a chave, libertava-se do cadeado e das luvas a fim de satisfazer o desejo. Ao se despertar pela manhã, não se lembrava absolutamente dos atos praticados (108).

Por outro lado, a polução noturna não consegue esvaziar completamente as vesículas seminais e, por isso, produz um menor alívio da tensão sexual do que o obtido pela masturbação consciente.

Quanto à freqüência com que possam sobrevir normalmente as poluções, os autores divergem muito. A constituição, a idade e as condições de vida influirão grandemente no número das emissões. Segundo J. Paget, citado por H. Ellis, o fenômeno pode ocorrer de uma a duas vezes por semana até duas vezes por trimestre. O mesmo Ellis perfilha a opinião de Loewenfeld, de que uma emissão por semana, em média, é o que mais se aproxima da verdade, tratando-se de rapazes de saúde robusta (109). O dr. M. Alcântara de Vilhena cita o parecer de Rohleder, o qual acha que mesmo duas poluções por semana sejam normais (110).

A investigação Kinsey revelou que, na maior parte dos jovens que têm emissões noturnas, estas geralmente se produzem uma ou duas vezes por mês, raramente uma ou mais vezes por semana (111).

Alguns autores têm afirmado que as pessoas que se abstêm de atividade sexual verão aumentadas as suas emissões noturnas e por esse modo conservarão o organismo física e mentalmente equilibrado. Infelizmente não foi possível, até agora, coligir provas de tal afirmação, por métodos de investigação científica. O que se pode afirmar, diz Kinsey, é que as freqüências de emissões seminais, observadas entre os indivíduos mais religiosos, não são mais altas nem mais baixas que a freqüências dos que não praticam a religião. A continência, a que se submetem os indivíduos religiosos, não produz neles um aumento na freqüência de emissões seminais, relativamente aos não religiosos da mesma idade e idênticas condições sociais.

Conclusão — Chegados ao fim deste estudo relativo à continência sexual, não nos podemos furtar a emitir um juízo de conjunto sobre o problema: é que a continência é uma prática difícil. É preferível que o jovem encare a dificuldade com toda a franqueza e desassombro, enrijando os músculos para, como o atleta Ursus, agarrar o touro pelos chifres. Vencido o animal bravio, pertence-lhe o fruto da vitória — receber nos braços a figura feminil de seus sonhos.

"É a glória do homem ser senhor de si mesmo e manter sua virgindade através dos anos antes do casamento", diz Herbert Gray. E ele o pode realizar muito bem, bastando que enverede pelo caminho certo para isso. Não há dúvida que existem abundantes razões de sermos caridosos para com os que caem. Porém não há nenhuma razão real pela qual quem quer que seja não possa almejar e esperar o êxito, e uma esperança justa é a própria base do sucesso (112).

Terminaremos mencionando um exemplo concreto da vida casta, revelada pelo dr. M. Alcântara de Vilhena. Diz ele: "Conhecemos um rapaz, estudante, já com 25 anos, de temperamento tìpicamente sanguíneo, o qual, apesar de sua propensão quase irresistível para o sexo gentil, vem conservando sua continência intacta. Este rapaz teve uma educação sexual, assim como religiosa e filosófica, bem cuidada. De quando em quando tem uma polução noturna, acompanhada de sonhos eróticos, que coincidem quase sempre com liberdade demasiada na vista. Os seus derivativos são os estudos e a música; tem uma higiene moral e física muito rigorosa. As poluções noturnas nunca lhe trouxeram sensação de peso na cabeça, nem mal-estar geral" (113).

Este exemplo, por se tratar de gente nossa, serve diretamente como estímulo aos moços brasileiros.

CAPÍTULO II

O AUTO-EROTISMO

Problema cruciante para o adolescente é a masturbação ou onanismo. Esta prática, da qual já nos ocupamos no capítulo II da I Parte, é das mais espalhadas e tem sido objeto de juízos muito errôneos. Este hábito já foi encarado por moralistas e médicos como um mal terrível e hediondo, que convinha extirpar a todo o custo. Dizia-se que era um vício adquirido no verdor dos anos e que produzia os maiores danos à saúde, chegando até a levar suas vítimas ao hospício de alienados. Os moralistas consideravam esse ato como uma das mais graves faltas, o mais negro pecado, cuja fatal conseqüência era a tendência à mentira e o envilecimento do caráter.

Em nossos dias, os estudos da psicologia sexual habilitam-nos a encarar essa questão sob um prisma bastante diverso. Não se pretende mais corrigir esse desvio com o anátema da religião e o falso espantalho da perda da saúde e do caráter. Procura-se canalizar as forças sexuais para a sua expressão normal.

Manifestações de auto-erotismo — O grande Havelock Ellis nos habilitou a compreender a verdadeira natureza da masturbação, não a dissociando do conjunto das manifestações auto-eróticas. Assim essa prática cessa de ser considerada como um vício adquirido e se torna a expressão comum da sexualidade refreada e mal dirigida. Havelock Ellis reune sob a designação de auto-erotismo todos os fenômenos de emoção sexual espontânea, produzidos na ausência de qualquer estímulo externo,

direto ou indireto, isto é, independentemente da excitação normal que um indivíduo pode receber de outro do sexo oposto. O auto-erotismo abrange uma vasta escala de manifestações do instinto sexual, desde os devaneios voluptuosos ocasionais, sonhos diurnos em que o indivíduo fica inteiramente passivo, até os incessantes esforços de automanipulação sexual, observados entre os loucos. Uma forma de auto-erotismo que se aproxima do devaneio é a "história continuada", conto imaginário e sensual, tecido na mente do sonhador desperto. Este fenômeno é mais comum entre as donzelas e as mulheres novas do que entre os rapazes. Tais sonhos não levam necessàriamente à masturbação, porém às vezes provocam um orgasmo espontâneo. São principalmente cultivados pelos moços refinados e imaginativos, cuja vida é casta e para os quais seria repugnante a masturbação. Neste caso, conclui H. Ellis, devem considerar-se tais manifestações como absolutamente normais, pois são uma conseqüência necessária do impulso sexual. Elas cessam com o casamento.

Nas manifestações do auto-erotismo incluem-se os sonhos libidinosos, as poluções noturnas e os atos onanísticos, que são outros tantos aspectos do mesmo fenômeno.

Considerados de um certo ponto de vista, todos os fenômenos auto-eróticos são antinaturais, uma vez que o fim natural do instinto é a união sexual. Entretanto nossa vida toda é "contra a natureza", por assim dizer, pois devemos sujeitar todas as tendências a certas limitações. Logo que começamos a impedir o impulso sexual de se exprimir livremente, os fenômenos auto-eróticos nascem forçosamente por todos os lados. Eles são inúmeros, a tal ponto que se não poderia determinar quais os elementos refinados da arte, da moral e da civilização em geral que não procedem, em realidade, do impulso erótico. Inelutáveis são os fenômenos auto-eróticos. O mais acertado é reconhecer-se o caráter inevitável de tais fenômenos, em conseqüência da constante

restrição imposta pela vida civilizada. E, sem cairmos na excessiva indulgência ou na indiferença com relação ao auto-erotismo, devemos evitar toda atitude de excessivo horror, porque isto nos impediria de ver os fatos em sua realidade, e contribuiria a produzir artificialmente um mal pior do que aquele que queremos combater. Mais adiante conclui o mesmo autor com o seguinte juízo acerca do onanismo: "Desde que a gente o abarque num vasto olhar compreensivo, o auto-erotismo não se apresenta mais como uma forma da loucura, nem mesmo um aspecto da depravação, mas como um dos subprodutos inevitáveis do possante processo instintivo sobre o qual descansa toda a vida animal" (114).

Certos autores de compêndios morais afirmam que os animais não se masturbam e, portanto, os homens que o fazem descem abaixo dos irracionais. Contudo é curioso saber que, mesmo na natureza, se constatam diversas formas espontâneas de excitação sexual solitária, segundo observa H. Ellis. Assim é que os cavalos agitam o membro até ejacularem, os touros e bodes conseguem o mesmo arqueando o dorso e servindo-se de suas pernas dianteiras, as éguas se esfregam em objetos, os bodes praticam a sucção do pênis, os cervos se masturbam esfregando-se às árvores, os camelos se agacham e se esfregam em objetos que a isto se prestam, os elefantes comprimem o pênis entre as pernas traseiras. Os macacos utilizam freqüentemente a mão para esfregar e sacudir o pênis, mesmo quando vivem em liberdade.

Os fenômenos auto-eróticos não se encontram sòmente entre as populações de civilização ocidental. "Encontra-se a masturbação entre todas as populações, por mais naturais que sejam as condições em que vivam tanto homens como mulheres", declara ainda H. Ellis (115).

Como se depreende desta rápida análise, os fenômenos auto-eróticos são o fruto natural das circunstâncias em que transcorre a sexualidade em tôda a série animal, inclusive o homem. Feita esta concessão para a boa

compreensão do assunto, é evidente que, sendo os animais infra-humanos, seu comportamento sexual não vale como modelo para o homem. Este apresenta no seu psiquismo uma grande complexidade de sentimentos e aspirações que, por certo, os animais não têm. Para o homem alimentamos um ideal de vida que, de muito, ultrapassa não só a animalidade, mas a barbárie e até o desequilíbrio moral do pretenso civilizado.

A masturbação na infância — A escola psicanalítica reconheceu a existência de manifestações sexuais desde a tenra infância e afirmou que estas se revelavam em três fases, a saber: no período da lactância, depois no dos brinquedos (de três a cinco anos) e por último na puberdade, que seria precedida de um período chamado de latência, caracterizado pela ausência de manifestações sexuais.

A muitos pareceu descabida a afirmação da sexualidade infantil, que aparecia mais como uma doutrina de escola do que como resultado de estatísticas feitas por processos científicos. A fim de elucidar o assunto, o prof. A. C. Kinsey incluiu, na vasta investigação dos problemas do sexo, uma pesquisa de manifestações ocorridas na infância. Foram assim registradas atividades especìficamente sexuais como ereção, movimentos pélvicos e diversas características do verdadeiro orgasmo, entre 317 meninos pré-adolescentes, desde os de cinco meses até a idade da adolescência. A esta lista se acrescentaram dados baseados em reminiscências de indivíduos mais velhos, acerca de suas primitivas experiências infantis, claramente estabelecidas, tendo-se registrado assim 604 casos de orgasmo em pré-adolescentes [116]. Está, pois, provado, declara Kinsey, que pelo menos um certo número de meninos e provàvelmente uma alta proporção deles, antes da adolescência, são capazes de reações específicamente sexuais, até o ponto de orgasmo completo, sempre que se proporcione o suficiente estímulo. Fica assim fundamentada a concepção freudiana

de que a sexualidade se apresenta no homem desde a mais tenra infância. O que a investigação Kinsey não conseguiu apurar foi que exista necessàriamente um período de latência antes da adolescência (como pensava Freud), a não ser que essa inatividade sexual resulte de repressão exercida pelos pais e pela sociedade sobre o desenvolvimento do menino.

Além disso, parece correta a concepção dos psicanalistas, ao considerarem essa capacidade de desenvolvimento sexual na infância, ou sua supressão, como as fontes originárias da conduta sexual do adulto e de muitas características que a personalidade total apresentará mais tarde.

Seguindo uma experiência secular da raça, os encarregados da educação da criança procuram por todos os meios refrear a masturbação infantil. Por este processo é atingida a sexualidade inteira do indivíduo, força que precisa ser disciplinada e adaptada às necessidades da vida. Às vezes ultrapassa-se o objetivo por tal forma que, na idade adulta, o impulso genésico se ressente da excessiva restrição a que foi submetido. A criança já possuía por herança um pavor ancestral da castração, fruto das ameaças (e das efetivas mutilações) feitas por antepassados longínquos, durante milênios. Segundo Freud, o pai ou chefe de horda selvagem mantinha seu privilégio exclusivo ao amor, castrando os filhos que se propusessem fazer-lhe concorrência. A este fundo hereditário vêm juntar-se as intimidações atuais dos educadores, que em nossos dias se manifestam, ora sob a forma de punições severíssimas aos atos de masturbação, ora como ameaças racionalizadas de princípios pseudo-higiênicos, fazendo crer à criança que de tais atos lhe advirão funestas conseqüências para a saúde.

A masturbação na infância é um fenômeno não só universal mas natural. Não acarreta nenhum dano para a saúde; ao contrário, a sua ausência na idade própria

é que é indício de anormalidade psíquica. Entretanto, é mais vantajoso quando a criança, espontâneamente, se masturba pouco e não é precoce [117]. O papel do educador deve ser, então, o de afastar as intimidações que pretendem reprimir violentamente a masturbação infantil e evitar traumatismos psíquicos que mais tarde se tornariam muito prejudiciais. Deve-se deixar a natureza, neste ponto, seguir o seu curso, pois mesmo longos períodos de masturbação, na infância, cessam espontâneamente.

A melhor maneira de suprimir um gozo apetecido é dar-lhe um substitutivo. Poder-se-á distrair a criança, a fim de afastá-la de uma prática inaceitável na sociedade, oferecer-lhe oportunidade para outras atividades. Salientando a dificuldade que há em proporcionar uma educação sexual adequada, já dizia Freud: "De qualquer maneira que se faça, faz-se sempre mal". Ou se reprime demais a sexualidade, ou reprime-se de menos.

A masturbação na puberdade. Sentimento de culpa — "Sabemos que nenhum mortal escapa ao onanismo dos lactantes e das criancinhas", declara o dr. I. Sadger. "Além disso, a masturbação na puberdade é tão freqüente que, com razão, havemos de considerá-la como a regra geral" [118]. Entretanto, casos há em que isto não sucede; são justamente aqueles em que se manifestam graves transtornos nervosos. A prática da masturbação na puberdade é tão geral que, segundo Freud, Ferenczi, Federn e Reich, a ausência desta manifestação é sintoma de anormalidade. "Quando um jovem, na puberdade, resiste duradouramente a esta tendência, trata-se geralmente de indivíduos que, já nessa época, padecem dos mais graves recalques, ou por outra, que a sua "pureza" não é voluntária, não significa um fato moral, porém já é uma manifestação de incipiente neurose", diz H. Zulliger.

Embora o onanismo seja um fenômeno generalizado na adolescência, costuma vir acompanhado de sentimento de culpa, mais ou menos intenso. "O que no onanismo merece consideração e produz moléstia, diz o citado professor, não são as perdas seminais, porém os sentimentos de culpa que se prendem a essa prática" [119].

Esse sentimento de culpa provém principalmente do inconsciente, isto é, a consciência do onanista não alcança claramente a razão pela qual sente tão fundos remorsos pelo ato cometido. Eis como o explica a escola psicanalítica: Os primeiros impulsos sexuais da infância têm por objeto pessoas do círculo da família, pais ou irmãos; são, portanto, sentimentos "incestuosos". A esse termo não devemos dar aqui nenhuma idéia de imoralidade. Trata-se apenas de sentimentos eróticos que surgem na criança com toda a inocência, mas que não podem ser legitimados em face da constituição da família e dos princípios morais que a regem. Assim é que a tendência ao incesto tem de ser vencida novamente em cada geração. É a repressão infantil desses sentimentos eróticos incestuosos o que faz com que eles sejam acompanhados do sentimento de culpa, o qual se associa posteriormente ao ato masturbatório.

Essa atração sexual, sentida particularmente pelo menino com relação a sua mãe e pela menina para com seu pai, foi denominada por Freud com a designação clássica de "complexo de Édipo" (e sua forma feminina "complexo de Electra"). Filia-se o termo à lenda de Édipo, filho do rei de Tebas, o qual, sem o conhecer, matou seu pai e casou-se com a própria mãe, destino que o lançou, horrorizado, numa profunda desgraça. Segundo a teoria freudiana, o impulso edípico se manifesta pela rivalidade do menino com relação ao pai, que lhe "rouba" parte do carinho materno.

Ao atingir a puberdade, o jovem tem adquirido a convicção de que as pessoas que formam o círculo restrito da família não devem ser alvo de desejos eróticos. Portanto transfere para outros objetos o seu impulso sexual,

isto é, para pessoas estranhas. Com relação a estas, de alguma forma, o impulso amoroso não é condenável, nem acarreta consciência de culpa, na ordem natural. Nessa fase ele se limita a reprimir as fantasias incestuosas, que tinham a sua origem na infância, porém dá vasão à premência do erotismo por meio de manipulações do órgão genital.

Aqueles cuja masturbação infantil foi suprimida por intimidação, quando chegam à puberdade sentem-se inibidos de procurar prazer pela manipulação das partes genitais. Porém os sentimentos incestuosos, que naturalmente escaparam à repressão aplicada na infância, têm livre campo para se desenvolver, nem poderiam ser afastados. Esses sentimentos, que são contra a natureza, isto é, contrariam o desenvolvimento da raça e a constituição da família, acarretam profundo sentimento de culpa. Suas raízes mergulham no inconsciente e suas manifestações na consciência tomam a forma de perturbações nervosas.

Otto Fenichel apresenta bem o problema do sentimento de culpa e a dificuldade em solucioná-lo, no atual desenvolvimento de nossa raça. Diz ele: "Os temores e as culpas vinculadas ao complexo de Édipo constituem a causa primária de que o "ego", na puberdade, freqüentemente manifeste grande hostilidade e temor aos instintos. Se fosse possível liquidar finalmente o complexo de Édipo, mediante relações sexuais satisfatórias com pessoas não ligadas ao círculo do incesto, a adaptação seria mais fácil. O fato que, nas condições atuais, é difícil realizar tal coisa leva à intensificação do complexo de Édipo e resultantemente à intensificação das ansiedades sexuais. (...) Estes conflitos entre impulsos e ansiedades são sentidos principalmente, em forma consciente, pelos adolescentes de nossa época, sob o aspecto de conflitos relativos à masturbação. (...) Temores e sentimentos de culpa que, originàriamente, estavam vinculados às fantasias edípicas concomitantes, são agora transferidos à atividade masturbatória" (120).

Além dessa causa do sentimento de culpa, que tem sua sede no inconsciente do indivíduo, outra existe na própria consciência. Ela aflige justamente aqueles que alimentam um ideal moral mais elevado. Havendo recebido dos educadores a noção de que a masturbação é um ato aviltante e prejudicial à saúde, o rapaz honesto procura reprimir essa prática condenável. Surgem então terríveis combates íntimos em que, muitas vezes, toda a força de vontade do jovem é insuficiente para dominar os impulsos do erotismo e impedir atos masturbatórios. Produz-se, então, aquela alternativa de boas resoluções tomadas e de derrotas sofridas na luta contra o erotismo, como bem o descreve Forel, o qual conclui com o seguinte conceito: "O que, principalmente, afeta o sistema nervoso é a derrota sempre renovada da vontade, a incapacidade das resoluções cem vezes tomadas para triunfar do desejo de espasmo". Esta opinião não deve ser explorada como uma justificativa da prostituição, pois Forel considera o "amor" que se compra, como uma variedade da masturbação e não como uma cópula normal. "Certamente, diz ele, seu valor moral é ainda inferior ao do onanismo" (121).

"Se a tentativa de ascetismo não é coroada de êxito, diz Pfister, fàcilmente resulta disto uma completa depressão, com a condenação de si próprio e perda da vontade. Estas desgraças contam-se provàvelmente entre os mais freqüentes sacrifícios feitos ao ascetismo". E, em outro passo declara: "São importantes as observações de abulia ou deficiência da vontade. Procedem da circunstância que o jovem está oprimido por um motivo consciente ou inconsciente. Um de meus alunos sofria de amargas exprobrações que a si próprio fazia, por motivo da masturbação, praticada cada cinco semanas, em média. Ele me dizia: "Uma vez que não me é possível fazer cessar este hábito, sou um indivíduo sem vontade". Neste caso a Psicanálise foi desnecessária" (122).

Declara K. Friedlander: "Certa quantidade de masturbação é normal na puberdade. Em nossa civilização

ela constitui para o adolescente a única satisfação sexual segura". O que se deve afastar dos mocinhos e das meninas, diz esse autor, são os medos irracionais que geralmente acompanham a prática masturbatória, como o receio de perder a saúde ou a inteligência, ou de prejudicar a futura capacidade de procriar, e que são os restos da ansiedade associada à masturbação que foi praticada na infância. Mesmo assim orientado o jovem, não cessará por completo o seu sentimento de culpa e sua luta, mas este esclarecimento o ajudará a vencer mais satisfatòriamente seu antigo conflito.

"Esta luta", conclui Friedlander, "e as fantasias concomitantes, derivadas dos velhos sentimentos do complexo de Édipo, subsistem até que se alcance um certo equilíbrio, o qual normalmente consiste numa certa quantidade de masturbação, acompanhada de um enfraquecimento dos sentimentos de culpa e dos conflitos vinculados com eles" (123).

Caráter e sentimento de culpa — Os sentimentos de culpa, enredados no inconsciente, exercem às vezes grande influência no caráter e até nas faculdades intelectuais dos adolescentes. Citam-se casos interessantes em que as disposições de espírito são profundamente alteradas por esses sentimentos, sem que o indivíduo tenha consciência da causa disso. Por exemplo, um rapaz de dezesseis anos, que cursava uma escola secundária, manifesta-se repentinamente sem nenhuma aptidão para a Matemática, ao passo que, alguns anos antes, era apontado por seus professores como um prodígio naquela matéria e, por esse motivo, freqüentemente promovido a classes superiores à sua idade. Ninguém consegue explicar a mudança havida, nem mesmo o rapaz. A família atribui a um começo de idiotismo. Porém não é possível sustentar esta opinião, pois o rapaz manifesta agora extraordinários dotes para o estudo de línguas. O caso foi que, matriculado em novo colégio, o rapaz veio a ter como professor de Matemática um ancião muito severo.

E agora eis a explicação da mudança que se observou em sua produtividade intelectual: devido a sentir ìntimamente uma necessidade de castigo e expiação por "pecados secretos", ele utilizava inconscientemente a severidade do professor, atraindo sobre si o escárneo deste e a constante angústia de ser eventualmente reprovado no fim do ano, e declarava que "não mais podia fazer cálculos". O constante peso desta situação lhe fazia bem, aliviava-o até certo ponto, sendo inconscientemente lançado à conta do castigo merecido pelo onanismo.

Um caso típico de inconsciente punição de si mesmo é apresentado no episódio do rapaz que esmagou um dedo numa máquina de debulhar grão, apesar de poder manejá-la com toda a segurança, como ele próprio declarava. Após o desastre, realizaram-se conversações com o rapaz, segundo as normas da Psicanálise, das quais resultou saber-se que devia ser castigada a mão que, às vezes, praticava a "má ação". O jovem tinha-se masturbado (124).

Está claro que nem todos os acidentes trazem como causa este motivo secreto e nem todas as falhas do intelecto são atribuíveis a sentimentos inconscientes. Entretanto, os educadores estudiosos da Psicanálise afirmam que o sentimento de culpa, exacerbado pelo onanismo, é causa de muitos desvios do caráter, de rebeldias tenazes, de atitudes inexplicáveis, de comportamento desarrazoado, da mania de chamar sobre si sofrimentos inúteis. É, pois, de alta conveniência tratar de afastar ou diminuir, por todos os meios, os sentimentos de culpa.

Encontrando-se no inconsciente a fonte principal do sentimento de culpa, só a análise do psiquismo de cada jovem poderia dar-lhe remédio. Isto é pràticamente irrealizável, porque tomaria largo tempo a especialistas. Resta, entretanto,, aos pais e educadores um outro meio mais expedito, embora não seja de tão grande alcance: atuar sobre a parte consciente do jovem, por meio sua-

sório, desfazendo suas apreensões e tranqüilizando-lhe o espírito.

O prof. Zulliger assim relata a sua experiência: "Constatei melhoras de grande alcance entre menores na idade escolar, após conseguir que confessassem aos pais a situação de aperto em que se encontravam; os pais haviam sido prèviamente preparados a receber esta confissão; eles não repreendiam os filhos, mas sim exprimiam-lhes compreensão e autorizavam a continuar o onanismo, se não pudesse ser de outro modo. O que fôra permitido já havia perdido uma parte de sua atração. Já o fato de o menino gozar a confiança de alguém e não ser considerado e tratado como uma criança depravada, despertava-lhe forças de resistência" (125).

A permissão do onanismo, concedida aos adolescentes, não só lhe tira parte da sua apetência como, no caso de ser consumado o ato, diminui-lhe o sentimento de culpa.

Àqueles que, ao tratarem com algum adolescente, não se puderem furtar a um juízo negativo sobre o onanismo, o citado autor aconselha a se expressarem talvez assim, fazendo uma generalização: "Os adultos não o praticam mais!" Ou ainda: "Isto que você faz não é lá muito bonito!" Uma apreciação negativa, feita no terreno da Estética, é para o menor muito menos perigosa que em qualquer outro terreno.

O rapaz não deve intensificar o sentimento de vexame, que a masturbação naturalmente produz, sobrecarregando-o com severas condenações morais, fruto da autosugestão. Tal rigor, exercido contra si mesmo, seria contraproducente; não é por esse caminho que se consegue uma sexualidade equilibrada. Sendo o auto-erotismo uma expressão natural da sexualidade reprimida, como demonstrou Havelock Ellis, não se deve emprestar gravidade a essas manifestações. Este tropeço se encontra no caminho de todo rapaz, portanto ninguém deve imaginar que isto denote uma tara psíquica ou uma perversão da sexualidade.

Conseqüências da masturbação — Tempo houve em que a Medicina atribuía à prática do onanismo as mais funestas conseqüências. Modernamente prevalece a opinião que não vê, nesse ato, maior dano à saúde, quando executado sem consciência de culpa.

A prática freqüente da masturbação pode contribuir para falsear a natureza sexual. É certo que a manifestação do onanismo entre os adultos provém, em grande parte, de outros fatores psicológicos, mas esta perversão representa quase sempre a má adaptação do indivíduo com relação à sexualidade, e a continuação desta prática redunda em prolongar a desarmonia, como observa Weatherhead.

Quando excessiva, a masturbação favorece o desenvolvimento do sexo numa modalidade auto-erótica, isto é, o indivíduo que encontra satisfação em si mesmo exclui-se, até certo ponto, do mundo ambiente, voltando seu interesse para si mesmo. O isolamento de sua pessoa, e a indiferença que o extremado masturbador manifesta pelos outros, não se origina geralmente do fato de ter ele um inconveniente segredo a esconder, mas de buscar satisfação em si próprio e da falta de toda aspiração erótica que isto implica.

Esta satisfação, alcançada fàcilmente, cria a tendência a procurar na vida o prazer sem esforço, deixa a vontade frouxa. Freud salienta que a conduta sexual serve de modelo para toda a conduta em geral. Se o onanista se acostuma a conseguir prazer por meio do seu hábito que nada custa, em vez de alcançar seu objetivo pelo caminho mais longo das carícias, ele se torna um gozador sem virilidade, o qual também evitará, no resto de sua vida, os encargos graves, e ficará sendo uma pessoa de vontade fraca, um caráter infantil.

Expressando uma opinião moderada acerca deste problema, declara o prof. A. Austregésilo: "As poluções noturnas periódicas ou a masturbação espaçada não trazem prejuízos graves à saúde; mas o chamado esgotamento nervoso escolar é em regra expressivo, ou provém, do abuso masturbatório" (126).

Por outro lado, é absolutamente necessário que a juventude não se amedronte, sugestionando-se com possíveis conseqüências funestas da masturbação. Diz Weatherhead, apelando para a autoridade de Augusto Forel: "Tranqüilizem-se desde já no que concerne às conseqüências físicas: estas são realmente negligenciáveis. É possível masturbar-se alguém quotidianamente durante vinte anos, sem experimentar outro debilitamento físico senão uma leve desvitalização momentânea. É preciso não se deixar assustar por histórias de castigos divinos. Esta espécie de ameaças tem infligido terrores sem nome a ignorantes de ambos os sexos. Bem mais graves são as conseqüências, do ponto de vista psicológico"(127). É o que estudaremos mais a fundo no capítulo seguinte.

Conclusão — O auto-erotismo surge da luta entre os deveres dos indivíduos, congregados em sociedade, e os impulsos do sexo, como se acha constituído na raça humana, por uma evolução multimilenar. Esse conflito entre o impulso sexual e a vida civilizada, a qual reconhece princípios morais, pode não ser um desequilíbrio fatal e sem remédio, entretanto temos que contar com ele. Este é o ponto de vista superiormente apresentado pelo dr. Pedro de Alcântara, aliás partidário da castidade pré-matrimonial, o qual assim se exprime:

"Forçoso é reconhecer que, se em algum ponto a humanidade retardou sua evolução, foi no que respeita à sua conduta sexual. É claro que a conduta sexual apresenta, em relação à humanidade primitiva, um progresso notável. A família, como ela hoje se constitui, é uma prova de que nem tudo está perdido ou, já que estamos em evolução e não em involução, de que alguma cousa já está ganha. — ...Mas o que nos cabe reconhecer é que o homem ainda hoje não conseguiu, até o ponto que seria desejável e mercê de fatores, alguns dos quais fora de sua jurisdição, adaptar seu instinto sexual às condições de sua vida psíquica e social. Justiça seja feita ao homem, não foi porque não o quis, porquanto, nessa luta e nessa desarmonia, ele é o menor culpado e a maior vítima. Solicitado concomitantemente, além de outras, por duas forças antagônicas — seu instinto sexual e seu instinto social — ele se vê asfixiado por esse antagonismo e pela inconciliabilidade das duas manifestações. A vida social, perfeita como a imaginamos, é incompatível com a ampla liberdade do instinto sexual. E deste modo o homem tem que escolher entre as duas, e geralmente adota um meio termo, em que ambas são cerceadas e prejudicadas, a vida sexual e a vida social" (128).

Em outro capítulo estudaremos que meios existem para se atenuar o mais possível a intensidade do conflito que se origina entre a premência do desejo sexual e a impossibilidade, em que se encontra o solteiro, de satisfazê-lo.

CAPÍTULO III

CONFLITOS DE CONSCIÊNCIA

Passado o período de desenvolvimento sexual próprio da adolescência, a natureza do jovem tende a afirmar-se com os caracteres da virilidade do adulto. Por volta dos dezoito ou vinte anos, aparecem de quando em quando as poluções durante o sono, que devem funcionar como válvula de escapamento para o excesso de esperma acumulado nas vesículas seminais, ao mesmo tempo que sonhos de natureza sensual produzem a emoção erótica compatível com o estado de continência. Esta situação, que se apresenta como ideal, não é entretanto a mais generalizada.

A castidade no adulto — Não se pode duvidar que existem indivíduos capazes de continência. Referimos já o exemplo citado pelo dr. M. Alcântara de Vilhena, de um rapaz com vinte e cinco anos, de temperamento ardente, cuja perfeita continência transcorria dentro do ideal acima traçado.

O apóstolo S. Paulo recomendava aos cristãos de Corinto que, tendo-se em vista o próximo fim do mundo, que todos esperavam ocorresse naquela geração, e em face das atribulações e perigos a que estavam expostos os discípulos de Cristo, era mais conveniente que os solteiros não se casassem, mas permanecessem na condição de celibatários, como o próprio apóstolo. Ora isto implica o reconhecimento que a continência é possível, para certo tipo de pessoas, pelo menos. "Todavia, se não têm continência, casem-se; porque melhor é casar do que abrasar-se", conclui ele [129].

A dificuldade que, para muitos, a continência sexual oferece é reconhecida pela Decano Inge, ilustre membre do clero anglicano, o qual assim se exprime: "É verdade que, para muitos homens e algumas mulheres, o sexo é um contínuo tormento e que a luta para resistir à tentação não sòmente afeta seu espírito, mas também, às vezes, causa transtornos secundários em seu sistema nervoso. (...) Pois bem, nesta questão se deve dar uma resposta clara. Nunca a Igreja afirmou que a castidade seja fácil, nem mesmo possível para pessoas que levam uma vida indisciplinada e que talvez não procurem refrear seus pensamentos. É um grave erro isolar esta determinada tentação, como se fosse possível combatê-la sem dedicar a maior atenção a toda a conduta da vida. Ainda assim, o Livro de Oração anglicano reconhece caritativamente que algumas pessoas "não têm o dom da continência" e recomenda o matrimônio antecipado, como remédio conveniente" (130).

É fato que o derivativo das poluções nem sempre ocorre com a necessária freqüência, de modo a aliviar a excessiva tensão do desejo sexual. Muitas vezes o estado de continência, dificilmente suportado durante dias a fio, com noites mal dormidas, agitadas pelo erotismo não satisfeito, e durante semanas consecutivas, deixa o indivíduo perturbado, em más condições psíquicas para qualquer atividade, e mesmo deprimido em sua vida espiritual, apesar de se manter casto. Ele é obsediado por desejos eróticos, mau grado toda a disciplina mental empregada e os derivativos tentados. Se reage vitoriosamente durante o dia, a resistência forçosamente enfraquece quando ele se dispõe a dormir. Ensina Freud que existe no psiquismo uma "censura" ou barreira moral que impede, a seu critério, que certos sentimentos instintivos passem do subconsciente para a vida consciente. Mas durante o sono, diz ele, esta censura "encontra-se suprimida ou, pelo menos, consideràvelmente diminuída, em proveito exclusivo do desejo de sonhar. É a esta diminuição da censura durante o sono que os desejos proibidos devem a possibilidade de se manifestar" (131).

Este enfraquecimento da censura parece começar já durante a modorra que precede o sono. O indivíduo se encontraria então num estado de semiconsciência; a sua motilidade não está ainda completamente paralisada, mas a vontade consciente (censura) já está envolvida num meio torpor, que a torna presa fácil de um violento impulso de erotismo. Além da prática masturbatória semiconsciente, que acabamos de referir, existe a que ocorre de modo completamente inconsciente, segundo afirma o dr. I. Sadger, "por exemplo o onanismo praticado durante o sono, do qual o indivíduo nada sabe depois" (132).

Quando tratamos das poluções seminais, já referimos as observações de Stekel, para o qual as emissões noturnas não são mais que atos masturbatórios inconscientes, praticados durante o sono.

Em algumas pessoas a censura age tão fortemente que o indivíduo, imerso num sonho libidinoso, é por ela violentamente despertado, antes de ejacular.

Universalidade do onanismo — Dentre os problemas que surgem no espírito do jovem, há um que freqüentemente o inquieta: Que atitude moral deve tomar diante do desejo sexual que, às vezes e contra a sua vontade, o impele a buscar um desafogo pela manipulação das partes genitais? De nada vale pretender "tapar o sol com a peneira", escondendo a realidade dos fatos. É mais salutar perscrutar o problema em todos os seus aspectos, sem desprezar o fator moral ou psíquico, e, com todos os dados ao nosso alcance, formular uma orientação que melhor satisfaça à aspiração da consciência humana.

O rapaz não se deve impressionar com a dificuldade que experimenta em abster-se de práticas masturbatórias, nem julgar-se por isso um anormal ou degenerado. Diz o dr. P. Vachet: "O onanismo é a mais comum e menos

mórbida das aberrações da prática sexual. É o vício comum dos adolescentes, dos continentes e dos tímidos". — "A masturbação está extremamente difundida entre os dois sexos (...) a proporção excede, por certo, de oitenta por cento" (133).

A quase universalidade dessa prática, numa ou noutra época da existência, é referida pelo dr. Franceschini, nestes termos: "Por meio de um rigoroso inquérito, levado a efeito entre estudantes e operários, alguns médicos puderam estabelecer que mais de noventa por cento dos homens jovens são masturbadores. (...) Provou-se também, pelo citado inquérito, que vinte e cinco por cento dos jovens se entregam à masturbação antes da puberdade, cinqüenta por cento o fazem durante essa época e vinte e cinco por cento após a madureza sexual" (134).

Alguns moralistas acreditam que o hábito da masturbação provém de um vício adquirido na meninice e esperam que uma bem orientada educação higiênica evitará esse mal às novas gerações. À vista dos estudos de psicologia sexual, essa opinião é infundada, pois a masturbação aparece comumente na infância e na puberdade como manifestação espontânea do sexo, e mais tarde é uma expressão natural da sexualidade reprimida.

Não se deve supor que a generalização do onanismo entre a juventude se observe sòmente naqueles que não se submetem a uma disciplina moral e religiosa. A masturbação é praticada também entre aqueles que, reconhecendo como um mal as manifestações da sexualidade, aplicam suas energias a suprimir os impulsos do erotismo, apoiados na disciplina moral e na fé religiosa. Referindo-se aos futuros sacerdotes, afirma o dr. P. Vachet: "Isto já se manifesta desde os seminários, pois esse vício é mais comum aí do que em outras quaisquer aglomerações de moços jovens e vigorosos, de vinte a vinte e quatro anos" (135).

Mesmo entre jovens puritanos, animados por vivas convicções religiosas, uma grande maioria sucumbe ao onanismo, segundo a afirmação insuspeita de Havelock Ellis. Cita ele o resultado de um inquérito publicado em 1902, nos Estados Unidos, no qual "entre 232 estudantes de teologia, com a idade de vinte e três anos e meio, em média, vindos de todas as partes dos Estados Unidos, 132 confessavam espontâneamente que a masturbação consistia sua mais grave tentação, e todos exceto um (isto é, 131) reconheceram que eles sucumbiam a essa prática. Isto representa uma proporção de cerca de 56%. Mas a proporção verdadeira devia ser mais elevada", afirma H. Ellis (136). A razão disto é que não é fácil obterem-se confissões desse gênero.

Diz Lindsey, juiz de menores nos Estaddos Unidos: "Se o leitor encontrar um homem que tenha sido absolutamente continente antes de se casar, terá achado uma ave rara. Aposto que a proporção deles é de um décimo de um por cento, ou qualquer aproximação semelhante. O mesmo se dá com o clero. Considerai os estudantes para o ministério eclesiástico, em maioria solteiros. Continentes são eles! Eles deixam tranqüilas as mulheres, mas, em grande maioria, não se deixam a si mesmos. E isto não é continência" (137).

Ao fazer estas citações, não nos move nenhum intuito de denegrir quem quer que seja, mas apenas o de tornar patente a violência do impulso sexual. Mesmo em pessoas de caráter nobre e de constituição física normal, o impulso erótico, reprimido por louváveis limitações de ordem moral, explode muitas vezes em manifestações auto-eróticas.

Às observações acima, que revelam como a masturbação é generalizada na mocidade, podemos acrescentar os interessantes dados do relatório Kinsey anteriormente referidos.

Entre os rapazes que alcançaram o nível correspondente ao curso colegial, informa Kinsey [138], a masturbação atinge a 96% dos indivíduos e continua a ser a principal modalidade de expressão do erotismo, numa proporção de 60% de toda a atividade sexual, até a época do casamento. Em contraste com essa porcentagem constata-se que, nas classes de nível intelectual mais baixo, a masturbação diminui grandemente após a puberdade, sendo que, depois dos vinte anos, 40% dos jovens desse grupo cessaram tal prática. A maioria dos rapazes desta classe social acha difícil compreender como é possível a um adulto recorrer ao onanismo. Julga mais natural o coito promíscuo. Explica Kinsey que, se as classes mais instruídas toleram a masturbação, isto se deve provàvelmente à forte repulsa que professam pelas relações sexuais promíscuas antes do casamento, o que não se dá com as classes populares.

"Certos homens", diz Stekel, "por serem muito religiosos, consideram pecaminosas as relações fora do matrimônio. Para tais indivíduos a masturbação é o único meio que existe a fim de conservá-los ativos e bem dispostos até o casamento" [139].

Compensação da privação sexual — Ao tratar do onanismo Forel salienta que esta prática, quando é conseqüência da privação sexual e vem acompanhada de imagens eróticas representando o outro sexo, pode ser qualificada como "masturbação compensadora", porque ela não tem por base uma anomalia do desejo, mas serve apenas para satisfazer por compensação uma necessidade natural, representa uma substituição da cópula normal. Forel afirma que a masturbação compensadora está extremamente espalhada. "Muitos adultos normais praticam acidentalmente a masturbação", diz o dr. Pierre Vachet. "Isto é comum entre os homens privados de mulheres, tais como os marujos, os soldados em campanha e os maridos fiéis durante a gravidez de suas esposas" [140]. O dr. O. Pfister também afirma que a excitação masturbatória das partes genitais "em muitos indivíduos nunca é completamente vencida" [141]. O onanismo não é raro na mulher, se bem que menos freqüente que no homem, diz ainda Forel. O dr. Egas Moniz também distingue entre a masturbação originada pela falta de saciedade sexual, e o onanismo mórbido, em que o indivíduo prefere a satisfação contra a natureza. No primeiro caso o onanismo não é patológico e representa apenas uma substituição do amplexo normal.

O prof. Forel expressa o seguinte conceito acerca da masturbação compensadora: "Ainda que deprimente para aquele cuja vontade é assim vencida por uma excitação que ele não pode dominar, é a forma relativamente menos perigosa do onanismo. Quando muito, leva a um certo esgotamento nervoso e mental pelo abuso que fàcilmente se produz, devido à facilidade que a pessoa tem de se proporcionar assim o espasmo venéreo". Mais adiante diz o mesmo autor: "O homem que, por uma ou outra razão, não pode proporcionar-se um coito normal, deveria contentar-se com poluções noturnas, e a mulher com sonhos voluptuosos, asbtendo-se ambos de excitações ativas e voluntárias" [142]. Este "deveria" de Forel parece expressar uma ressalva de ordem moral que, entretanto, não condiz com a situação humana real.

Acontece também, como observa o dr. Pierre Vachet, que a masturbação é às vezes empregada como calmante do sistema nervoso; por meio dela alguns intelectuais buscam alívio à tensão penosa, conseqüente a um esforço mental prolongado. Antecipando o que diremos adiante, convém lembrar aqui o grande benefício proporcionado por uma atividade física moderada, justamente para aliviar essa tensão nervosa produzida pelo trabalho intelectual intenso.

Aliás a prática do onanismo como calmante do sistema nervoso é também referida por Havelock Ellis, que julga ser o alívio experimentado após a masturbação o

que constitui, em muitos casos, a sua verdadeira atração (o que não exclui o sentimento deprimente que acompanha o ato). Esse autor cita os seguintes exemplos: Um rapaz, de vinte e dois anos, sentia-se tão incomodado no seu trabalho que era obrigado a se dirigir à privada, para se masturbar. Isto lhe fazia bem e em seguida podia trabalhar sem interrupção durante toda uma semana, até nova descarga. Entretanto, fazia o seguinte conceito de si mesmo: "Tenho sido, toda a minha vida, a criatura mais asquerosa". Outro exemplo, registrado por Garnier e que H. Ellis refere, é o caso de um frade, de trinta e três anos, casto. A intervalos de duas ou três semanas, ele sentia uma violenta necessidade de evacuar o sêmen. Quando não se produzia uma polução noturna, ele experimentava dores de cabeça e insônia. Deitava-se então sobre o ventre e obtinha assim a ejaculação. Sentia-se aliviado, como se um peso fosse retirado de seu peito, e o sono vinha fàcilmente. Este paciente perguntou a Garnier se esse alívio artificial não seria mais nocivo do que os incômodos por ele acalmados. Garnier respondeu-lhe que, se era ineficaz o regime habitual de um convento bem dirigido, junto aos anafrodisíacos, ele poderia repetir aquela manobra quando houvesse necessidade" (143).

Um rapaz que pratica a masturbação com o objetivo de obter alívio, quando a urgência de satisfação erótica se torna intolerável e não há possibilidade do amplexo normal, deve afastar de sua consciência qualquer sentimento de vexame.

Uma psiquiatra de renome, a dra. Mary Steichen Calderone, escreveu: "...sou levada a perguntar o que há de tão medonho ou tão pecaminoso em procurar em si mesmo a alívio temporário para a tensão sexual. Estou disposta a reconhecer que este alívio seja prejudicial à personalidade, mas sòmente quando, em qualquer idade, for usado como substituto de uma vida plena e ativa, ou como uma fuga das responsabilidades e encargos que pertencem a esse período da vida.

"Naturalmente os sentimentos sexuais podem ser sufocados ou reprimidos, em boa parte. (...) Entretanto, para algumas pessoas divorciadas ou viuvas, pode chegar a ocasião em que os desejos sexuais se tornem extremamente violentos e difíceis de conter. É muito melhor ter alívio por meio da própria pessoa do que condescender numa relação com outrem, a qual é temporária e, por isso, miserável. Como já fiz ver, o objetivo final deve ser sempre uma nova relação duradoura, com um cônjuge ponderadamente escolhido. (...) Se esta procura é demorada e não produz logo resultado, esse indivíduo poderá recorrer ao alívio por meio de si próprio. Tanto do ponto de vista de seu bem-estar emocional quanto de seus ajustamentos sociais, entendo que o último, a manipulação do sexo, desempenha uma função necessária" (144).

Se esta solução é recomendada aos divorciados e viuvos, enquanto aguardam novo enlace, muito mais o é para o jovem solteiro no ardor da idade, até que possa fundar o seu lar.

A harmonia psíquica — A opinião de alguns médicos que consideram a masturbação como um "ato fisiológico" precisa ser bem compreendida. Ela é verdadeira quando significa que o orgasmo venéreo assim obtido, considerado em seu aspecto fisiológico, não é mais prejudicial que a união sexual. Porém não basta que um ato seja fisiológico para que seja conveniente, nem moralmente legítimo. Por exemplo, a ação de comer é sempre fisiológica; mas quando uma pessoa, já alimentada, come por gula, o comer, embora continue a ser um ato fisiológico, é contra a natureza e portanto condenável.

O ser humano tem uma natureza psíquica ou moral que vai muito além da esfera fisiológica. A função sexual, para ser perfeita, exige o concurso de duas criaturas de sexo diferente. Praticado de modo diverso do normal, não satisfaz harmônicamente a todas as exigên-

cias do indivíduo equilibrado. A masturbação após a constituição da plena virilidade, embora traga alívio à excessiva tensão nervosa, é um modo de satisfação contra a natureza e por isso deixa um descontentamento íntimo naquele que a pratica. A. Herbert Gray faz a seguinte interessante afirmação: "Tenho ouvido homens defenderem vigorosamente relações irregulares com mulheres, porém jamais ouvi alguém defender o onanismo, conquanto este seja excessivamente comum. Um robusto sentimento masculino se pronuncia decididamente contra ele" (145). Para sermos mais exatos conviria acrescentar, entretanto, que a repulsa provocada pelo onanismo não é proveniente apenas de um inato sentimento de varonilidade, como pensa Gray, mas é fruto, em grande parte, de conflitos inconscientes, ligados ao complexo de Édipo, assim como uma decorrência da educação.

Infelizmente a experiência de muitos rapazes vem dar neste beco sem saída: Sendo a masturbação um ato deprimente, convém abster-se; mas se o indivíduo tenta abster-se e não o consegue totalmente, sofre humilhação ainda maior, por ter quebrado um firme propósito de abstinência.

O relatório Kinsey é incisivo neste ponto, quando afirma: "Milhões de rapazes têm vivido em contínuo conflito mental acerca deste problema, que persiste até nossos dias. Muitos jovens passam periòdicamente por uma série de tentativas para suprimir este hábito, fracassos inevitáveis nesses esforços, seguidos de períodos de remorso, e a adoção de novas resoluções — iniciando-se novamente o mesmo ciclo. Seria difícil imaginar um processo mais adequado que esse para causar permanente dano à personalidade de alguém" (146).

Para aqueles 92% de jovens castos que não conseguem viver no regime das poluções noturnas espontâneas, a funcionarem automàticamente como válvulas de escape para a necessidade de orgasmo, é possível que, em

se tratando de católicos, o drama se torne menos angustioso mediante o sacramento da confissão e absolvição. Este processo ritual talvez consiga atenuar a agudeza do conflito, no caso de haver masturbação, transferindo o sentimento de culpa, do terreno da consciência responsável para o âmbito da Igreja que absolve e anula a culpa. Este recurso não existe para os protestantes, que têm outro conceito de Igreja e de responsabilidade pessoal perante Deus ou Cristo.

A investigação Kinsey observou milhares de casos de rapazes grandemente prejudicados pelas advertências que lhes foram feitas acerca da masturbação, vivendo em constante conflito consigo mesmos, receosos de ficarem socialmente diminuídos, de verem sua capacidade sexual finalmente prejudicada, alguns até havendo tentado suicidar-se. Por outro lado, constatou-se que, para os jovens que não se sentiram demasiado perturbados psìquicamente, a masturbação proporcionou um escoamento regular ao impulso sexual, contribuindo assim para aliviar a tensão nervosa; ficou provado que, de modo geral, estes rapazes tinham vida mais equilibrada do que aqueles que sofreram maior restrição em sua atividade sexual. Acrescenta Kinsey, entretanto, com louvável imparcialidade, que tais conclusões, obtidas pela investigação científica, não são aceitas por todas as pessoas interessadas na educação sexual, e que mesmo os psiquiatras estão divididos nesta questão.

Ponderando as diversas opiniões acerca da prática da continência absoluta, julgamos que se dá com a privação sexual algo semelhante à não satisfação da fome. O impulso de conservação exige que o indivíduo coma. Mas se ele estiver impossibilitado de obter alimento, ou mesmo se tiver resolvido jejuar, pode passar algum tempo sem se alimentar. Nesse caso, fica sujeito a vertigens, sentimento de debilidade, mal-estar, pouca eficiência no trabalho, tudo dependendo de sua maior ou menor aptidão física e moral para contrariar o impulso

da fome. Assim também a não satisfação do apetite sexual, nos temperamentos eróticos que procuram abster-se de qualquer atividade dessa função, terá conseqüências desagradáveis; se bem que a abstenção não cause atrofia dos órgãos sexuais ou enfermidade pròpriamente dita, pode produzir mal-estar, freqüentes ereções noturnas, dormir agitado, insônia, enervamento, pouca disposição para o trabalho.

A solução para essa dificuldade é muitas vezes procurada nas relações sexuais ilegítimas que, entretanto, não a podem solucionar satisfatòriamente. Elas acarretam sofrimento físico e desordem moral para a mulher que o homem escolhe como companheira de um momento e, portanto, são inaceitáveis diante do princípio cristão de "amar ao próximo como a si mesmo".

Verifica-se que a solução simplista da repressão absoluta do impulso sexual, propugnada no século XIX, só é aplicável a um certo número de indivíduos. Sem dúvida, existem rapazes continentes que não se masturbam, pela simples razão de não possuirem impulso sexual suficiente para levá-los a buscar qualquer espécie de satisfação erótica, e que, em geral, só têm orgasmos provenientes de emissões noturnas, afirma Kinsey" (147). Para alguns poucos indivíduos, este é pràticamente o único escoamento da sexualidade.

Augusto Forel frisa a vantagem dos que têm a possibilidade de praticar a continência absoluta, dizendo: "O rapaz que possui suficiente energia para governar seu apetite sexual, ou aquele cujo apetite é bastante moderado para lhe permitir a continência até a idade de vinte e cinco anos, mais ou menos, de modo a fazê-lo evitar ao mesmo tempo a prostituição, as relações sexuais passageiras e a masturbação, esse rapaz tem todas as probabilidades de ganhar o melhor quinhão da vida" (148).

Encarando o problema de modo geral, a dificuldade consiste em que o solteiro que renunciar às relações ilícitas e à masturbação e que apenas tiver emissões noturnas, ficará reduzido a uma quase privação de expressão sexual, pois tais emissões não constituem mais de 10 ou 12% do total das atividades sexuais que os indivíduos habitualmente têm. Não se constatou que tais emissões possam tornar-se mais freqüentes como conseqüência da abstenção de outras atividades sexuais. A freqüência de emissões noturnas, observada entre indivíduos religiosos, que apresentam menor porcentagem de masturbação e relações ilícitas, não são mais altas nem mais baixas que a freqüência daqueles que não são animados por princípios religiosos.

Se, por um lado, precisam ser acatados os princípios sociais e religiosos que fizeram do homem das cavernas o integrante da sociedade civilizada do presente, a qual é impelida na senda do idealismo cristão; por outro lado, a enorme diferença que a natureza sexual apresenta nos diversos indivíduos impossibilita a fixação de uma norma de conduta uniforme para todos. Devemos, pois, contentar-nos com estabelecer para os solteiros uma orientação geral, à luz dos conhecimentos científicos que possuímos sobre a sexualidade.

Os indivíduos em que o impulso sexual se apresenta com pouca intensidade, justamente aqueles que podem limitar a expressão do erotismo ao orgasmo que ocorre durante o sono, esses não têm problema a resolver — tanto melhor. Aos outros diríamos: Vivam, em todos os aspectos, uma vida higiênica, equilibrada, animada com propósitos elevados; evitem as excitações diretas ao erotismo provenientes de leituras sensuais, conversas inconvenientes, imaginação de cenas libidinosas, contactos sociais provocadores, mas preservem a sua paz de espírito, não se preocupando muito em diminuir a freqüência de suas manifestações auto-eróticas. Porém abstenham-se de prejudicar a personalidade do próximo, como ocorre em todas as relações promíscuas.

Aspecto religioso do problema da castidade — Até aqui temos estudado o problema do onanismo sob os aspectos físico e psíquico; resta-nos considerá-lo mais particularmente pelo lado moral e religioso. É realmente neste terreno que o problema se torna mais angustioso para muitos moços que alimentam convicções cristãs e cujas consciências mais delicadas são lançadas em grande perplexidade. Os outros, cuja conduta não está limitada por princípios religiosos, procuram como podem um desafogo para a premência do sexo e sofrem tanto menos quanto mais embotado está o seu senso moral. Mas para os idealistas, que cultuam um objetivo moral, o problema é cruciante. Bem o compreendeu o pastor suíço Ch. Durand-Pallot, que assim se expressou:

"É bem verdade que a questão sexual é da máxima importância, uma das que mais atormentam os jovens, e os melhores dentre eles! Bem verdade ainda que a maneira pela qual tem sido encarada e resolvida nos ambientes chamados cristãos ergue uma barreira quase intransponível entre esses jovens e a vida espiritual! (...) Todavia devemos reconhecer que o problema é árduo e que, pràticamente, é quase insolúvel. Teòricamente, a moral sexual do cristianismo é inatacável, segundo creio; aliás o homem moral não poderia contentar-se com menos. Desprezaríamos uma religião que não proclamasse como ideal a vida pura para um e outro sexo até o dia em que se cria a união completa e definitiva de duas existências. Mas, pràticamente, como fazer? Pois também eu não vejo senão uma minoria que, por um privilégio de educação e de temperamento, possa permanecer casta até o casamento". — O autor provàvelmente tem em vista a castidade absoluta, isenta de qualquer satisfação sexual, mesmo pela masturbação. Mais adiante acrescenta: — "...Toda relação sexual fora do casamento é, portanto, uma falta, um pecado. Este é particularmente grave quando, por esse modo, causei dano a uma companheira, talvez irremediàvelmente. Mas, porventura não se ultrapassou o alvo, ao fazer desse pecado a falta das faltas, aquela sobre que pesará uma vergonha definitiva? Será ele a mancha por excelência? — Estou convencido de que, para premunir, se tem exagerado singularmente. Isto se fez principalmente na questão do onanismo, fez-se em todo o terreno sexual. Na realidade, se a falta é do indivíduo, ela também é da sociedade, que impede a vida normal. A falta é quase da mesma ordem que a do faminto que rouba um pão. Ela segue o declive da natureza. É, pois, sob certos aspectos, muito mais desculpável que tantas outras, como a avaricia, a mentira, o egoísmo" (149).

É essa "barreira quase intransponível", interposta entre o moço e a vida espiritual, que desejamos contribuir para abater ou tornar menos maléfica. Em que consiste o problema, em suma? Entre os pensamentos de um filósofo suíço, deparamos o seguinte, que lança uma luz crua sobre o nosso ponto. Diz F. Duperrut: "Há na Moral uma regra capital: Nunca se deve habituar o homem a desobedecer. Por conseguinte, nunca se lhe deve ordenar alguma coisa que ele não possa fazer. As derrotas são um veneno para a alma" (150).

Ora, ao moço cristão, habituado a cultivar a vida do espírito, consciencioso no exame de seus atos e aspirando ardentemente à posse de um caráter digno, se lhe sobrevêm quebras da sua integridade sexual pelo onanismo, estas queimam como ferro em brasa. E o cautério, quando é excessivo, destrói a sensibilidade e embota o espírito. Seu sentimento o previne que a masturbação é um ato contra a natureza. Ele foi educado na crença que a absoluta castidade é possível, que a incontinência é pecado, que a própria imaginação de cenas eróticas é condenável; ele conhece as declarações apostólicas relativas à impureza, de que "os que praticam tais coisas não herdarão o reino de Deus". Diante de sua indisciplina sexual ele é impelido ao desespero, por seus atos que são como "um anjo de Satanás para o esbofetear". A consciência e a religião exigem o completo domínio de si;

sobrevêm quedas; a oração é impotente para assegurar a vitória sobre o impulso erótico; orar com esse objetivo torna-se uma hipocrisia, pois implica que o indivíduo se compromete a uma certa conduta, ao passo que ele sabe, por repetidas experiências, que há de quebrar aquele compromisso assumido diante de Deus, como das outras vezes. Para cúmulo, ao ser arrastado à prática do onanismo, ele se imagina que quebra o seu voto voluntàriamente, tem a impressão de que poderia reagir, quando o certo é que, muitas vezes, é vítima de forças irreprimíveis.

Julgamento do auto-erotismo — No julgamento das faltas de natureza sexual, a consciência religiosa não pode deixar de encarar e resolver esta questão: Deve-se reconhecer como pecado o ato masturbatório?

Que o onanismo na idade viril seja uma prática inconveniente, não padece dúvida. E é dever moral do cristão praticar sempre os atos mais convenientes, aqueles que em maior grau concorram para seu enriquecimento físico e espiritual, e o habilitem a melhor servir a Deus e ao próximo. Entretanto, precisamos levar em conta um elemento capital do nosso problema, e é o seguinte: Acaso a força de vontade, de modo geral, pode impedir a masturbação? Se ficar provado que a vontade, bem dirigida, pode consegui-lo, então, quando não o fizer, será culpada de pecado.

Ora, do estudo que temos feito nas páginas precedentes, conclui-se que as manifestações do auto-erotismo são resultados inevitáveis da força sexual reprimida, desse instinto fortíssimo que reside no mais profundo do nosso ser. Os psicólogos afirmam que, em geral, quanto mais a vontade se aplica diretamente em reprimir o onanismo, tanto mais ele recrudece. O impulso erótico pode ser derivado para outros interesses que, possìvelmente, aliviarão sua intensidade. Mas não poderá ser cabalmente suprimido por atos da vontade. E se a força de

vontade é incapaz de proteger totalmente da masturbação, não se pode atribuir culpa ao indivíduo.

Conforme reconhecemos anteriormente, as manifestações auto-eróticas — sonhos libidinosos, poluções e masturbação espaçada — tomadas de modo geral, são conseqüências inevitáveis da repressão do impulso sexual. Esses atos ocasionais, considerados em si mesmos, não têm caráter pecaminoso.

Diz Ernesto Ziegler, professor em Basiléia, Suíça: "Ao formar juízo acerca do onanismo, deve-se abandonar completamente as qualificações de vício e de pecado. (...) Nunca se deve esquecer que as fontes e as provocações à masturbação estão contidas no próprio corpo; que, com o melhor conhecimento e boa vontade, apenas dentro de certos limites é possível atuar sobre este impulso, para abafá-lo e torná-lo suportável. A natureza quer justamente que sintamos o impulso sexual, ela quer que este impulso nos flagele e nos impila à ação, porque ela procura obrigar à continuação da espécie, mesmo a expensas do procriador" (151).

Também o rev. L. D. Weatherhead, conceituado ministro da Igreja Anglicana, assim se exprime: "A masturbação deve ser considerada como um pecado ou como um erro? (...) Tendo-o discutido com muitos amigos, médicos, eclesiásticos, leigos, julgo que esse ato **em si mesmo** não é nem moral, nem imoral. É a utilização de certa parte do corpo para fins não biológicos e com o propósito de provocar gozo" (152).

É certo que a masturbação é geralmente acompanhada de idéias eróticas em que o indivíduo se compraz e com as quais procura completar, pela atividade cerebral, os estímulos ao desejo sexual que naturalmente faltam nesse ato. É nesta ideação voluntária de imagens sensuais que se poderia apontar um elemento de imoralidade. Entretanto a Psicologia afirma ser preferível que o onanismo, quando praticado, venha acompanhado de

imagens relacionadas com o sexo oposto e com o coito natural, afirmando-se assim a normalidade de um caráter heterossexual (isto é, que procura união com o outro sexo).

Em suma, a masturbação na juventude é freqüentemente a conseqüência forçada de uma vida anormal, em que o sexo não pode manifestar-se pelo processo natural do amplexo, situação pela qual não cabe culpa ao indivíduo, mas à organização da sociedade.

Disciplina mental. A castidade como tendência — Se a masturbação como ato isolado, não pode ser considerada um pecado, ela é às vezes o resultado de uma vida anti-higiênica e de uma orientação mental perniciosa. Neste caso, é essa condição de vida, que a pessoa voluntàriamente leva, o que constitui pecado.

É oportuno considerarmos aqui o que se convencionou chamar "maus pensamento", isto é, as imaginações de caráter erótico, julgadas à luz da moral cristã. O aparecerem na mente essas representações, de cunho libidinoso, nada tem em si de anormal, nem podem elas ser taxadas de pecaminosas. São imagens contidas nas camadas inconscientes da personalidade e que dali irrompem para a consciência, como as matérias ígneas, contidas no interior da terra, se extravasam pela cratera dum vulcão. O fato de surgirem ou não esses pensamentos, essas representações de quadros de natureza sexual, não são indício de perversidade, nem denotam maior ou menor santidade. São representações naturais, fruto da tendência sexual, e o seu aparecimento não depende da vontade. Porém, quando essas imagens são mantidas deliberadamente na consciência, quando o indivíduo se compraz em devaneios eróticos de natureza imoral, isto é, em imaginar atos contrários à moral cristã, então sim, ele comete pecado. É este pactuar da consciência com imagens lúbricas que Cristo condenou quando disse que aquele que olhar para uma mulher, cobiçando-a no seu coração, já adulterou com ela. Tais

condescendências mentais enfraquecem o indivíduo na resistência que ele deve desenvolver para manter uma conduta íntegra. Além disso, o acalentar devaneios eróticos, que não podem ser satisfeitos por atos, produz uma desarmonia psíquica, rompe o equilíbrio do caráter, é prejudicial e, portanto, pecaminoso.

Somos levados, pois, a remover a noção de pecado de solicitações que brotam do inconsciente, para fazer descansar inteiramente essa condenação sobre a libertinagem do espírito, **voluntàriamente fomentada e mantida**, ou seja, o hábito de cultivar na mente essas representações lascivas.

As dificuldades e irregularidades sexuais também podem ser conseqüência de condições de vida anormais, contrariando-se os preceitos da Higiene e da Moral. O equilíbrio da personalidade é fruto das suas condições de vida. Se alguém vive uma vida dissipada, frívola, egoísta, sem ideal, ou mesmo sobrecarregada de trabalhos e preocupações, por falta de uma orientação ponderada e superior, e se em conseqüência disto cometer faltas, a culpabilidade destas não consiste tanto nos atos exteriores, mas o pecado reside naquela vida desorganizada. Até a falta de saúde é pecado, se for conseqüência de uma vida anti-higiênica.

A mentalidade moderna procura julgar sem preconceitos todas as relações humanas, inclusive as relações da vida sexual. Para o cristão, a pedra angular da Moral é o caráter sagrado da personalidade humana, em torno da qual giram os preceitos relativos à conduta dos fiéis. Por isso é que diz o já citado rev. Weatherhead: "Aquilo a que se chama, com demasiada facilidade, "pecados" sexuais, nunca foi por Jesus condenado com tanta severidade como o pecado contra a caridade ou contra a verdade". E cita o seguinte conceito expresso pelo dr. Temple, arcebispo de Cantuária e primaz da Igreja da Inglaterra: "Escolher uma carreira por motivos egoístas é um pecado pior que, por exemplo, cometer um adul-

tério, porque significa que o indivíduo subtrai ao serviço de Deus a maior parte de seu tempo e de suas forças" (153).

Os defensores da continência sexual na mocidade, tanto protestantes como católicos insistem a miudo em que essa prática seja baseada sobre a **perfeita** castidade e afirmam freqüentemente que, se alguns rapazes alegam que não podem ser continentes, é porque não procuram a castidade de espírito. "Para nós, diz o dr. Alcântara de Vilhena, continência sem castidade ou é prejudicial, ou é uma utopia" (154). Se aqui pretendeu esse paladino do ideal encarecer a necessidade da disciplina mental para a realização do estado de continência, disse uma grande verdade. Mas da afirmação que a continência sem castidade ou é prejudicial, ou é uma utopia, depreende-se que "a continência com castidade não é prejudicial e é realizável". Pergunta-se, então: Que é essa castidade que se afirma ser realizável? Será a completa abstenção de toda satisfação erótica voluntária? Julgamos que não. É insustentável a opinião que a generalidade dos rapazes, desde que o queira, possa praticar essa castidade absoluta. Certamente há rapazes que o conseguem. Entretanto, mesmo entre os jovens amparados por sólidas convicções religiosas, a castidade assim compreendida é o privilégio de uma minoria, favorecida por condições de temperamento e educação. Podemos afirmá-lo com segurança, baseado nas declarações de Havelock Ellis acerca da limitada porcentagem de estudantes de Teologia que conseguiam manter-se castos (referida anteriormente), e no já citado parecer do prof. Ch. Durand-Pallot.

O dr. Oskar Pfister, professor num instituto de educação e ministro evangélico em Zurique, Suíça, é quem revela uma melhor compreensão do problema, embora tente resolvê-lo segundo os métodos da escola psicanalítica, que não são aceitos por todos. Segundo ele, não se trata de reprimir cabalmente um impulso muitas vezes incoercível, mas de transferir essa força para finalidades mais nobres que despertem o interesse do indivíduo. "Já

pelo fato de não dar tamanha importância a esse hábito", diz ele, "fortalece-se o poder de libertação. Conseguintemente, não é aconselhável que o jovem se comprometa formalmente a abandonar seu erro; menos ainda seria recomendável exigir peremptòriamente uma abstinência total imediata" (155). Nos casos em que o intenso onanismo é conseqüência de uma cerrada trama de complexos, a Psicanálise é necessária para libertar o indivíduo, afirma Pfister.

Parece-nos útil estabelecer uma distinção, embora convencional, entre a noção de "continência" e a de "castidade". **A continência** seria a mera abstenção de união sexual, ao passo que a **castidade** seria a ausência de emoções eróticas, o que só pode existir em grau relativo. De modo absoluto, é pràticamente irrealizável a castidade, pois a imaginação de cenas sensuais e as poluções noturnas já a destruiriam. Assim, a continência seria um **estado**, no qual o indivíduo se abstém voluntàriamente do amplexo, e a castidade deve ser uma **tendência**, por meio da qual a pessoa procura disciplinar os impulsos do erotismo. **A continência, considerada como voluntária privação da cópula, pode sempre ser mantida,** com o auxílio de uma boa higiene sexual, que é indispensável e se apresenta sob a forma de tendência à castidade.

A castidade, assim compreendida, é um esforço continuado para disciplinar o impulso sexual, esforço que pode ser mais ou menos bem sucedido.

Rude é a luta pela continência, que deve ser o ideal de todo rapaz brioso. Ocultar a dificuldade do esforço seria contraproducente, pois aqui se requer energia consciente e espírito avisado. Mas convém praticar esta disciplina com espírito otimista, não se impressionando o jovem com tropeços que encontre na corrida para alcançar a meta. Na vida, todos estão moralmente obrigados a participar dessa difícil corrida. As leis biológicas e psíquicas do ser humano, as condições de existência que são feitas ao homem civilizado, a isso o obrigam. O essencial é fazê-lo com espírito esportivo.

CAPÍTULO IV

A EDUCAÇÃO SEXUAL

Diz-nos a consciência e a razão que, para o rapaz solteiro a única conduta sexual digna é a continência. Infringir esta norma, praticando relações sexuais promíscuas, seria ou pactuar com a aviltante instituição do meretrício ou concorrer para que mulheres que vivem do seu trabalho honesto tenham uma conduta desordenada, a qual produzirá seus inevitáveis frutos em sofrimentos físicos e morais, em que a mulher é a maior vítima. Uma vez aceita a necessidade moral da abstenção sexual, devemos indagar que condições de vida contribuem para suavizar essa disciplina que o jovem se impõe a si mesmo. Essas considerações são do domínio da educação sexual. Ela começa na infância, ministrada por pessoa da família, e prossegue na adolescência, num esclarecido esforço para disciplinar-se a si próprio. A educação sexual tem por objetivo preparar o rapaz para solucionar o difícil problema da continência, que todo solteiro tem que enfrentar. Os esclarecimentos de ordem fisiológica e psíquica, relativos à função procriadora, propõem-se auxiliar o jovem a assumir uma atitude sã e razoável, que esteja também de acordo com as aspirações morais da personalidade humana.

É prejudicial o mistério acerca do sexo — É de grande importância a orientação recebida no lar, quanto às questões do sexo. Ela influi poderosamente na formação da mentalidade do menor e nas atitudes que ele assumirá mais tarde.

Muitos adultos ainda mantêm a ilusão da "inocência" das crianças em assuntos sexuais. É claro que a criança, pela sua inexperiência, não pode desvendar certos aspectos do processo reprodutor, mas, de um modo geral, está informada, desde tenra idade, acerca dos fatos essenciais da procriação. Quando não baste a observação da vida nos animais domésticos, os colegas mais "sabidos", já na escola primária, dar-se-ão pressa em satisfazer a curiosidade tão viva dos petizes acerca de tudo que diz respeito ao sexo. Mesmo supondo-se que fosse conveniente a ignorância em tais assuntos, é ela pràticamente impossível. Trata-se, portanto, de escolher quais hão de ser os mestres em tal matéria; serão os companheiros de espírito deturpado, que colheram seus conhecimentos na sargeta, ou há de ser a família, com prudência e tacto?

A educação tradicional, que faz mistério de tudo que se refere ao sexo, traz notáveis inconvenientes. Em primeiro lugar, faz crer que o sexo em si é algo vergonhoso, que se deve ocultar o mais possível. Esta atitude falseia a noção das coisas e cria no espírito umas tantas prevenções com relação ao sexo, que podem atuar prejudicialmente na vida. Para enfrentar mais tarde o problema da continência, o rapaz não deve considerar o sexo como uma coisa vil, como uma força inimiga que se trata de aniquilar, mas sim como uma poderosa energia que é preciso canalizar. O educador esclarecido não imporá ao espírito infantil a noção errônea de que o sexo seja algo vergonhoso, mas ensinará a considerar todas as partes do corpo como dignas de igual respeito. É certo que as convenções sociais não permitem a exibição do nudismo, mesmo infantil. Embora ensinando a respeitar essas convenções, o educador explicará que isto é uma questão de **uso**, sem provocar na mente infantil qualquer associação de idéias entre o nu e uma noção de vileza. A respeito pode citar-se um fato ocorrido com escolares, entre seis e dez anos, numa localidade da Alemanha. Levados a uma piscina, para o banho em comum, recebeu

cada um deles uma tanguinha, de cuja serventia êles não tinham noção clara. Um dos petizes, com toda a inocência, atou o pudibundo paninho em volta do pescoço, como um guardanapo, e outros lhe seguiram o exemplo. Infelizmente foi preciso ensinar-lhes de que é que se deve ter vergonha, com o resultado que, dois anos mais tarde, as mesmas crianças arrancavam-se recìprocamente as tangas, a fim de verem alguma coisa da região proibida! Com esse resultado, seguramente, não se havia de alegrar o educador.

O secretismo que se pretende impor aos meninos, no tocante a tudo que diz respeito ao sexo, tem o efeito contraproducente de lhes aguçar a curiosidade. A mente juvenil, desperta para compreender todas as manifestações da vida, não poderia conservar-se alheia ao fenômeno da reprodução. Sonegar-lhe esclarecimentos neste assunto é entregar o espírito da criança a toda sorte de cogitações para desvendar o mistério. Esta exagerada preocupação com assuntos sexuais é inconveniente. As idéias dessa ordem produzem uma emotividade peculiar, que provoca um afluxo sanguíneo nos órgãos genitais e conseqüênte excitação dos mesmos. Pode servir de estímulo à masturbação. O educador avisado deverá, portanto, satisfazer com prudência e tacto a curiosidade infantil sobre os fenômenos do sexo, à medida que ela for solicitando explicações. Uma informação clara e dada com naturalidade evitará que a mente da criança se preocupe demasiadamente com a solução desses enigmas.

O dr. Lang, arcebispo de Cantuária, num discurso pronunciado em 1930, enalteceu a conveniencia de se esclarecer a juventude no tocante ao sexo. "Outrora, disse ele, o silêncio recalcava no íntimo um dos necessários interesses naturais — particularmente na juventude — e, em certos casos, por ser recalcado no íntimo e não poder encontrar uma expressão natural e espontânea, esse interesse sexual se tornava uma obsessão, ou então era assunto de conversa sob a forma mais cínica,

desprezível e malsã. Presentemente se reconhece que este assunto é uma das grandes questões fundamentais da natureza humana e da sociedade; todos os cristãos e os cidadãos ponderados deveriam estar aptos a tomar parte na discussão dos grandes problemas de que ela trata. Quanto a mim, preferiria antes correr todos os riscos da livre discussão do que arcar com os riscos decorrentes da conspiração do silêncio..."

Em outro passo diz o mesmo prelado da Igreja da Inglaterra: "Atualmente não há entre nós pessoa alguma que desejasse basear os fundamentos de uma vida moral, tampouco os de uma vida religiosa, sobre as palavras: "Não deves". Queremos libertar o instinto sexual — que constitui uma parte da herança da humanidade — da impressão de que ele deva sempre estar rodeado de advertências e de restrições de ordem negativa, e colocá-lo no lugar que lhe compete entre as grandes coisas criadoras, próprias para cada moça e cada rapaz de boa saúde" (156).

Como ministrar os conhecimentos sexuais — A escola psicanalítica ensina que, desde a mais tenra infância, a sexualidade começa a manifestar-se, de maneira geral, ns zonas erógenas. Este termo designa certas partes do corpo, muito sensíveis, capazes de excitar a sexualidade. A fricção dessas zonas provoca na criança uma satisfação de natureza erótica. Neste item se inclui, por exemplo, o hábito de chupar o dedo. A libido, no início da vida, se manifesta difusamente por várias regiões do corpo, não se localizando especialmente nas partes genitais. Conhecem-se como zonas erógenas a região anal, os lábios, o lóbulo da orelha, o pescoço e outros pontos da pele. Só mais tarde é que, sem abandonar o interesse pelas outras zonas, o erotismo se concentra nas partes genitais, preparando assim o indivíduo para a função normal do instinto de reprodução. Esta gradual evolução deve ser tomada na devida consideração por aqueles que se propõem orientar a educação da criança e do adolescente. A educação sexual há de começar desde os primeiros tempos da existência, presidindo com critério ao desenvolvimento próprio de cada idade. Nos primeiros anos recomenda-se não favorecer nem reprimir a sexualidade. Quanto seja possível, deve o adulto evitar de tocar as zonas erógenas da criança, a fim de não as excitar demais. São desaconselhados todos os atos que provocam sensações nas zonas erógenas, tais como os brinquedos de cavalinho de pau, o fazer sentar os pequenos sobre uma perna para os balançar, o excesso dos beijos e carícias de toda sorte.

Também não se deve reprimir diretamente as manifestações do onanismo infantil. São expressões da sexualidade, naturais nessa época, de que a criança não deve ter vergonha. As proibições da masturbação infantil não a conseguem suprimir, apenas fazem com que esses atos se pratiquem em secreto. A dissimulação do onanismo torna-se então a primeira raiz da mentira. O educador avisado abster-se-á em absoluto de reprimir por meios violentos a masturbação infantil ou de lhe atribuir um caráter vergonhoso. A mãe ensinará ao petiz que esta função do seu organismo não é própria a ser praticada por toda parte e em todo tempo, assim como outras funções corporais, mas que é natural, e que todas as crianças são assim. Com isto se evitará ao menino a impressão deprimente de que ele, ùnicamente, é um pequeno monstro de perversidade. A maneira prudente de atenuar a masturbação infantil é distrair a atenção da criança para outros interesses.

A instrução sexual, que se deve dar em moldes adequados a cada fase do desenvolvimento, há de apresentar singelamente os fatos da natureza humana relacionados com o sexo, sem mescla de máximas morais. Com acerto diz Havelock Ellis: "Os jovens são muita vez hostis às máximas morais convencionais; eles as supõem vazias e ocas, não sem razão. A meta que cumpre alcançar é o conhecimento exato; ora, nunca o saber é imoral, e nada

se ganha, neste caso, em associar a Ciência e a Moral" (157). Esta verdade é ilustrada pelo seguinte fato, que nos foi contado. Uma senhora, com louvável intenção, procurava ensinar o filhinho, de cinco anos, para que não manipulasse as partes genitais, e lhe pintava com cores vivas, para ele incompreensíveis, o caráter sagrado da procriação. Dizia ela: "Não pegue nisso, meu filho! Este membro é a coisa mais sagrada que Deus pôs no corpo". Ao que o pequeno replicou: "Mamãe, se isto é a coisa mais sagrada que Deus pôs no corpo, como é que o burro tem um grandão?"

Os esclarecimentos acerca dos fenômenos sexuais devem ser dados às crianças no lar, desde que se vai despertando a sua curiosidade para compreender a origem dos seres vivos. A mãe, que convive sempre com a criança, é a pessoa mais idônea para proporcionar esses conhecimentos. Deverá fazê-lo com toda a naturalidade, sempre que se apresentar um ensejo, quer na vida das plantas, onde a fecundação das flores é tão fácil de explicar, quer na vida dos animais superiores, que servem de preparação à compreensão do fenômeno na raça humana. É preferível esperar que o espírito infantil solicite um esclarecimento, a apresentá-lo prematuramente. Deve entretanto o educador conviver com a criança num nível de tanta confiança que os petizes não tenham o menor constrangimento para inquirir de assuntos referentes ao sexo. As explicações devem ser dadas sem reticências ou obscuridades, e isentas de qualquer malícia. Em muitos casos será preciso aos adultos uma reeducação de si mesmos para aprenderem a considerar com naturalidade os fenômenos da vida. Desde os quatro anos a mente infantil está apta a ser iniciada nos processos da procriação. Se não obtiver esclarecimentos no lar, irá bebê-los na rua.

Os pais devem ser alertados para sua nova responsabilidade quanto à educação sexual da infância, nesta época em que desaparece a noção do tabu. Não basta desfazer a estulta ficção de que as crianças são trazidas

no bico de uma cegonha. Não só deve-se contar-lhes singelamente que os filhos se originam no ventre materno, mas que são fruto da relação entre o pai e a mãe, que este contacto é fonte de prazer e que só deve ser praticado entre duas pessoas que têm entre si grande carinho, isto é, entre os pais. Se os progenitores conseguirem libertar-se de um injustificado sentimento de vergonha para tratar do assunto, as crianças receberão esse esclarecimento com simplicidade, como coisa natural.

Os pais devem ter presente o fato que, em nosso gênero de vida, é impossível conservar os petizes na ignorância da função sexual. Sempre há os companheiros mais velhos que lhes revelam absolutamente tudo, inclusive as perversões sexuais. Antigamente a noção do tabu, incutida desde tenra idade, criava nos menores uma defesa natural contra os perigos do mau uso do sexo. Adquiriam um sentimento profundo de que o sexo é algo feio e vergonhoso, que é indigno mostrar, tocar e mesmo falar nele; isto os protegia inconscientemente de companheiros pervertidos.

Abandonada a noção de tabu (de cujo efeito pernicioso já tratamos), recomendam os psiquiatras que os petizes sejam informados de que existe no mundo o homossexualismo, a respeito do qual devem estar prevenidos. Naturalmente esta informação deve ser dada com tacto, a fim de não traumatizar a mente com uma impressão de excessivo horror a tudo que é sexual. Dir-se-á à criança que a função sexual é uma coisa boa e nobre, mas destina-se a ser praticada sòmente entre os pais e sê-lo-á também pelo petiz, quando crescer. É uma relação, acrescentar-se-á, que nem mesmo é admissível entre irmão e irmã, entre os quais nunca pode haver casamento, porque os filhinhos não seriam sadios e fortes.

Após a puberdade, é aconselhável pôr nas mãos do adolescente um livro, que exponha de um modo mais completo os fenômenos do sexo em seus aspectos fisiológico e psíquico, e estude os problemas sociais e morais que

daí decorrem. Somos de opinião que a instrução sexual não é matéria que possa ser ensinada em classes. A diversidade dos alunos quanto à idade e à mentalidade é tal, que o ensino adequado a um seria prejudicial a outro. Além disso o ensino sexual, para não ser nocivo, deve ministrar-se num ambiente de perfeita serenidade e com ausência de qualquer laivo de malícia, de modo que se torne um calmante à curiosidade natural e não um estimulante ao erotismo. Tal ambiente seria bem difícil encontrar-se numa escola, em nosso país.

Será possível a "sublimação" do erotismo? — Uma doutrina que alcançou grande aceitação entre os propugnadores da continência foi a da sublimação. Esta teoria, posta em voga por Freud, afirma que é possível desviar a energia sexual, canalizando-a para outros objetivos, tais como a Arte, a Literatura, a Religião, as atividades altruísticas, etc. Se fosse possível desviar assim para outras finalidades o erotismo reprimido, seria este o método ideal para a prática da continência.

Entretanto o próprio Freud já advertia que é limitado o grau de não satisfação sexual que o homem mediano pode suportar. A plasticidade e a mobilidade do impulso erótico para tolerar compensações que o sublimem "estão longe de ser completas entre todos os homens, e a sublimação apenas pode suprimir uma parte da libido", afirmava ele (158).

A investigação Kinsey procurou averiguar a existência de sublimação em certo número de casos submetidos ao seu estudo, particularmente naqueles que, por terem baixa freqüência de manifestações sexuais, fariam supor que sublimam parte da energia erótica. Se existe realmente sublimação, diz Kinsey, dever-se-iam encontrar pessoas cujas manifestações eróticas foram reduzidas ou eliminadas, sem provocar perturbação nervosa, gastando-se essa energia em atividades não sexuais. Constatou-se realmente que alguns indivíduos, em virtude de esforços às vezes heróicos, conseguiram reduzir o número de orgasmos que, de outro modo, alcançariam; mas tal resultado não esclarece se essas pessoas conseguiram canalizar seu impulso sexual para objetivos de outra natureza, ou se apenas aquela energia foi desviada de uma para outra parte do sistema nervoso.

Embora reconheça que o assunto ainda não foi cabalmente pesquisado, Kinsey chega à conclusão que os fatos estudados até agora cientìficamente não comprovam a existência do processo chamado sublimação, isto é, que a força sexual tenha sido canalizada para outras finalidades. A observação feita num grupo de rapazes de vinte e tantos anos, que pretendiam ser perfeitos exemplos de sublimação, revelou entre eles uma alta proporção de neuróticos (159).

Atualmente os próprios psicanalistas abandonaram o conceito freudiano da sublimação. Um dos mais eminentes, o dr. Fritz Kunkel, é de parecer que devemos substituir a teoria da sublimação por uma melhor compreensão do que seria a evolução. Em vez de dizer que a primitiva força sexual ou libido pode sublimar-se em realizações culturais, diremos que o amor primitivo deve evolver para um amor mais elevado, tal como uma semente se transforma na árvore. Assim como não se diz que a bolota é "sublimada" num carvalho, nem que a criança se "sublima" num homem, tampouco se dirá que a energia sexual se sublima em atividades de outra natureza.

O "inconsciente" de Freud, concebido como uma esfera obscura donde promana a libido, foi substituído pela concepção de Jung, do "inconsciente coletivo", que se compreende geralmente como a memória da raça humana. Estamos começando a distinguir, observa Kunkel, entre o inconsciente coletivo do passado (que é a memória da raça) e o inconsciente criador do futuro, o poder que nos chama à existência e controla nossa evolução. Como o adulto está latente na criança e a planta na

semente, assim o homem espiritual está latente no homem carnal. Ele termina essas considerações dizendo que "a nova Psicologia Religiosa está desenvolvendo-se devido ao estímulo provocador exercido pelo grande pagão Freud" (160).

Como já temos salientado, a relação sexual se processa ao mesmo tempo no terreno físico e no psíquico. As pessoas enamoradas estão de tal modo empolgadas pelo aspecto afetivo da união sexual, que não vêem o seu elemento prosaico ou animal. Por outro lado, em alguns casais, a relação toma o aspecto de mera rotina e é executada como uma função fisiológica, o que realmente representa uma diminuição do valor que deve ter, como expressão afetiva e pessoal.

Na espécie humana, a função sexual meramente biológica é transportada para o campo afetivo, onde se transforma em expressão de amor pessoal, coisa que o animal desconhece. O escopo da educação sexual é então o de sublimar a sexualidade, não no sentido de suprimir a sua expressão física, mas procurando dar ênfase ao seu aspecto psíquico.

Ao passo que, para os amantes que dele participam, o ato sexual representa normalmente o paroxismo do gozo e da felicidade, a um observador eventual esse ato aparece como uma manifestação impudica ou animal; é que o observador só pode contemplar o ato exterior em seu aspecto físico e grotesco, escapando-lhe a vibração psíquica e afetiva, que não lhe é dado sentir. Por essa razão julgo que é inconveniente a figuração do amplexo nas expressões da arte, no teatro, no cinema, na literatura, e também nos devaneios da imaginação. Tais representações só conseguem revelar o lado animal e grosseiro do sexo, deixando de lado o elemento pessoal e psíquico, que não pode ser comunicado ao espectador; este, na realidade, não participa do ato no seu íntimo, mas apenas se impressiona com o aspecto de sua manifestação animal.

Estas considerações, evidentemente, aplicam-se à representação do ato sexual, não à exposição do nu artístico.

Disciplina da castidade — Ao rapaz que pretende orientar a sua vida no sentido da castidade, oferecem-se algumas prescrições que o auxiliarão em seu esforço. Elas são de natureza psíquica, religiosa e física, seqüência em que as apresenta Weatherhead. Alguns desses conselhos se aplicam particularmente a certos aspectos do problema sexual, mas, de um modo geral, todos eles visam à disciplina da vida continente.

I. **Fatores psicológicos** — Começando com os fatores psicológicos, convém termos em mente que cada um de nós é dotado com o impulso reprodutor, que assegura a propagação da vida, cumprindo assim um desígnio do Criador. Não procure o fapaz fugir ao instinto sexual como se fosse algo impuro. O fato de sentir desejo erótico é tão natural como o de sentir fome ou sêde, e nada contém em si de desairoso ou pecaminoso.

Se o indivíduo sofre certo desequilíbrio em sua vida sexual, procure analisar qual foi a história de seu desenvolvimento neste terreno. Possìvelmente a educação o habituou a considerar o sexo como coisa impura, que se encobria e rodeava de secretismo ou se reprimia violentamente, e assim o crescimento de sua natureza erótica foi retardado, ou desviou-se numa direção falsa. Para alguns, a masturbação é uma espécie de compensação à natural incapacidade para exprimir-se normalmente na vida de relação com seus semelhantes. Por esta razão ela é mais comum entre os tímidos do que entre os ousados.

Quando o rapaz sentir o embate do desejo erótico, não procure fugir-lhe medrosamente, antes meça-o com espírito varonil, alegrando-se em possuir no corpo essa força e mantê-la em sujeição, reservando-a para aplicá-la ulteriormente na vida conjugal.

Aquele que aspira manter seu erotismo dentro de determinados limites, deve submeter a certa disciplina a sua mente. A conduta externa será o resultado das cogitações do espírito. Para que este mantenha seu império sobre o impulso genésico, é mister que todas as faculdades da alma se submetam ao propósito estabelecido.

Seria errado enfrentar o desejo erótico com uma mera negativa, opondo-lhe a força da vontade. A imaginação açula o desejo com a representação de quadros libidinosos e, como afirmou Coué, no conflito entre a imaginação e a vontade, esta é geralmente vencida. É preciso, pois, substituir as imagens de natureza sexual por outras diferentes, e isto se consegue praticando atos que atraiam o interesse para outros objetivos. A fim de distrair a atenção, procure-se conversar com alguém, ler uma página interessante ou ocupar-se nalguma atividade.

A ociosidade, a desocupação mental, é uma condição perigosa. É nesses momentos, quando se soltam as rédeas à fantasia, que a imaginação muitas vezes é levada a desenvolver idéias lascivas. É importante não dar guarida aos pensamentos sexuais porque a intensa cogitação de tais assuntos produz um afluxo de sangue nos órgãos genitais, com sua conseqüente excitação. Esta, por sua vez, atua sobre o cérebro, tornando mais viva a representação erótica.

Se os pensamentos influem grandemente na conduta sexual, convém zelar de um aspecto da vida mental constituído pelo humorismo. Infelizmente a inquietação sexual que agita muitos indivíduos manifesta-se na tendência a gracejar constantemente em torno de idéias sensuais. O mal é que, mercê do chiste, os ditos picantes se gravam vivamente no espírito dos ouvintes, onde continuam a exercer sua força de sugestão desmoralizadora. O jovem que preza sua integridade moral deve afastar-se da companhia desses semeadores de vileza. Se bem que não devamos cultivar um exagerado pudor que evita qualquer referência à sexualidade, é mister reconhecer que os

contadores de casos torpes criam em torno do sexo associações de idéias vis, que falseiam a vida mental.

O que dissemos das pilhérias picantes se aplica, com mais razão ainda, às ilustrações pornográficas. Por intermédio dos olhos as ilustrações torpes se gravam profundamente e, guardadas na mente, ressurgem a qualquer tempo como solicitações más. Um rapaz brioso nunca quererá contemplar essas ilustrações licenciosas. Longe de tais deturpações, aprenda o jovem a considerar com admiração o corpo feminino, uma das mais belas criaturas de Deus. Saiba deleitar-se na contemplação das telas artísticas e na estatuária, onde os grandes gênios reproduzem a beleza da mulher. E mesmo — por que não? — aprenda a fitar com olhos não lascivos as formas nuas, a graça e a agilidade das figuras femininas ao sol das praias, nas margens da piscina de natação ou sobre a relva dos exercícios desportivos.

Infelizmente não é essa atitude sadia e honesta a que se observa atualmente, quando rapazes se extasiam diante das "flores do asfalto" com olhares atrevidos, procurando cìnicamente fartar a vista nas formas do corpo feminino que as roupas mal dissimulam. Esse comportamento indecente é bem uma amostra do rebaixamento moral a que chegou nossa época, fazendo tábua rasa do decoro e do respeito devido à mulher.

A reação contra tal aviltamento das relações humanas não deve atuar por meio da segregação, apartando desde a escola rapazes e moças, coisa aliás impraticável na vida moderna, onde a mulher ombreia com o homem em todas as atividades. O corretivo a essa atmosfera de lascívia se encontrará na educação moral, que visa cultivar a atração dos sexos num terreno de nobre respeito e admiração recíproca.

O convívio com o outro sexo, num espírito de natural camaradagem, é importante fator para o afastamento de preocupações eróticas. A sociedade das moças pro-

porciona aos rapazes uma atmosfera mais pura, os laços de coleguismo não permitem a associação de idéias obscenas com relação às pessoas do outro sexo. Desaparece um tal ou qual mistério ou constrangimento que o homem experimenta diante da mulher, quando se habituou a viver só em rodas masculinas. A co-educação dos sexos, com beneficiar os rapazes, não prejudica as meninas, segundo a abalisada opinião do dr. A. Austregésilo, que assim se exprime: "Nos liceus e nas escolas de ensino superior isto se testemunha diàriamente, de modo que vemos os rapazes se tornarem menos obscenos e libidinosos nos seus pensares, e as moças fazem-se mais respeitadas e tornam-se mais independentes. Nos institutos de ensino suíços, americanos, alemães, franceses e especialmente russos, verificam-se progressivamente as vantagens da convivência das moças e dos rapazes" (161).

Convém, entretanto, acautelar-se para que a camaradagem se mantenha num terreno igualitário de amizade coletiva, e não degenere em namoro, extremando-se em prematuras preferências individuais.

Com o ideal cristão de uma sexualidade equilibrada e disciplinada, não se coadunam as liberdades modernas entre moças e rapazes, nos piqueniques, nas praias e até nas casas de família onde se praticam carícias, contactos sensuais, beijos e abraços. Os jovens que assim procedem, pretendem colher rosas pelo caminho da vida, mas na realidade juncam-nos com espinhos que lhes ferirão os pés, aumentando neles a inquietação sexual e provocando a desarmonia íntima. As carícias são próprias do convívio conjugal, pois excitam desejos que normalmente são satisfeitos pelo amplexo.

E que se dirá da moderna maneira de dançar, praticada por certos indivíduos, com os rostos encostados, os corpos aderidos, buscando-se deliberadamente fomentar excitação sexual? Isto não é dança, mas sim provocação proposital do erotismo. A verdadeira dança é o prazer de executar movimentos rítmicos e harmônicos, guiados pela música, é o agradável e legítimo convívio dos sexos, impelidos pela natural e nobre atração que rapazes e moças sentem uns pelos outros. O que passa disto não é dança, é outra coisa: é um pretexto para a pressão dos corpos com fito libidinoso, coisa que também se pratica nas platéias de cinema, nos ônibus e em outros lugares de aglomeração.

O propósito de conservar a mente liberta de preocupações sexuais encontra um aliado na prática do banho em comum, nas piscinas, nos rios e no mar. "As vantagens do banho em comum são enormes, pelo espírito de convívio , de liberdade, de camaradagem e da ação concomitante do desporto", diz ainda o dr. Austregésilo (162). Entre nós está aceita pelo uso a seminudez, apresentando-se moças e rapazes com um tecido de malha a cobrir mínima parte do corpo. Isto, que pareceria um excitante à sensualidade, tem o efeito contrário, de acalmar o erotismo, quando encarado com espírito honesto. Reconhece-se que a preocupação exagerada de ocultar e fazer mistério de tudo que se relaciona ao sexo tem como resultado aguçar a curiosidade e excitar a sensualidade, ao passo que a contemplação franca do corpo a tranqüiliza. Parece-nos que não há conveniência, pelo menos na época atual, de ir além deste seminudismo. Praticado por toda parte, ele será suficiente para desfazer o caráter mórbido do pudor convencional. Não vemos necessidade de colônias de nudistas, centros de esporte onde todos os membros das famílias se apresentam completamente despidos.

Se é relativamente fácil encontrar a linha de conduta recomendável no convívio social entre os sexos, tratando-se de literatura é bem mais difícil afastar-se daquilo que é prejudicial e que se encontra de permeio a páginas magistrais. Sem dúvida, não pretendemos que a virtude se mantenha pela ignorância do mal, porém o contacto com certos aspectos da vida, pintados pelas obras realistas, exerce uma influência deletéria, devido à sugestão, particularmente entre os jovens. Uma coisa é saber que

existem indivíduos dominados pela sensualidade, satisfazendo suas paixões sem qualquer consideração pelos deveres de lealdade, de solidariedade humana, de respeito pela família, de dignidade para com sua própria condição de homem, outra coisa é familiarizar-se com as falhas morais através de cenas descritas ao vivo, nas quais se compraz a literatura realista. Será talvez legítimo que o escritor pinte a realidade tal qual é, para dar uma impressão completa e verdadeira da vida ao adulto, que possui espírito amadurecido e caráter invulnerável. Mesmo aí, lamentamos o excessivo prazer revelado por certos escritores de talento, ao sapatear sobre imundícias; parece que se deleitam em cuspir na face da sociedade considerada "honesta". Porém tais páginas têm inevitàvelmente um efeito prejudicial sobre os espíritos em formação, a mente sugestionável da mocidade, que fica por elas fascinada. A disciplina da sexualidade, visando a uma vida digna, aconselha que o espírito fique liberto da obsessão de idéias sensuais. Não é, pois, aconselhável à juventude ler a descrição de cenas que apresentam cruamente as manifestações do erotismo. Parece-nos uma grave incompreensão do problema, o deixar (como fazem famílias honestas) nas mãos de rapazelhos e moçoilas essa literatura realista que não tem pejo em estampar todas as torpezas da sociedade.

As boas leituras oferecem um poderoso estímulo para uma conduta nobre, quer apresentando biografias de caracteres de escol, que realizaram grandes coisas, quer distraindo o espírito das preocupações mesquinhas e do trabalho rotineiro. As obras de ficção que empolgam o leitor com a pintura de um realismo são e apresentam a vida como algo interessante e rico, na diversidade dos tipos humanos, despertam o desejo de viver belamente.

Tudo quanto dissemos com respeito à pintura da vida na literatura, aplica-se igualmente à cinematografia. Essa magnífica realização do século XX torna-se, segundo a maneira como for aplicada, um instrumento potentíssimo para o aviltamento do caráter ou para a elevação moral. É mister muita ponderação e critério na classificação e escolha das fitas, quer por parte da censura pública, quer pelos próprios particulares.

II. **Fatores morais e religiosos** — Passando a considerar os fatores de natureza religiosa, no problema da castidade, devemos lembrar que os grandes santos têm sido assaltados por fortíssimas tentações sexuais, segundo relata a História. São Jerônimo conta que, embora vivendo no deserto, entre animais bravios e escorpiões, ele se imaginava transportado aos prazeres de Roma e via o seu selvagem eremitério povoado de um bando de raparigas. "Meu rosto estava pálido e meu corpo gelado pelo jejum", escreveu ele, "entretanto meu espírito ardia com as chamas do desejo e o fogo da luxúria me queimava a carne" (163). É que antigamente se pensava poder reprimir o erotismo a força de jejuns e orações, ignorando os importantes fatores de natureza psicológica. Sabe-se hodiernamente que o sentimento religioso se encontra ìntimamente relacionado com o impulso sexual, de modo que um indivíduo dotado de sexualidade vigorosa tem potencialmente o estofo para desenvolver uma forte personalidade religiosa. Não se angustie, pois, o jovem se é assaltado por intensa solicitação erótica, mas trate de orientar o impulso sexual, de modo a conseguir uma personalidade equilibrada e rica.

Encarando o problema do ponto de vista religioso, temos necessidade de repetir aqui o conceito que formamos acerca da masturbação. Consideramos este ato uma conseqüência, freqüentemente inevitável, da repressão sexual. O jovem não há de considerá-lo como uma falta da máxima gravidade ou um pecado, pelo qual deva penitenciar-se amargamente. Faça em sua mente a separação entre o onanismo e um anormal sentimento de culpa, herança de gerações passadas, agravada pela educação. Há centenas de anos domina a mente humana uma concepção, segundo a qual é impuro o sexo e todas as idéias

e sentimentos que se lhe relacionam. Não permitia o jovem que esta concepção errônea venha agravar o instintivo sentimento de culpa.

Varra de seu espírito a idéia de que, buscando a santificação, é preciso travar uma grande batalha contra a sensualidade, mas antes considere a vida como um campo aberto às nobres realizações e dirija para elas o seu interesse.

É importantíssima a atitude que alguém toma na oração, com referência às dificuldades sexuais. A oração não é um condão de fada para fazer surgir um **deus ex machina**, a afugentar o demônio do erotismo. Ela não é um instrumento capaz de nos libertar màgicamente da tentação sexual, se pretendermos continuar entregues a nossos interesses pequeninos e maus. A oração é o meio de abrir a alma toda à irradiação da luz divina, de iluminar e santificar **toda** a existência, não apenas o domínio sexual. Pela oração o fiel procura substituir sua vontade anárquica, mesquinha e egoísta, pelos propósitos de harmonia e bondade do Pai celestial, com relação a todos os membros da família humana.

Nos exercícios devocionais, nunca se deve fazer referência, direta ou indireta, a irregularidades sexuais. Não convém associar mentalmente com a oração o ato indesejável; isto viria enraizar mais fundamente no espírito a sugestão erótica e aumentar-lhe a força de sedução. Pela mesma razão não se deve, na oração, mencionar uma tentação sexual por meio de uma designação vaga, por exemplo, suplicando o auxílio divino nestes termos: "Livra-me daquele mau hábito!" ou "Afasta de mim aquele ato indigno!". Ao contrário, a atitude recomendável e benfazeja é a de quem dá graças pelos multiformes favores recebidos da Providência e pelo propósito de levar uma vida harmônica e bela, inspirada por altos objetivos.

III. **Fatores físicos** — As duas séries de fatores já estudados, psíquicos e religiosos, completam-se recìpro-

camente. Eles agem sobre as molas profundas da personalidade e seu valor é muito maior que o dos elementos de ordem puramente física ou fisiológica. Estes, entretanto, podem influir favoràvelmente para a prática da castidade. Eis alguns conselhos de Higiene que têm importância especial devido à sua influência no campo sexual:

O jovem continente cuidará de sua alimentação. Evitará de comer carne em demasia. Hodiernamente se reconhece um grande valor alimentar nos legumes e frutas. Os condimentos, principalmente o excesso de pimenta, são muito desaconselháveis, por serem excitantes do aparelho genital. Mais inconveniente ainda que a carne dos mamíferos é a dos peixes, pela sua maior riqueza em fósforo. O rapaz que fizer uso **freqüente** de peixe na sua alimentação, sofrerá mais intensa solicitação sexual.

As bebidas alcoólicas têm reconhecida ação excitante sobre o sistema sexual. O álcool tem uma dupla influência prejudicial para aqueles que aspiram a uma conduta digna: a bebida intensifica o desejo erótico e diminui a força de domínio próprio. É da experiência comum que muitos desatinos são praticados naquela alacridade artificialmente provocada pelo álcool. O jovem continente evitará o uso freqüente do álcool, principalmente o hábito de tomar diàriamente licores ou bebidas fortes.

O café e o fumo, como excitantes do sistema nervoso, só podem ser usados com moderação. Com relação ao fumo, há toda a vantagem em não adquirir o hábito dele nos verdes anos da adolescência, e melhor ainda será abster-se por toda a vida, evitando a ação prejudicial desse tóxico sobre o organismo em geral.

A prisão de ventre crônica é uma condição desfavorável. A matéria acumulada nos intestinos provoca fermentações, exerce pressão sobre as vesículas seminais, causa um afluxo sanguíneo a toda a região e tudo isto

concorre para a maior excitabilidade do aparelho genital. Evitar-se-ão estes males, habituando o reto a evacuar diàriamente, de preferência pela manhã. Para normalizar esta função recomenda-se o hábito de tomar um copo d'água em jejum, e o uso de frutas.

As atividades desportivas são de grande valor para a saúde em geral. Todo adolescente, e mesmo quem já tiver passado essa idade, deve cultivar as atividades físicas, como o remo, a natação, jogos de bola, tenis, peteca, excursões a pé. Reconhece-se que o exercício físico serve de derivativo às solicitações do erotismo, descansa a mente das preocupações sexuais. Seu valor entretanto é mais psicológico do que físico. Seria erro supor que, quanto mais se gastaram as forças em exercícios físicos, tanto mais se enfraquecerá o impulso erótico. O valor dos desportos, como auxiliar do jovem que procura manter o instinto sexual dentro de certas normas, decorre principalmente do **interesse** despertado pela atividade física. O torneio atlético que prende pelo seu interesse ajuda muitíssimo como derivativo emocional, atenua a tensão nervosa decorrente das forças do erotismo. O fato de apenas fatigar o corpo, sem prender o interesse e atrair as energias psíquicas para a atividade desportiva, longe de diminuir a premência do sexo, só serve para tornar o problema mais difícil. A atividade física extenuante é prejudicial, não só porque esgota as reservas neuromusculares necessárias ao organismo como também porque um indivíduo esfalfado tem as energias diminuídas para enfrentar as solicitações do sexo.

O jovem cuidará de ter uma vida metódica com relação ao dormir, recolhendo-se cedo e reservando a noite para o sono. É mais proveitoso dormir durante as primeiras horas da noite do que deitar-se tarde e prolongar o sono pela manhã afora. Ninguém deve abafar-se excessivamente para dormir; basta que a pessoa esteja suficientemente coberta, de modo a evitar resfriados. É preferível deitar-se em posição lateral, pois em decúbito dorsal a bexiga exerce pressão sobre os nervos da parte inferior da bacia, irritando-os e provocando ereções do pênis. Por esse mesmo motivo se aconselha ter a bexiga e os intestinos descarregados antes de deitar-se.

Levante-se logo após despertar. Saltando do leito, pratique uns dez minutos de ginástica como, por exemplo, é recomendado no "Meu Sistema", de Müller. Após essa atividade física, faça seguir o banho frio, tão recomendável em nosso clima. A água fria revigora o organismo e predispõe para o trabalho enobrecedor.

Sursum Corda!

Chegados ao termo de nossas considerações, queremos dizer uma palavra final ao jovem leitor que nos acompanhou até aqui.

Que fará o jovem de sua energia sexual?

Em primeiro lugar alegrar-se-á de possuir essa força máscula que o faz homem, essa energia que é um título de nobreza e nunca um motivo de humilhação ou de ansiedade. Terá prazer ao sentir dentro de si os embates da virilidade que lhe permite vibrar em uníssono com a natureza, criada por Deus para transmitir e desenvolver a vida. Terá gozo na contemplação e no convívio do sexo feminino, que é o complemento de sua própria pessoa e que um dia lhe permitirá a união completa de dois seres que se realizam um no outro, pelo afeto e pela satisfação dos mais profundos anelos humanos.

O moço não se impressionará com os pequenos dissabores que decorrem de sua presente condição, por estar sua virilidade como que agrilhoada, restringida provisòriamente pelas limitações que lhe impõe a ética social e cristã. Reconhecerá que este é o preço a pagar pelas normas familiares da civilização a que o homem atingiu, elevando-se acima do mundo animal.

O jovem terá os olhos fitos no futuro, quando lhe será possível organizar o seu lar, no qual desabrochará

toda a pujança de sua aspiração varonil. Que lhe importam os espinhos da estrada que, ele o sabe, o conduzirá a um destino luminoso, no qual lhe acenam as satisfações de uma vida nobre e digna, inspirada pelas afeições verdadeiras e pelas realizações de uma existência proveitosa a seus semelhantes e à Pátria?

O jovem tem em suas mãos a vida que Deus lhe confiou, para empregá-la na realização da justiça e da solidariedade humana, orientadas por um ideal religioso. O próprio progresso científico, técnico e econômico de uma nação será falho e sem solidez, se não for baseado no caráter moral de seus filhos, e este, por sua vez, se esboroa se não tiver por fundamento uma fé religiosa.

O sentimento religioso está ìntimamente relacionado com o impulso sexual. Essas duas forças, devidamente orientadas e esclarecidas, se completam mùtuamente para a mais alta realização da personalidade humana.

III PARTE

PASSADO E ATUALIDADE

ESTUDO DAS RELAÇÕES SEXUAIS NO TERRENO BÍBLICO E NA ÉPOCA ATUAL

Retrospecto da conduta sexual do homem — Nas sociedades primitivas as relações humanas, inclusive a sexualidade, eram reguladas pelos tabus ou convenções sociais inivoláveis, que consagravam as normas de viver julgadas boas pelos antepassados. O estabelecimento de tabus sexuais contra o incesto, por exemplo, era provàvelmente o resultado de experiências desastrosas da consagüinidade.

Mais tarde, entre os povos civilizados, a constituição da família sob o pátrio poder imporia restrições à liberdade sexual. Essas restrições visavam principalmente proteger a mulher das vicissitudes a que ficaria exposta, se entregue ùnicamente ao capricho dos homens, que procurariam mais a satisfação de seus impulsos do que zelarem duradouramente da mulher e dos filhos. O pai e os irmãos chamaram a si a responsabilidade da defesa das mulheres de cada família. A eles competia darem-nas em casamento a estranhos. Entre os povos da antiguidade (assim como em outras culturas atualmente) a poligamia e o concubinato não eram condenados — a mulher era considerada propriedade para gozo do homem.

Sob a influência do cristianismo, estabeleceram-se restrições morais à livre prática das relações sexuais. Surgiu o ideal do casamento monogâmico indissolúvel e da abstenção sexual por parte dos homens solteiros; a

donzela, desde anteriormente, era conservada virgem para ser entregue ao futuro marido.

O ideal da disciplina sexual, contrário à livre satisfação dos desejos, ideal imposto atualmente por normas de conduta, se choca profundamente com o impulso sexual da natureza animal, muito mais primitivo. O homem atual está longe de harmonizar o conflito entre as duas tendências, a norma social e o impulso sexual.

Como resultdo deste conflito, surgem subprodutos inconvenientes. É a libertinagem, praticada geralmente pelos solteiros e alguns casados (também as mulheres ùltimamente estão igualando-se aos homens neste terreno), libertinagem secreta, que as famílias fingem ignorar. Serve de alimento à libertinagem a prostituição organizada e a sedução de moças solteiras, principalmente das classes mais modestas. Quando não se satisfaz na devassidão, o impulso sexual procura desafogo na masturbação. Entretanto, em alguns indivíduos toda a atividade sexual se reduz a emissões noturnas. Isto se observa, nos Estados Unidos, em apenas 5% dos homens adultos. Desta investigação, que representa um estudo biológico da sexualidade e neste ponto pode aplicar-se a todos os povos, conclui-se que 95% dos homens que não costumam ter poluções noturnas, quando não tenham relações conjugais, praticam alguma outra atividade sexual, qualquer que ela seja: libertinagem ou masturbação. De modo que bem poucos são os homens que se conservam continentes, a saber, 5% dos adultos. Isto nos revela o segundo subproduto do conflito entre a sexualidade irreprimível e a moral tradicional — é a hipocrisia do moralismo formalista e convencional de outrora, que pretendia ignorar a verdadeira situação da vida íntima em nossa sociedade e fingia acreditar na castidade masculina.

O sexo no Velho Testamento — A poligamia era aceita no Velho Testamento; portanto não eram consideradas imorais as relações de um homem com várias mulheres, como as tiveram, por exemplo, os patriarcas Abraão e Jacó. Não havia problema em amar diversas mulheres, desde que o homem o fizesse com aquelas que lhe "pertenciam". Além disto havia a instituição do concubinato. O rei Davi, autor de piedosos salmos, tinha diversas mulheres e concubinas (I Sam. 25:43; II Sam. 3:2). Ninguém o censurou por isso, mas foi condenado pelo profeta Natã por haver tomado a mulher de Urias. O que o 7.º mandamento condena é a violação da fidelidade conjugal, isto é, um homem tomar a esposa que pertence a outro. O Velho Testamento não considera "adultério" a relação de um homem, mesmo casado, com mulher independente, diz o Dicionário Bíblico de A. Richardson (verbete "Adultery").

O 7.º mandamento: "Não adulterarás!" (bem como: "Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem seu boi, nem seu jumento") significava sòmente: Não defraudarás a "propriedade" de outro marido (Lev. 20:10). Não significava a condenação moral e religiosa da pluralidade de amores.

A poligamia é atualmente inaceitável por contrariar nosso conceito da personalidade feminina, que não deve ser um joguete para o homem. É uma instituição impraticável para a maioria, em vista de haver no mundo um número quase igual de homens e de mulheres (a superioridade numérica de mulheres é insignificante). Além disto, a poligamia é incompatível com o ideal evangélico do amor monogâmico, que liga indissolùvelmente duas criaturas apenas.

O sexo no ensino de Cristo — É notável como no Evangelho são escassos os ensinamentos relativos ao sexo. Jesus pouco fala acerca da castidade. A concepção de Cristo a respeito da relação entre homem e mulher decorre principalmente de seu ensino referente ao divórcio.

Preliminarmnte cabe aqui uma explicação dos textos paralelos. Há uma inegável contradição entre as pala-

vras registradas no Evangelho de São Mateus (5:31,32 e 19:9), em que se reconhece o direito de repudiar a mulher "por causa de infidelidade" e, por outro lado, os textos de São Marcos (10:11,12) e de São Lucas (16:18), nos quais não se menciona a cláusula de infidelidade como justificativa de divórcio. Se nos basearmos em São Mateus, Jesus permitiu o divórcio, com liberdade de tornar a casar-se, no caso de o outro cônjuge haver cometido adultério. Segundo os dois outros sinópticos, entretanto, não se reconhece o direito ao divórcio e novo casamento, mesmo no caso de infidelidade ocorrida no matrimônio. Comentadores abalisados consideram que a cláusula restritiva de São Mateus ("por causa de infidelidade") não faz parte do primitivo ensino de Jesus, devendo ser considerada como um acréscimo posterior. De outra forma, por que não se encontra ela nos textos de São Lucas e São Marcos? A hipótese de que não foi dada por Jesus a permissão de divorciar-se por causa de infidelidade e tornar a casar é confirmada, entre outras circunstâncias, pela exclamação admirada dos discípulos: "Se tal é a condição de um homem para com sua mulher, não convém casar!" Seria difícil explicar sua surpresa, diz o Decano Inge, se Jesus houvesse de fato concedido, em caso de adultério, a possibilidade de repúdio e segundo casamento, com o que os discípulos deviam estar familiarizados, pois era conforme à interpretação rabínica da Lei.

Quando Jesus condena, de modo absoluto, o divórcio e manda que "o que Deus ajuntou, não o separe o homem", ele está encarando o casamento de um ponto de vista ideal, como deve ser, isto é, como a harmonia de dois seres que se amam e juntos educam a prole. Porém, se houve "erro essencial de pessoa", isto é, quando os esposos não se amam e a vida em comum se torna intolerável, já não existe o matrimônio ideal que Jesus tem em vista. Cristo nunca pretendeu legislar acerca das relações humanas, dando preceitos aplicáveis a casos específicos, mas sim inspirar um novo ideal de vida, representado pelo estabelecimento do Reino de Deus entre os homens. Todo o Sermão do Monte ilustra, em figuras concretas, essa nova orientação.

Se assim entendermos as palavras de Cristo sobre o divórcio, não havemos de tomá-las ao pé da letra, dando-lhes o caráter de uma regra absoluta que determina, de modo invariável, a situação dos cônjuges separados, impedindo-os para sempre de casar com outrem. Estudando o ensino dos Evangelhos relativo ao divórcio, diz Inge: "Minha conclusão é que Cristo quis inculcar uma noção da santidade do casamento, mais elevada que aquela que pregavam os rabinos de todas as escolas. Não creio que pretendesse ditar regras severas e estáveis. Se o tivessem posto em verdadeiro aperto para se pronunciar acerca do divórcio, possivelmente teria respondido como em relação a outro mandamento: "O matrimônio foi feito para o homem, e não o homem para o matrimônio". Não diz que Moisés se enganara, ao fazer concessões à dureza do coração humano. Moisés foi um legislador; ele não o era" (164).

Acerca do divórcio, seja-nos permitido citar ainda a opinião de outro moralista. Diz Sockman: "À luz dos ensinos de Jesus acerca do perdão e de ser concedida outra oportunidade, não seria coerente a Igreja Cristã negar, de modo absoluto, o direito ao divórcio e segundo casamento. (...) Isto parece estar de acordo com o espírito de Jesus, pois ele julgava o casamento como todas as demais instituições, pelo princípio de reverência à personalidade, e há situações em que o divórcio é necessário para salvar da ruina um lar" (165).

Outro ensino de Jesus relativo ao sexo se encontra em Mateus 5:27-30, onde se declara que cobiçar uma mulher é o mesmo que adulterar com ela e que, se o olho ou a mão serve de pedra de tropeço, é preferível arrancar ou cortar essa parte que incorrer na condenação moral, figurada como ser o corpo todo lançado na Geena. Note-se que a Geena (o vale do ribeiro Hinon) era o mon-

turo onde se lançava e queimava o lixo de Jerusalém. Era o lugar dos detritos inúteis, não tinha o significado de Inferno segundo o conceito do cristianismo. Outros pecados graves, como a vingança (Mat. 5:38-42), não são ameaçados com o castigo da Geena que, portanto, não representava a sanção universal para todos os pecados.

Na passagem relativa a cobiçar uma mulher, aparece o alto conceito que Jesus tem do amor sexual, que deve ser uma relação afetiva entre duas pessoas, ao passo que a "cobiça" é mera luxúria, é fazer de outra pessoa um "objeto" para a satisfação erótica do indivíduo. Ao condenar o cobiçar uma mulher, Jesus não está dando uma regra de Moral, mas apresentando uma nova compreensão do amor, que é a união completa de dois seres: "Serão os dois uma só carne". A luxúria prejudica moralmente aquele que a alimenta, diminuindo a sua capacidade para o verdadeiro amor, e avilta a mulher que é seu objeto.

A boa compreensão deste texto é de importância porque se tem pretendido deduzir do ensino evangélico uma restrição moral a todo sentimento de atração sexual espontânea e criar um horror àquilo que se denominou "maus pensamentos". O homem que voluntàriamente se submete à autodisciplina coloca-se acima desse temor mórbido. Ele não considera o sexo como uma coisa asquerosa, eivada de pecado, mas vê no impulso sexual o dinamismo para a aproximação do homem e da mulher, no afeto verdadeiro.

É preciso ainda levar em conta, em nosso estudo, o ensino de Jesus sobre a natureza da contaminação moral, que se deve evitar: "Do coração dos homens é que procedem os maus desígnios, as fornicações (...), os adultérios (...), a lascívia; todas estas más coisas procedem de dentro e contaminam o homem" (Marc. 7:21-23). A rigor se poderia inferir desta passagem uma condenação radical de todo sentimento ou ato que atenta contra o caráter inviolável do matrimônio.

Convém observar, entretanto, que nesta ocasião Jesus não está dando uma lição de moral sexual, mas encarando todos os desregramentos humanos: furtos, homicídio, dolo, inveja, soberba... e na lista estão incluídos os desregramentos sexuais. A origem de todos eles está na mente. O Mestre está procurando contrastar a religiosidade formalista das abluções rituais com a religião viva e verdadeira, que está associada à Moral e atenta para os sentimentos mais profundos da pessoa.

É certo que o cristão não pode ter uma conduta desregrada. Agora, podemos indagar qual deva ser uma vida sexual regrada, normal, de acordo com a nossa evolução social e os conhecimentos psíquicos atuais. Sem dúvida é viver desordenadamente, em desacordo com o ideal evangélico, o levar uma vida leviana em todos os sentidos, colhendo à direita e à esquerda as flores do amor. Mais censurável ainda é atentar contra os lares constituídos, provocando a infidelidade conjugal, os enganos, o fingimento, a mentira, dando motivo à amargura e humilhação da parte ofendida.

Mas acaso toda segunda união constituirá um adultério condenável? Vem a propósito observar que algumas missões cristãs na África inclinam-se a aceitar a poligamia para os indígenas, quando esta instituição faz parte dos costumes da tribo e sua supressão imediata viria abalar toda a estrutura cultural daquele povo. A título de ilustração acerca da variedade de tipos que a união sexual pode ter, permita-se-nos referir ainda o que ocorre nos Kibutzim ou colônias agrícolas do moderno Estado de Israel. Ali os rapazes têm alojamento comum e as moças hospedam-se em outro estabelecimento que lhes é reservado. Quando dois jovens resolvem casar-se, requerem um quarto só para eles, onde passam a residir. Se acontece, ao cabo de algum tempo, decidirem separar-se, comunicam o fato à autoridade e volta cada um a morar com os do seu sexo. Se houve filhos, naturalmente o Estado providenciará para a educação deles.

Possìvelmente teremos no futuro outras normas de ética sexual, que sejam diferentes das dos antigos e mais de acordo com novas situações. Toda modificação no **status quo** da vida social pode vir acompanhada de inconvenientes e perigos, que a experiência permitirá remediar.

Desses três ensinos de Jesus, a proibição do divórcio, a condenação de cobiçar uma mulher e os sentimentos que contaminam o homem, a Igreja erigiu o seu código rigorista da conduta sexual, com a condenação absoluta (inclusive a excomunhão) para os que o infringem. A repressão das irregularidades do sexo parece que absorveu todo o campo da Moral, a ponto de se estabelecer, no uso corrente, uma sinonímia entre as expressões "pecado" e "falta sexual".

Um episódio muito sugestivo da vida de Jesus é o referente à mulher adúltera, narrado no capítulo 8.º do Evangelho de São João. Diante dessa mulher a quem os judeus, segundo a lei de Moisés, queriam condenar à morte pelo apedrejamento (note-se que, como expressão do egoísmo masculino, só a mulher estava sendo inculpada, o seu cúmplice não!), Jesus declara: "Aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra". Mas ouvindo esta sentença, os acusadores foram saindo um a um. Jesus concluiu, dizendo à mulher: "Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais", o que significa: Releva-se a tua falta, mas não vivas desordenadamente. O Evangelho é sempre uma mensagem de perdão e oferece a possibilidade de uma nova vida.

Precisamos reconhecer que a concepção do amor conjugal, ensinada por Jesus, encerra uma verdade moral duradoura e permanece como alvo sublime das relações entre o homem e a mulher. Jesus apresentou uma orientação inspiradora para a vida humana em seu conjunto, tanto no seu aspecto familial como no social, sem dar ênfase às considerações relativas ao sexo, nem realçar a pretensa virtude da abstenção. Porém o código moral,

elaborado pelos continuadores do cristianismo, é obra humana e passível de ser reformada. Deram um destaque excessivo à repressão do sexo, com a condenação de todos os impulsos eróticos e prazeres chamados da "carne". Esta, aliás, nas epístolas paulinas, abrange tanto os pecados do corpo, como os da mente, por exemplo o orgulho.

O sexo no ensino da Igreja — Coube a São Paulo transpor, em termos de Teologia e de Moral, a mensagem concreta de Jesus Cristo relativa ao Reino de Deus. Êle o fez, naturalmente ,através de sua mentalidade de israelita do século I. As "revelações" por ele recebidas eram inspirações divinas que se incarnavam por intermédio de sua personalidade; esta apresentava suas peculiaridades humanas características e influía nos conceitos elaborados em seu ensino.

O apóstolo Paulo é quem se ocupa demoradamente com a questão sexual, muito mais do que o faz o próprio Cristo. Em numerosas passagens de suas epístolas, São Paulo condena com o máximo rigor as irregularidades sexuais e mesmo, a princípio, apenas tolera com displicência a função sexual no casamento, quando for indispensável (I Cor. 7:2,9).

Vemos para essa atitude várias razões. A prostituição e as orgias dos antigos romanos eram evidentemente nocivas ao caráter moral e tornam compreensível a reação do apóstolo.

Paulo tinha talvez, por temperamento, uma tendência ao ascetismo, fruto quiçá de algum recalque sexual. Ele nunca se casou, embora defendesse com ardor o direito que tinha de fazê-lo, como outros apóstolos.

São Paulo toma uma atitude antes contrária ao casamento em geral, seja por causa dos tempos difíceis para os cristãos, visando poupar aflições aos que constituem família (I Cor. 7:28,32), seja devido à expectativa do fim do mundo, julgado próximo (7:29,31), seja pela ênfase

na proclamação do Evangelho, que absorvia todo o interesse. Ele declara positivamente: "Bom é que o homem não toque mulher" (7:1,7). Entretanto faz uma concessão: "Se não têm continência, casem-se" (v. 9). Em suma, o melhor é não se casar. Nós hoje em dia não subscreveríamos essa opinião quanto à vantagem do celibato.

Nas suas instruções à igreja de Corinto (diz o prof. Henry Leenhardt, da Faculdade de Teologia de Montpellier) Paulo mostra não ter compreendido o valor e o benefício da união conjugal para os esposos, não só do ponto de vista físico, como também do afetivo e espiritual. Mais tarde, quando escreveu a epístola aos Efésios (5:22-33), ele revela uma apreciação muito mais elevada do casamento, chegando a comparar-lhe a união de Cristo com a Igreja.

Em numerosas e severas advertências às igrejas (Col. 3:5; I Tessal. 4:5; Gál. 5:9; Rom. 1:26,27 e 13:13; Efés. 4:19 e 5:5) São Paulo externa profunda repulsa às manifestações do sexo, não só a condenação de costumes licenciosos que são reprováveis, mas a simples menção deles (Efés. 4:29 e 5:3). O caráter condenável dessas relações sexuais, diz H. Leenhardt, parece consistir essencialmente no fato de ser um culto da carne e uma violação da pureza do corpo, e não apenas por se tratar de relações extraconjugais. A gravidade da fornicação resulta da impudicícia que a acompanha, isto é, da busca desordenada dos prazeres sexuais, diz ele (166).

Para São Paulo a virgindade parece ser o estado ideal. A respeito do celibato, ele declara: "Desejo que todos os homens sejam como eu" (I Cor. 7:7). O apóstolo esposa a idéia judia e pagã acerca da impureza ritual do casamento ou da relação sexual, bem como o valor religioso da continência, diz Leenhardt. (A esse respeito veja-se Êxodo 19:15; Levít. 15:18; I Sam. 21:4).

O apóstolo Paulo chega a fazer uma comparação que nos parece estranha. Diz ele: "Os manjares são para o

ventre e o ventre para os manjares. (...) Porém o corpo não é para a fornicação, mas **para o Senhor,** e o Senhor para o corpo" (I Cor. 6:13). Sem dúvida aceitamos que o corpo não é para a devassidão. Mas a nós, homens do século XX, parece descabida esta oposição radical entre o fator sexual e a vida consagrada a Cristo. Alguns pretendem justificar a expressão paulina explicando que, quando o apóstolo diz "o corpo é para o Senhor" ele parte do conceito que a personalidade inteira, inclusive o elemento amoroso ou sexual, está consagrada ao Senhor, para realizar a vida plena que Deus oferece ao homem. Porém mais adiante São Paulo ainda insiste na mesma idéia, apontando um antagonismo entre o amor conjugal e o amor a Cristo, quando diz: "O que é solteiro cuida das coisas do Senhor, de como agrade ao Senhor; mas aquele que está casado cuida das coisas do mundo, de como agrade a sua mulher, e anda dividido. Também a mulher que não está casada, e a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, tanto no corpo como no espírito; a casada, porém, cuida das coisas do mundo, de como agrade a seu marido" (8:32-34). Nós formularíamos diferentemente aquela antinomia entre a prostituição e a santidade, dizendo: "O corpo não é para a fornicação, mas **para o amor,** e o amor para o corpo", embora reconheçamos que a pessoa humana, com todas as suas faculdades e inclinações, está sob o domínio do Senhor.

Faremos justiça à posição assumida por São Paulo e compreenderemos melhor a sua atitude com relação ao sexo, se nos colocarmos no seu ponto de vista escatológico: Ele via a era atual no seu aspecto provisório, devendo ser muito pròximamente substituída pelo novo "aeon", isto é, a volta de Cristo ao mundo e a implantação do seu Reino. Neste estado definitivo para a humanidade não haveria mais casamento nem morte, pois os corpos dos salvos seriam transformados e glorificados, adaptando-se à nova dispensação da vida eterna. Impressionado por essa iminente vitória do espírito sobre a carne e o pecado,

São Paulo anelava ardentemente por essa união com o Senhor glorificado; tudo mais perdia importância diante dessa perspectiva sublime.

Por outro lado, nossa concepção do sexo se justifica, atendendo-se a que ainda não se realizou a instauração do Reino, nem sabemos quando isso se dará, com a vitória de Deus e a destruição do Mal. Temos que viver aqui e agora, nas condições em que o Criador nos colocou, utilizando todas as faculdades que o Senhor nos concede para a realização da vida terrestre de acordo com a sua vontade, enquanto a Providência assim determinar.

Desde os seus primórdios, a Igreja tomou uma atitude contrária às manifestações do impulso amoroso. Exagerou-se a gravidade das faltas sexuais, como se constituissem os mais feios pecados. Como prevenção contra um mal ameaçador, a Igreja encareceu desmedidamente o seu alcance, a sua importância no terreno moral, no dizer do pastor Ch. Durand-Pallot. Nos primeiros séculos, a Igreja enalteceu indevidamente a virtude da abstenção sexual e o valor da virgindade, considerada como virtude em si mesma.

O ensino de Jesus, entretanto, é muito mais severo com relação à hipocrisia, à avarícia, à incredulidade, ao egoísmo, do que em relação a faltas sexuais. Realmente os assuntos referentes ao sexo ocupam uma parte pequena do ensino do Mestre. Um moralista antiquado e carrança chegou a recomendar que os esposos usem, para dormir, camisolas compridas, feitas de fazenda grossa, tendo apenas uma fresta na frente, a fim de evitar ao máximo o contacto dos corpos, isto é, a concupiscência. O Evangelho de Jesus não tinha essas preocupações. Reconhece singelamente a necessidade das relações sexuais. Diante da exclamação de seus discípulos: "Então não convém casar!" Jesus respondeu: "Nem todos podem aceitar este conceito, mas sòmente aqueles a quem é dado" (Mat. 19:11).

O sexo na época atual — Nossa época se caracteriza por crise em todas as relações humanas. Procura-se a possibilidade de transformação no terreno econômico e nos sistemas políticos, nas relações sociais e na família. O sexo é um dos pontos nevrálgicos dessa crise. Há necessidade de alteração nos conceitos da moral tradicional em todos os terrenos, inclusive no campo sexual. Que orientação deverá tomar a ética do amor, é a grande indagação que nos preocupa.

A crise da moral no terreno sexual decorre de diversos fatores. Em primeiro lugar a derrocada do conceito de família e da autordidade paterna, frutos inelutáveis da mentalidade moderna e das novas normas de educação. Outro fator é a independência econômica da mulher que, na idade da máquina, acarretou a sua autonomia e independência moral da tutela da família. A descoberta e produção em massa de meios anticoncepcionais mais eficientes veio facilitar à mulher uma vida sexual pràticamente livre de conseqüências funestas no campo da natalidade. Finalmente o descrédito sofrido pelos sistemas cristãos tradicionais, nos últimos séculos da nossa civilização, abalou profundamente as normas que regiam o sexo segundo a moral de antanho.

As conseqüências desastrosas da quebra dos padrões morais se espalham em torno de nós. Por um lado são os lares desfeitos pelo divórcio, que entre nós assume o aspecto mais prejudicial de desquite. Pessoalmente julgamos desumano e contrário ao Evangelho denegar a possibilidade de novo casamento, nos casos em que se tornou intolerável a vida em comum do casal anteriormente constituído. Por outro lado, o abandono das normas de austeridade relativas ao sexo, principalmente por parte do elemento feminino, vem acompanhado de distúrbios psíquicos que se pensava evitar. A excitação do sexo, quando não conduz à sua conclusão natural, que é o orgasmo amoroso, é prejudicial e constitui a causa de certas perturbações nervosas.

O amor livre tornou-se atualmente possível para grande número de mulheres independentes que ombreiam com os homens nas diversas profissões, no funcionalismo, no comércio, na indústria. As relações promíscuas são mais de molde a aliviar a premência do desejo no homem (que tem outros objetivos e interesses na vida) do que na mulher, cujo caráter afetivo não se acomoda com a pluralidade de amores. As relações promíscuas não satisfazem a natureza feminina.

A liberdade sexual, praticada em alguns países em grande escala, por elementos de ambos os sexos, deu origem a um novo tipo de problema, criado pelo sentimento de frustração, pela falta de sentido na vida, pela superficialidade das relações humanas.

A época moderna viu surgir uma nova terapêutica sob a forma da Psicanálise. Acreditamos que os vários métodos da Psiquiatria oferecem preciosos elementos para o tratamento de moléstias nervosas, mas esta prática se processa num terreno perigoso, que requer do clínico uma formação moral e uma capacidade extraordinárias. Em geral o psiquiatra que procura sanar os transtornos psíquicos, encarando-os apenas pelo aspecto sexual, não chega ao fundo da questão. O problema do paciente não consiste apenas em alcançar uma satisfação física para seu impulso sexual reprimido, porém, em realizar uma integração afetiva de sua personalidade em outra, pelo amor verdadeiro (que é coisa diferente da promiscuidade sexual) ou, pelo menos, libertar-se dos conflitos íntimos que tenham por origem o sexo, mas isto de acordo com os princípios de sua própria formação moral.

O problema, que não é fácil solucionar dentro dos moldes da atual civilização, se torna muito árduo devido aos dois aspectos que o sexo apresenta. De fato, na sexualidade humana aparece não só o aspecto biológico, representado pela lendária ordem dada a todos os seres vivos, segundo o Gênesis: "Crescei e multiplicai-vos!"; mas se

revela também o aspecto psicológico do impulso sexual, figurado nas palavras proferidas pelo Criador: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea". É preciso, pois, levar em conta a existência dos dois elementos na espécie humana: a sexualidade animal, biológica, que é a tendência a multiplicar-se; e a atração do amor, que se manifesta na procura de uma companheira que seja a "ajudadora idônea". A tragédia da situação está em que, no varão, o impulso biológico de propagar a espécie (de cuja finalidade, aliás, ele não tem consciência) assume papel preponderante e se satisfaz fàcilmente, de qualquer modo; ao passo que, na mulher, prevalece a tendência psicológica e afetiva, a de encontrar o "companheiro idôneo". Entretanto, se manifesta também no homem a necessidade de afeto e compreensão.

No mundo animal a atração biológica é esporádica e periódica; na espécie humana ela é constante. Parece que a natureza teve por objetivo fazer com que o homem se mantenha permanentemente ao lado da mulher, para a proteção da prole. Este impulso sexual que atua de modo constante, que obriga o varão a permanecer ao lado da companheira, é para ele, quando não tem a "ajudadora" que lhe destina o Gênesis, uma causa de insatisfação, perturbação e sofrimento. Em outras palavras, o impulso sexual na espécie humana, diferentemente do mundo animal, influi constante e poderosamente sobre o psiquismo.

Acontece que na civilização ocidental, influenciada até certo ponto pelo cristianismo durante dois milênios, as manifestações do impulso sexual foram rigorosamente restringidas, limitação esta que também se faz sentir no Oriente sob a influência do hinduísmo e do budismo. Esta restrição já se iniciou, evidentemente, na horda selvagem da Pré-história, quando começou a tomar forma a família. Mas, considerando-se apenas a influência da civilização, na fase histórica, pergunta-se: Que significa

uma restrição sexual que se exerceu durante quatro ou cinco mil anos, comparada com o período da vida humana, que se desenvolveu talvez em duzentos ou mais mil anos em que dominou a livre expressão da sexualidade animal? Isto nos faz compreender quão fraca deve ser a capacidade de "disciplina sexual" que o civilizado apresenta em sua pessoa. Sobrepondo-se a outras limitações da tendência amorosa, vigentes em civilizações anteriores, a organização tradicional da família, na era chamada cristã, reconhecia em princípio, como ùnicamente legítima, a relação sexual entre cônjuges. Isto provocava, na sociedade em geral, reações inconvenientes mas inevitáveis, como a prostituição, a masturbação e toda sorte de perversões sexuais.

É inegável que a pressão de um padrão de conduta, imposto ao homem pelas normas sociais desde tempos imemoriais, vem calando na sua personalidade, embora lentamente. Stekel afirma que há no homem uma tendência profunda a alcançar na vida sexual um padrão mais elevado. "Tal evolução do homem", diz ele, "parece ir da poligamia à monogamia, da bissexualidade à monossexualidade, das perversões de vários topos ao indivíduo chamado normal" (167).

Històricamente podemos reconhecer que as normas de conduta sexual vigentes no judeo-cristianismo vão-se afinando, à medida que a religião se espiritualiza. Se volvermos os olhos para o passado, vemos que os patriarcas bíblicos tinham várias mulheres e concubinas. Naquela época a pluralidade de amores não era considerada imoral. O Evangelho já nos coloca num nível moral muito mais elevado.

No mundo islâmico a poligamia, que o Corão permite até o limite de quatro esposas para cada homem (e concubinas sem restrição), está atualmente caindo em desuso. Isto decorre do valor crescente atribuído à mulher no mundo todo, o que não se coaduna com a poligamia

que, no islamismo, reduzia a mulher a uma posição inferior ao homem, subordinada aos desejos deste no confinamento do harém.

Quando consideramos os problemas morais, reconhecemos que alguns atos são ilícitos por sua própria natureza, à luz do princípio cristão do amor ao próximo. Tais são, por exemplo, o roubo, a mentira, a vingança, a exploração do trabalho alheio. Porém o amor sexual atende a um apelo legítimo da natureza. Trata-se de satisfazer uma necessidade de caráter biológico e psicológico. O atendimento irrestrito a esse impulso não seria em si mesmo imoral, se não acarretasse conseqüências que podem ser benéficas ou prejudiciais para seus participantes e para terceiros. Por aí o amor é obrigado a entrar no terreno da Moral. Neste ponto surge o contraste entre o apelo sexual do homem e o da mulher. Como dissemos, no homem este impulso procura principalmente uma satisfação física (sem excluir a outra) e na mulher, em primeiro lugar, uma satisfação afetiva. Este antagonismo na constituição da personalidade, masculina e feminina, é um dos principais óbices à solução do problema do amor.

A promiscuidade sexual, por outro lado, não satisfaz plenamente no homem a necessidade psicológica do verdadeiro amor. Vem a calhar a opinião de um autor alheio aos princípios cristãos, como Stekel. Combatendo a conveniência de um homem ter várias amantes, afirma o referido psiquiatra: Isto não corresponde às exigências éticas do verdadeiro "amor livre". O genuino amor não reconhece outro complemento erótico senão o companheiro amado" (168).

Em meio à confusão ambiente, encontramos um farol para nos orientar acerca do problema sexual. É o ensino de Jesus Cristo concernente ao matrimônio. Fulge de novo no Evangelho aquele conceito lapidar do Gênesis: "Deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá a sua

mulher, e os dois se tornarão uma só carne". E Jesus acrescenta: "Assim já não são dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus ajuntou, não o separe o homem" (Mat. 19:5,6). Este é o ideal do amor para Jesus — marido e mulher unidos, formando como uma só pessoa. Neste ideal incluem-se todos aqueles elementos que os psicólogos estão analisando em suas pesquisas: o impulso biológico da transmissão da vida, a atração psíquica do erotismo que busca satisfazer-se na união com o sexo oposto, o afeto que liga indissolùvelmente duas pessoas, resolvidas a partilharem juntas os gozos e as responsabilidades da vida. Esse é o ideal evangélico do amor carnal que se há de buscar. É o afeto e o propósito de viver juntos o que liga os casados; isto não é a conseqüência de uma cerimônia ou rito, nem de disposições de código, quer o civil, quer o eclesiástico, embora sejam necessários.

Parece que a Igreja não soube apreciar devidamente a profundeza do ensino de Cristo sobre o casamento, mas apenas o reduziu a artigos de código, visando a regular as relações sexuais, de modo formalista. Quantos serão os lares "cristãos" que, mesmo constituídos conforme os cânones eclesiásticos, alcançam a sublimidade do amor segundo o ideal de Jesus, a completa união de corpo e de espírito, a entrega inteira dos cônjuges um ao outro? Bem poucos, a julgar pelos lares desajustados em torno de nós.

Assente este conceito do amor como um ideal a realizar, devemos, por outro lado, evitar uma atitude negativista com relação ao sexo.

Este cuidado se aplica primeiramente à educação de menores. Desde muitos séculos estabeleceu-se uma injustificada associação entre a idéia de sexo e a de vileza ou vergonha. Os educadores devem descartar completamente este preconceito, para não o incutir à nova geração. As manifestações do impulso sexual se produzem

desde a infância e por toda a meninice, atingindo grande intensidade na adolescência. Cumpre ao educador avisado não procurar reprimir com horror tais expressões da sexualidade, que são naturais e legítimas. Isto se aplica, de modo especial, ao problema da masturbação, na infância e na juventude. A Psiquiatria afirma que a repressão rigorosa das manifestações eróticas nos menores causa recalques e inibições prejudiciais, cujas conseqüências nocivas aparecem mais tarde na constituição sexual do adulto.

A psiquiatra Mary Steichen Calderone escreveu: "Algumas pessoas ainda acreditam que a masturbação é grave pecado e um sinal característico de imoralidade. Além disso, segundo creio, a maior parte das pessoas ainda se apegam à idéia de que a masturbação deve ser suprimida, pela força, se necessário. Na realidade a ciência médica afirma que a masturbação não é um "hábito", porém uma das experiências muito normais do crescimento. A maior parte das criancinhas a pratica, talvez mesmo sem pensar nisso ou, nesse particular, sem saber o que estão fazendo. Isto é, até que as repreensões de seus pais lhes façam sentir vergonha ou culpabilidade.

"A maioria dos adolescentes de ambos os sexos, quer se lembrem ou não de jamais se terem masturbado, praticam isso em alguma época, durante o seu desenvolvimento. Novamente repito: em si mesmo, isto absolutamente não é prejudicial. Contudo o sentimento de culpa e temor que, na mente dos pais, está ligado à masturbação, pode ser excessivamente prejudicial aos menores. Como? Porque os pais transmitem às mentes das crianças a noção de que elas realizaram uma ação má. Então o sexo fica associado ao mal e, no espírito da criança, pode nunca vir a associar-se com valores positivos, porém talvez conserve para sempre uma coloração de malefício" (169).

Também na vida dos adultos seria falso adotar uma atitude negativista com relação ao sexo. Infelizmente

neste período já pouco se pode fazer, pois ele reflete as influências recebidas na meninice. Por estranho que pareça, a vida conjugal é muitas vezes prejudicada por inibições inconscientes, frutos da educação recebida. O amplexo, que deve selar a mais íntima união dos cônjuges, realiza-se de maneira pouco satisfatória, para a esposa ou para ambos os participantes, devido a não transcorrer de modo harmonioso e completo. Declara o dr. Théodore Bovet: "A duração média de um ou dois minutos, registrada por alguns investigadores norte-americanos, é demasiado curta (um oriental a consideraria mesmo ridícula); devido a isso as mulheres submetidas a tal regime ficam sempre insatisfeitas" (170). Stekel, por outro lado, atribui a excessivas restrições, impostas ao desenvolvimento do impulso sexual, o fato de muitos homens, na idade adulta, não conseguirem um amplexo normal (171). Parece que o ocidental se sente inibido ao praticar um ato que no seu inconsciente está gravado como mau ou pecaminoso. Prisioneiro de um moralismo rígido, que o persegue sem ele saber, segundo afirma o dr. Bovet, ele é vitima de um remorso inconsciente pelo gozo do amor, que leva a terminar o ato o mais depressa possível (172).

Devemos afastar essas inibições adotando, na educação dos menores e na vida dos adultos, uma nova concepção do sexo, mais de acordo com o objetivo para o qual Deus o criou, isto é, unir profundamente os esposos, enchendo de satisfação e alegria o lar, onde os filhos devem crescer num ambiente feliz. Em algumas civilizações estranhas ao cristianismo, o ato amoroso não está sujeito a uma tão grande restrição moral, como tem estado no Ocidente.

Expressando o alto conceito que tem do amor, diz o dr. Théodore Bovet: "Aquele que "cobiça" uma mulher, rebaixa-a à categoria de um objeto impessoal e, portanto, exclui-se a si mesmo do amor; porém aquele que passa a vida a mortificar sua sexualidade, isola-a do conjunto de seu ser e faz dela um poder demoníaco" (173).

Não havemos de pensar que o impulso sexual, na humanidade do futuro, possa expressar-se sem quaisquer restrições, pois esse impulso afeta profundamente a vida psíquica com toda a sua complexidade e precisa ser orientado de modo a não prejudicar as personalidades envolvidas. Compete, pois, aos psicólogos pesquisarem e esclarecerem quais sejam as condições mais saudáveis para o funcionamento do sexo, e mais favoráveis ao desenvolvimento da personalidade, tanto para o homem quanto para a mulher. A esta se deve reconhecer direitos iguais aos do homem no campo sexual, uma vez que vivemos numa sociedade tecnológica em que as condições de vida se igualaram para ambos os sexos. À religião compete zelar para que esse desenvolvimento da personalidade se processe de acordo com o mais alto padrão espiritual.

Propomos à juventude idealista as medidas que, na atual situação, estão ao nosso alcance: o casamento contraído precocemente e o adiamento da procriação até época conveniente, empregando um método aceitável à consciência. Cumpre aos poderes públicos conceder aos brasileiros uma terceira medida necessária — a anulação do vínculo conjugal quando o exigir um matrimônio malogrado, a fim de oferecer nova oportunidade para se alcançar a felicidade conjugal. Enquanto tal medida não for incorporada à nossa legislação, só resta às pessoas desquitadas contrairem segundas núpcias "no Uruguai", ou usarem de outro subterfúgio semelhante.

O sexo representa, no reino animal, uma necessidade biológica premente, que se manifesta também na espécie humana, como participante da natureza física. Por outro lado, assume no homem uma característica psíquica e moral inelutável. É tarefa urgente de nossa época conciliar esses dois aspectos. De fato, a religião tradicional desconhecia lamentàvelmente a sexualidade como im-

pulso natural fortíssimo. Só o considerava legítimo com a finalidade da procriação. E a sociedade ocidental, sob a influência da doutrina cristã, estabeleceu (malgrado a atitude contrária das Igrejas) uma acomodação que é tècnicamente conhecida como a "dupla moral" — uma para o homem, outra para a mulher. Esta se torna a maior vítima desse critério imoral, injusto e cruel, tanto no terreno familiar como fora dele.

A importância, o valor do sexo como elemento fundamental de uma relação entre pessoas está sendo reconhecido em nossa época, que restitui a essa função humana a dignidade que merece. A relação sexual aproxima pessoas, não apenas corpos; os laços morais que ligam as pessoas restringem a plena liberdade sexual.

Que atitude devem tomar os cristãos em face da revolução sexual que abala nossa sociedade e transforma os conceitos tradicionais da família? Na busca de uma solução para o problema, parecem-nos aconselháveis as seguintes diretrizes:

O ato sexual, em si mesmo, não é nem mau, nem bom, moralmente. A sua natureza, moral ou imoral, depende das condições em que é praticado. Tanto assim que uma viuva que se casa é honrada; a que tem relação ilegítima é desconsiderada, segundo a moral tradicional.

Na espécie humana o sexo, profundamente relacionado com o psiquismo, tem repercussões não só no campo moral, mas também no equilíbrio nervoso. A emoção erótica é uma necessidade para a boa saúde. Entretanto as relações pré-matrimoniais, além de apresentarem sérios inconvenientes, não serviriam para desafogar a premência sexual, por serem demasiado espaçadas. Em nossa maneira de viver, as relações promíscuas não oferecem satisfação adequada para o problema da privação sexual do solteiro.

Entre os rapazes que se submetem à disciplina da castidade, sabemos que 8% encontram o alívio da pressão erótica através de sonhos libidinosos e emissão seminal inconsciente, fenômeno que costuma produzir-se a partir dos dezoito ou vinte anos. Os outros, entre os quais não ocorrem fàcilmente as poluções noturnas, poderão obter o relaxamento da tensão nervosa por meio da manipulação consciente do sexo, em caráter ocasional, de emergência, até que possam estabelecer a relação natural com o outro sexo.

Na espécie humana o impulso sexual se transformou, servindo para exprimir a mais profunda afeição entre homem e mulher. Portanto, não deve ser empregado como simples divertimento ou prazer passageiro, que o desnatura e o reduz a mera luxúria. As carícias promíscuas, os contactos eróticos e a libertinagem rebaixam o sexo a um mero sensualismo e profanam a sua nobreza.

A prostituição é a pior afronta à dignidade humana, pois rebaixa a pessoa da meretriz à condição de objeto, servindo de instrumento para o prazer masculino.

A relação sexual entre duas pessoas que se amam estabelece entre elas um compromisso de fidelidade que não pode ser violado, leviana e unilateralmente. O adultério é uma afronta à pessoa do outro cônjuge ou companheiro; a infidelidade destroi a mútua confiança. Porém o laço conjugal pode ser desfeito pelo divórcio ou separação.

* * *

Antigamente, durante os 1.500 anos da influência do cristianismo na civilização ocidental, os tabus sociais e as condenaçõs eclesiásticas contiveram a explosão do impulso sexual desordenado. Hodiernamente, com o desenvolvimento técnico (que trouxe o automóvel, o cinema,

os prédios de apartamentos, os contraceptivos) juntamente com a liberdade da mulher e o descrédito da ética cristã, não mais funcionam os tabus e as proibições morais. É mister estabelecer uma nova base para a disciplina da conduta: há de ser a dinâmica da responsabilidade individual, desenvolvida de acôrdo com a ética cristã de amor ao próximo e de dignidade da pessoa. Precisamos criar um novo órgão de controle para substituir a noção do tabu que está desaparecendo — é a disciplina pessoal voluntária, fundada na consciência.

CITAÇÕES

1. A. Forel, "A Questão Sexual", pág. 68.
2. *Ibid.*, pág. 71.
3. G. Franceschini, "La Vita Sessuale", pág. 21.
4. *Ibid.*, pág. 32.
5. R. W. Sockman, "Morals of Tomorrow", pág. 140.
6. Pierre Vachet, "A Inquietação Sexual", pág. 169.
7. L. D. Weatherhead, "La Maitrise Sexuelle", pág. 193.
8. *Ibid.*, pág. 194.
9. W. Stekel, "La Impotencia en el Hombre", pág. 483.
10. G. Franceschini, *op. cit.*, pág. 491.
11. Gina Lombroso, "L'âme de la femme", pág. 154.
12. *Ibid.*, págs. 383 e 369.
13. P. de Alcântara, "Um ensaio de moral sexual" (tese apresentada à Faculdade de Medicina de S. Paulo).
14. Decano W. R. Inge, "La ética cristiana y los problemas modernos, pág. 302.
15. Hippolyte Taine, "Les origines de la France contemporaine", vol. II, pág. 7.
16. Walter Lippman, "A preface to morals", pág. 304.
17. Gina Lombroso, *op. cit.*, pág. 392.
18. R. W. Sockman, *op. cit.*, pág. 116.
19. *Ibid.*, pág. 123.
20. J. A. Hadfield, "Psychology and morals", págs. 140 e 141 (*apud*. Sockman, *op. cit.*, pág. 124).
21. R. W. Sockman, *op. cit.*, pág. 123.
22. Epístola aos Romanos, 7:18, 19, 24, 25.
23. Evangelho S. Marcos, 7:21-23.
24. Epístola de Santiago, 1:14, 15.
25. F. W. Foerster, artigo de "Foi et Vie", Paris fevereiro 1931.
26. R. W. Sockman, *op. cit.*, pág. 119.
27. Evangelho S. Mateus, 25:37-40, 45.
28. Decano W. R. Inge, *op. cit.*, pág 303.
29. H. Taine, *op. cit.*, vol. VI, pág. 147.
30. Evangelho S. Marcos, 12:30; S. Mateus, 22:38-40.
31. Evangelho S. Marcos, 7:22; S. Mateus, 5:28.
32. Evangelho S. Lucas, 18:20; S. João, 4:18 e 8:11.
33. Evangelho S. João, 18:22, 23.
34. R. W. Sockman, *op. cit.*, págs. 138-139.
35. A. Forel, *op. cit.*, pág. 324.

36. C. V. Hamilton, "A research in marriage", *apud*. D. Inge, *op. cit.*, pág. 310 — Cf. A. C. Kinsey, "Sexual behaviour in the human male", pág. 552.
37. Havelock Ellis, "Etudes de Psychologie Sexuelle", vol. IX, pág. 22.
38. A. Forel, *op cit.*, págs. 310 e 312.
39. Relatório Copec, vol. IV, pág. 102, *apud* Weatherhead, *op. cit.*, pág. 329.
41. *Ibid.*, pág. 303.
42. *Ibid.*, pág. 271.
43. G. Franceschini, *op. cit.*, pág. 352.
44. *Ibid.*, págs. 354-5.
45. A. Forel, *op. cit.*, pág. 307.
46. Havelock Ellis, *op. cit.*, pág. 37.
47. Walter Rauchenbusch, "The Social Principles of Jesus", pág. 12.
48. Godfrey, "The Science of Sex", pág. 202, *apud*. H. Ellis, *op. cit.*, pág. 201.
49. F. Duperrut, "Le Christianism de l'Avenir", pág. 189.
50. A. Forel, *op. cit.*, pág. 436.
51. Mário A. de Vilhena, "Da Continência e seu Fator Eugênico", pág. 95.
52. A. Austregésilo, "Conduta Sexual", pág. 151.
53. M. A. de Vilhena, *op. cit.*, pág. 75.
54. *Ibid.*, pág. 74.
55. Théodore Bovet, "Le mariage, ce grand mystére", pág. 19.
56. L. D. Weatherhead, *op. cit.*, pág. 60.
57. *Ibid.*, pág. 48.
58. Peter Bertocci, "The Human Venture in Sex, Love and Marriage", pág. 31.
58-bis Richard F. Hettlinger, "Living with sex", pág. 46.
59. L. D. Weatherhead, *op. cit.*, Apêndice, pág. 44.
60. *Ibid.*, Apêndice, pág. 53.
61. Revista "The Christian Century", Chicago.
62. A. Austregésilo, *op. cit.*, pág. 191.
63. L. D. Weatherhead, *op. cit.*, Apêndice, pág. 42.
64. A. Austregésilo, *op. cit.*, pág. 195.
65. L. D. Weatherhead, *op. cit.*, Apêndice, pág. 56.
66. A. Austregésilo, *op. cit.*, págs. 148-9.
67. J. Navarro Monzó, "Principios Básicos de la Civilización Moderna".
68. A. Forel, *apud.*, H. Wegener, "Nous les Jeunes", pág. 158.
69. W. Stekel, "A Educação dos Pais", trad. por., pág. 62.
70. M. A. de Vilhena, *op. cit.*, pág. 85.
71. "O Problema Sexual", Rio, 1913, pág. 130.
72. W. Stekel, "Auto-erotism", trad. americ., pág. 39.
73. A. C. Kinsey, *op. cit.*, págs. 238 e 499.

74. *Ibid.*, pág. 525.
75. Sigmund Freud, "Introduction à la Psychanalyse", pág. 371.
76. *Ibid.*, pág. 414.
77. *Ibid.*, págs. 485-6.
78. *Ibid.*, págs. 462-3.
79. M. A. de Vilhena, *op. cit.*, págs. 84 e 98.
80. G. Franceschini, *op. cit.*, pág. 383.
81. W. Stekel, "Auto-erotism", pág. 201.
82. *Ibid.*, pág. 42.
83. *Ibid.*, pág. 42.
84. *Ibid.*, pág. 67.
85. *Ibid.*, pág. 142.
86. *Ibid.*, pág. 148.
87. *Ibid.*, pág. 144.
88. Otto Fenichel, "Teoria psicoanalitica de las neurosis", pág. 100.
89. G. Franceschini, *op. cit.*, pág. 384.
90. P. de Alcântara, *op. cit.*, pág. 96.
91. Mantegazza, *apud*. "O Problema Sexual", Rio, 1913, pág. 129.
92. G. Franceschini, *op. cit.*, pág. 384.
93. M. Alcântara de Vilhena, *op. cit.*, pág. 84.
94. Pierre Vachet, *op. cit.*, pág. 126.
95. P. de Alcântara, *op. cit.*, pág. 96.
96. Berardinelli, "Noções de Biotipologia", pág. 120.
97. *Ibid.*, págs. 135-6.
98. A. C. Kinsey, *op. cit.*, pág. 197.
99. A. Herbert Gray, *op. cit.*, pág. 76.
100. M. Alcântara de Vilhena, *op. cit.*, pág. 80.
101. G. Franceschini, *op. cit.*, págs 374 e 376-7.
102. H. Wegener, *op. cit.*, págs. 159-161.
103. M. Alcântara de Vilhena, *op. cit.*, pág. 93.
104. "Zeitscrift für Psychoanalytische Padagogik", Jan-Marz, 1928, Sonderheft "Onanie", pág. 170.
105. Havelock Ellis, *op. cit.*, vol. I, págs. 263-4.
106. W. Stekel, "Auto-erotism", pág. 123.
107. *Ibid.*, págs. 118, 120, 122.
108. *Ibid.*, pág. 108.
109. Havelock Ellis, *op. cit.*, págs. 262-3.
110. M. A. de Vilhena, *op. cit.*, pág. 93.
111. A. C. Kinsey, *op. cit.*, pág. 521.
112. A. Herbert Gray, *op. cit.*, pág. 75.
113. M. A. de Vilhena, *op. cit.*, pág. 81.
114. Havelock Ellis, *op. cit.*, vol. I, pág. 383.
115. *Ibid.*, pág. 234.
116. A. C. Kinsey, *op. cit*ı, pág. 181.
117. Zeitschrift, *op. cit.*, pág. 119-120.

118. *Ibid.*, pág. 121.
119. *Ibid.*, págs. 135 e 138.
120. Otto Fenichel, *op. cit.*, págs. 120 e seg.
121. A. Forel, *op. cit.*, págs. 225 e 226.
122. Oskar Pfister, "The Psychoanalytic Method", págs. 538, 555.
123. K. Friedlander, "Psiconalisis de la delincuencia juvenil, pág. 78.
124. Zeitschrift, *op. cit.*, págs. 136 e 137.
125. *Ibid.*, pág. 142.
126. A. Austregésilo, *op. cit.*, pág. 118.
127. L. D. Weatherhead, *op. cit.*, pág. 159.
128. P. de Alcântara, *op. cit.*, pág. 61.
129. I Epístola aos Coríntios, 7:8, 9.
130. Decano W. R. Inge, *op. cit.*, pág. 310.
131. S. Freud, *op. cit.*, pág. 238.
132. Zeitschrift, *op. cit.*, pág. 127.
133. Pierre Vachet, *op. cit.*, pág. 143.
134. G. Franceschini, *op. cit.*, págs. 489-90.
135. Pierre Vachet, *op. cit.*, pág. 138.
136. Havelock Ellis, *op. cit.*, vol. I, pág. 316.
137. B. B. Lindsay e W. Evans, "Companionate Marriage", pág. 310.
138. A. C. Kinsey, *op cit.*, pág. 508.
139. W. Stekel, "Auto-erotism", pág. 203.
140. Pierre Vachet, *op. cit.*, pág. 144.
141. O. Pfister, *op. cit.*, pág. 156.
142. A. Forel, *op cit.*, págs. 224 e 226.
143. Havelock Ellis, *op. cit.*, págs. 359-360.
144. M. S. Calderone, "The Release of Sexual Tension", cap. 14.
145. Herbert Gray, *op. cit.*, pág. 58.
146. A. C. Kinsey, *op. cit.*, pág. 513.
147. *Ibid.*, pág. 499.
148. A. Forel, *op. cit.*, pág. 436.
149. Durand-Pallot, carta, de 13-2-1919.
150. Frank Duperrut, "Le Christianisme de l'Avenir", pág. 106.
151. Zeitschrift, *op. cit.*, pág. 172.
152. L. D. Weatherhead, *op. cit.*, pág. 161.
153. *Ibid.*, pág. 169.
154. A. Alcântara de Vilhena, *op. cit.*, pág. 95.
155. O. Pfister, *op. cit.*, pág. 566.
156. Marie Bonaparte, "De la prophylaxie infantile des névroses", pág. 31.
157. Havelock Ellis, 7.º vol. dos Estudos de Psicologia Sexual, trad. bras., pág. 114.
158. S. Freud, *op. cit.*, pág. 372.

159. A. C. Kinsey, *op. cit.*, pág. 212.
160. Fritz Kunkel, art. do "Christian Century", de 20 out. 1948.
161. A. Austregésilo, *op. cit.*, pág. 134, e H. Gray, *op. cit.*, pág. 76.
162. A. Austregésilo, *op. cit.*, págs. 137 e seg.
163. L. D. Weatherhead, *op. cit.*, pág. 177.
164. Decano W. R. Inge, *op. cit.*, págs. 321-2.
165. R. W. Sockman, *op. cit.*, pág. 143.
166. H. Leenhardt, "Le Mariage Chrétien", págs. 85 e seg.
167. W. Stekel, "La Impotencia en el Hombre", pág. 255.
168. *Ibid.*, pág. 571.
169. M. Steichen Calderone, *op. cit.*, cap. 14.
170. Théodore Bovet, "Le Mariage, ce Grand Mystère", pág. 51.
171. W. Stekel, "A Educação dos Pais", trad. port., pág. 62.
172. Théodore Bovet, *op. cit.*, pág. 52.
173. *Ibid.*, pág. 65.

IMPRENSA METODISTA
compôs e imprimiu
Estrada do Vergueiro, 1301
São Bernardo do Campo
Estado de São Paulo

- Encara desassombradamente os conflitos entre a natureza sexual do rapaz e a Moral Cristã.

- Oferece uma orientação prudente para o jovem idealista resolver os problemas do sexo.

- É um livro que se recomenda não só aos jovens como aos pais e aos guias religiosos.

DO AUTOR

ASSIM FALOU DEUS — introdução ao profetismo, explicando as origens e graduações da revelação bíblica.

Conteúdo:

I — As comunicações divinas no Velho Testamento.
II — O profetismo hebreu.
III — O messianismo.

O LIVRO DE ISAÍAS — texto atualizado, acompanhado de notas explicativas e introduções, obra baseada em abalisados comentadores. Própria para o culto devocional ou o doméstico.

* * * *

Produção e Distribuição da

IMPRENSA METODISTA
Caixa Postal 8051
São Paulo